

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1. UMA ANÁLISE BÍBLICA E TEOLÓGICA DA IRA	13
1.1 COMPREENSÃO BÍBLICA DA IRA	13
1.2 A ESSÊNCIA DA IRA PECAMINOSA.....	15
1.2.1 Intencionalidade e integralidade	15
1.2.2 A ira como juízo moral idólatra	16
1.3 O CORAÇÃO E A IRA	18
1.4 A IRA E OS DESEJOS HUMANOS	20
1.5 OS FRUTOS DA IRA	22
2. UMA ANÁLISE BÍBLICA E TEOLÓGICA DA IDOLATRIA	24
2.1 A ORIGEM DA IDOLATRIA	26
2.2 IDOLATRIA COMO ADULTÉRIO.....	28
2.3 A IDOLATRIA NA CULTURA	30
2.4 IDOLATRIA – UMA COSMOVISÃO.....	31
2.4.1 Distorções das motivações	33
2.4.2 A idolatria distorce a fé	36
2.4.3 A idolatria distorce a ética.....	40
2.4.4 A Idolatria endurece corações	42
3. IDOLATRIA E IRA PECAMINOSA	45
3.1 Justiça Própria	46
3.2 Juízos temerários.....	47
3.3 Motivações e desejos egoístas	47
3.4 Orgulho de realizações	48
3.5 Avareza.....	49
3.6 Inveja	49
3.7 Cobiça.....	50
3.8 Hipocrisia	50
3.9 Tolice	51
3.10 Escarnecimento	52
3.11 Murmuração.....	53

3.12 Desejo de Vingança	53
3.13 Falsa Religiosidade.....	54
4.ABORDAGENS POSSÍVEIS PARA O TRATO DA IRA IDÓLATRA	55
4.1 PSICOLOGIAS E AS ESCRITURAS	55
4.2 LINHAS DE ACONSELHAMENTO E AS ESCRITURAS	58
4.2.1 Modelo biopsicossocial e a ira	59
4.2.2 O cuidado pastoral e a ira.....	62
4.2.3 O aconselhamento cristão e a ira.	64
4.2.4 A Psicologia cristã e a ira.....	68
5 – ABORDAGEM BÍBLICA PARA O TRATO DA IRA IDÓLATRA	72
5.1 PRINCÍPIOS BÍBLICOS.....	74
5.1.1 Suficiência das Escrituras.....	74
5.1.2 Reconhecimento da pecaminosidade humana	76
5.1.3 Centralidade de Cristo	78
5.1.4 A dependência do Espírito Santo	79
5.1.5 A Glória de Deus como alvo	81
5.2 FATORES ENVOLVIDOS NO PROCESSO	82
5.2.1 O conselheiro.....	82
5.2.2 O Indivíduo	83
5.3 MODELO REDENTIVO.....	85
5.4 MÉTODO – UMA EXPOSIÇÃO DA PRÁTICA.....	86
5.4.1 Redenção da mente.....	87
5.4.2 Redenção dos afetos	90
5.4.3 Redenção da vontade	92
5.5 PROCESSO.....	93
5.5.1 Finalidade do aconselhamento redentivo.	95
5.5.2 Propósito do aconselhamento redentivo.....	98
5.6 A IMPORTÂNCIA DA IGREJA LOCAL	104
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108

INTRODUÇÃO

Deus criou todas as coisas a partir do nada e tudo era muito bom. Não existia qualquer tipo de desordem, dor ou sofrimento até que Satanás trouxe a desobediência. O homem acreditou que poderia ter o mesmo conhecimento do Criador sobre o bem e o mal¹ e, desta forma, a desobediência e a idolatria passaram a fazer parte da experiência humana². Grudem resume bem essa situação ao afirmar que Eva, ao duvidar da Palavra de Deus, atingiu a base de todos os padrões morais³.

A idolatria é uma doença espiritual do coração que vai além de prostrações diante de bezerros de ouro e distorce valores que se alojam no coração⁴ e dirigem a vida. A idolatria não é apenas um pecado individual, mas também é um pecado cultural que determina comportamentos e valores pela pressão moral que exerce. Ela provoca sérias distorções na forma como se enxerga realidade e gera referenciais que podem levar à ira pecaminosa se forem violados.

Jones afirma que a ira pecaminosa é a expressão de um juízo moral contra um mal percebido que é manifestada a partir de uma resposta ativa que envolve todo o ser humano⁵. Esse é o ponto que faz com este pecado seja uma expressão da idolatria, pois faz o homem acreditar que pode se colocar no lugar de Deus como legislador e como emissor de juízos morais. A ira pecaminosa se manifesta a partir de um profundo sentimento de rancor acompanhado de emoções pecaminosas, comentários depreciativos ou sarcásticos e palavras e atitudes que têm por objetivo ferir as pessoas⁶.

Jesus se irou⁷ e, por isso, nem toda ira é pecado. A ira legítima visa a glória de Deus, é dotada de autocontrole e resulta da percepção de um mal moral⁸. A ira pecaminosa é a reação natural de um coração caído e se diferencia da ira legítima

¹ Cf. Gn 3.5.

² MEISTER, Mauro. **A Origem da Idolatria**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 24. Segundo Meister, esse foi o momento exato em que nasceu a idolatria.

³ GRUDEM, Wayne. **A Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 405.

⁴ Cf. Ezequiel 14:3,4

⁵ JONES, Robert D. **Ira: Arrancando o mal pela raiz**. São Paulo: Nutra, 2010. p.15.

⁶ Ibid, p.19.

⁷ Cf. Jo 2.13-16.

⁸ JONES, op. cit., p. 38-39.

por estar centrada nos desejos egoístas do homem. A solução passa pelo desenvolvimento da obediência por amor a Deus⁹.

DELIMITAÇÃO DO ASSUNTO

A idolatria e os seus efeitos no coração serão analisados. A idolatria faz com que o coração humano se torne contrário ao Criador e com que a ira pecaminosa se torne a defesa mais natural dos ídolos criados para a satisfação de desejos pecaminosos¹⁰.

As Escrituras fornecem todas as informações necessárias para a compreensão e o trato da ira pecaminosa. A ira será tratada dentro da sua integralidade e como uma emoção moral que vai além das visões que a classificam apenas como um sistema de crenças ou como uma questão meramente comportamental – teóricos cognitivos e behavioristas respectivamente¹¹.

Alguns pecados associados à ira serão analisados para que princípios bíblicos sejam propostos. Outros tópicos serão abordados que tangenciam estes temas e se referem às influências sociais na formação dos ídolos e as prescrições humanistas para o trato da ira.

OBJETIVOS

O coração é enganoso e perverso¹², levanta seus próprios ídolos¹³ e direciona a vida humana¹⁴. É do coração que procedem todos os maus desígnios que contaminam o homem e é o coração que deve ser transformado. Esta transformação requer poder, sabedoria, misericórdia e amor exclusivos do Criador que agem somente por meio da sua Palavra e, por isso, a solução para as mazelas da alma somente pode ser encontrada nas Escrituras.

Este trabalho possui alguns objetivos. A ira pecaminosa será diferenciada da ira justa e terá as suas formas de manifestação descritas. Uma compreensão mais ampla da idolatria será apresentada a partir da sua análise nas Escrituras.

⁹ MEISTER, op. cit., p.47.

¹⁰ PRIOLO, Lou. *Filhos irados: uma abordagem bíblica*. 2. ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018, p.131.

¹¹ JONES, Robert D. op. cit., p.19-20.

¹² Cf. Jr 17.9.

¹³ Cf. Ez 14.3-4.

¹⁴ Cf. Mt 6.21.

O relacionamento da ira com a idolatria e os seus efeitos danosos nos relacionamentos serão analisados bíblica e teologicamente.

O objetivo final desta pesquisa é o de propor aplicações pastorais e bíblicas que tratem da ira e de suas raízes idólatras a partir de uma aplicação ampla do Evangelho¹⁵.

FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

O homem é melhor compreendido dentro da grade: Criação, Queda e Redenção. A desobediência no jardim do Éden foi a decisão de colocar em dúvida o caráter do Criador. Esse pecado causou uma completa inversão dos valores e Deus, de criador e sustentador, passou a ser aquele que tiraria a liberdade humana e o homem, de criatura passou a ser o seu próprio soberano.

A existência de vários soberanos leva inevitavelmente a conflitos que revelam o coração. É no conflito que as emoções se descontrolam, os desejos se tornam imperativos, a realidade é distorcida, o ego toma o lugar que pensa ser seu e as respostas de um coração irado aparecem.

O aconselhamento bíblico deve promover uma mudança no coração. A referência não pode ser definida por quem é avaliado, ainda mais, se este alguém é um pecador. Torna-se, portanto, absolutamente necessário que seja estabelecido um padrão externo ao homem e este padrão é o revelado pelas Escrituras. O uso de padrões artificiais leva a mudanças também artificiais, periféricas e, sobretudo, prejudiciais. Somente Deus pode definir novos princípios de vida¹⁶ e novos propósitos.

Considerando as assertivas acima, resume-se que o principal problema que esta pesquisa pretender resolver é: Como tratar um coração idólatra e irado a partir do Evangelho?

O Evangelho é o único instrumento utilizado pelo Espírito Santo para regenerar o coração e para conformar o homem à imagem de Cristo e, por isso, deve ser considerado como suficiente. Adams traz uma reflexão importante quando questiona quais outras fontes poderiam realizar mudanças de modo que

¹⁵ GOMES, Wadislau Martins. **Aconselhamento Redentivo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. A aplicação ampla do Evangelho se refere a proposta do Aconselhamento Redentivo feita por Wadislau Martins Gomes e que será melhor explicitada no tópico que trata sobre o referencial teórico deste trabalho.

¹⁶ Cf. 2Co 5.17.

Deus seja agradado¹⁷: Seriam aquelas que tentam trazer uma pretensa autonomia do homem em relação ao seu Criador? O apóstolo Paulo responde ao exortar os cristãos a terem suas mentes renovadas para que experimentem a boa e agradável vontade de Deus¹⁸.

FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE

O coração é o centro que dirige a vida e possui várias dimensões que operam de forma integrada. A mente, os afetos e a vontade são as dimensões que compõem o coração e que precisam ser biblicamente categorizadas. A fé, a esperança e o amor são o trinômio dinâmico que move o coração e formam a base para que o Evangelho possa ser aplicado de forma plena¹⁹.

A hipótese que se pretende provar é que o Evangelho aplicado ao coração de forma plena é suficiente para tratar das raízes idólatras da ira, bem como dos seus frutos.

JUSTIFICATIVA

É fato notório que vivemos num mundo caído. Meister destaca que o homem recebeu todas as condições para cumprir o propósito de adorar ao Criador, no entanto, tentou assumir o seu lugar e, com isso, a idolatria perverteu a ordem criada. A falsa espiritualidade da idolatria é o resultado de uma teologia equivocada e gera uma ética torpe que se materializa em comportamentos autocentrados²⁰.

O estudo da idolatria permite a compreensão dos comportamentos do povo de Deus ao longo da história da redenção. A idolatria promove uma desorganização da vida em torno do ego que assume a função de sustentador, protetor e criador de valores e crenças e passa, desta forma, a gerar outros pecados²¹.

O idólatra escolhe como referencial de justiça aquilo que é mais conveniente aos seus propósitos egoístas e com isso seus julgamentos se tornam seletivos e parciais. A ira pecaminosa é a resposta natural na defesa destes propósitos e cria

¹⁷ ADAMS, Jay E. **Teologia do Aconselhamento Cristão**. CE: Ed Peregrino, 2016. p.14.

¹⁸ Cf. Rm 12.2.

¹⁹ Este parágrafo é um resumo da tese que sustenta o referencial teórico deste trabalho e que terá por base a proposta de GOMES, Wadislau Martins. **Aconselhamento Redentivo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

²⁰ MEISTER, op. cit., p.55.

²¹ BEALE, G.K. **Você se torna aquilo que adora: Uma teologia bíblica da idolatria** - São Paulo: Vida Nova, 2014. p.138.

oportunidades para que outros pecados sejam enraizados. Quanto mais tempo demorar para se debelar a ira, mais grave se tornará a situação espiritual da pessoa.

O fato de que o pecado desorganiza a existência não é considerado pelas diversas abordagens que concorrem com o aconselhamento bíblico. Uma compreensão mais profunda e abrangente do significado de ser um seguidor de Cristo na área de cuidado da saúde mental, portanto, é necessária e este é o propósito deste trabalho.

METODOLOGIA

O conhecimento teológico parte do princípio de que as verdades reveladas são infalíveis e está diretamente relacionado a fé individual²². Este é um desafio para os teólogos, pois como é possível desenvolver uma pesquisa teológica se o que move as descobertas é exatamente a dúvida? A pesquisa teológica, no entanto, não é diferente das demais pesquisas pois, também, parte da dúvida. O que a diferencia é a qualidade da dúvida. A pesquisa teológica busca as respostas para os principais problemas da vida e parte da certeza da infalibilidade das Escrituras. As respostas alcançadas são passíveis de verificação e não podem ser encontradas fora da certeza de que a palavra de Deus oferece.

Este trabalho é uma pesquisa teológica e possui um caráter teórico, descritivo, explicativo e exploratório. Neste trabalho, haverá uma descrição do que tem sido abordado sobre a ira pecaminosa. O trabalho, também, irá descrever como que a idolatria é tratada nas Escrituras a partir da intertextualidade deste tema, como apresentado por Beale²³. O relacionamento orgânico entre a idolatria e o pecado da ira e a forma com que a ira não tratada leva a uma série de outros pecados serão explicados biblicamente. A literatura atual será explorada para direcionar os esforços propositivos que este trabalho pretende empreender. A base para esta exploração teórica será a proposta de aconselhamento redentivo de GOMES Wadislau que é o referencial teórico deste trabalho.

²² CRUZ, Carla. *Metodologia Científica: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Axel Books do Brasil. p. 33.

²³ BEALE, G.K. op. cit., p. 22-34.

REFERENCIAL TEÓRICO

A busca pelo propósito da existência tem gerado respostas diversas ao longo dos séculos. Alguns tentam definir o homem em relação ao meio em que vive, outros em relação aos impulsos biológicos, outros ainda em relação às suas necessidades mais básicas. Essas respostas excluem o Criador e criam padrões distorcidos de interpretação da realidade. O homem, no entanto, é um ser criado e contingente que somente pode ser compreendido a partir do que foi revelado pelo seu Criador e, por isso, uma antropologia teoreferente é necessária.

Os conselheiros bíblicos precisam se posicionar de forma coerente com o adjetivo que os qualificam e o aconselhamento redentivo, com suas premissas teoreferentes, será apresentado como uma resposta. A defesa que Gomes faz de que o homem só pode ser verdadeiramente conhecido a partir do seu Criador²⁴ traz implicações importantes para a definição dos pressupostos e dos métodos do aconselhamento.

O propósito de um aconselhamento baseado nas Escrituras é o de tornar a pessoa mais parecida com Cristo²⁵ e isto implica numa aplicação ampla do Evangelho no processo. O aconselhamento redentivo se baseia na verdade absoluta de que somente o poder de Deus é capaz de transformar e renovar a mente humana, que o problema básico do homem é o pecado e que o ser humano, por ser a imagem de seu Criador, é um ser redimível. Essas premissas evitam que o aconselhamento se transforme numa mera busca por conselhos humanos e colocam a autoridade das Escrituras no centro do processo²⁶.

O conselheiro bíblico deve considerar as Escrituras como a guardiã, a bússola e a fonte de exemplos que fornecerão luz para a situação caída do homem²⁷, pois somente a Palavra de Deus com seus princípios direcionadores pode lidar com as complexidades de uma alma caída. Os modelos usados na psicologia, por exemplo, formulam explicações sobre a natureza, motivações, comportamentos e impulsos sem considerar a questão do pecado que é a maior causa das complexidades da vida. O aconselhamento bíblico redentivo, por outro

²⁴ GOMES, op. cit., p.15.

²⁵ Cf. Rm 8.28-29.

²⁶ GOMES, loc.cit.

²⁷ GOMES, op. cit., p.10.

lado, considera que uma releitura das ciências humanas a partir das Escrituras e a redenção das terapias seculares é uma questão ética²⁸.

O aconselhamento redentivo lida com a complexidade das experiências humanas de forma efetiva a partir do conceito de afetos do coração. Este conceito envolve a interação contínua entre a mente, a emoção e a volição. O pensamento provoca emoções e leva a ações, as emoções não prescindem do pensar e resultam em ações e as ações provocam emoções e devem ser planejadas²⁹. O aconselhamento redentivo considera que o coração caído possui uma motivação contrária a Deus³⁰, apesar de ter sido criado para glorificar o Criador³¹ e, por isso, o aconselhamento deve partir dessa possibilidade de redenção.

O coração humano é o centro do ser e é bastante complexo.

Meu filho, escute as minhas palavras; preste atenção aos meus ensinamentos. Não deixe que eles se afastem dos seus olhos; guarde-os no mais íntimo do seu coração. Porque são vida para quem os encontra e saúde para todo o seu corpo. De tudo o que se deve guardar, guarde bem o seu coração, porque dele procedem as fontes da vida. Afaste de você a falsidade da boca e mantenha longe de você a perversidade dos lábios. Que os seus olhos olhem direito, e que as suas vistas se fixem no que está diante de você. Faça plana a vereda de seus pés, para que todos os seus caminhos sejam retos. Não se incline nem para a direita nem para a esquerda; afaste os seus pés do mal³². Pv 4.20-27

Neste texto, Waltke ilustra essa complexidade quando aponta para uma situação paradoxal em relação à dinâmica volitiva do coração³³, pois ao mesmo tempo que os olhos e os ouvidos definem o que vai moldar o coração, o próprio coração decide o que vai ver e ouvir.

As afeições do ser são o segundo conceito que sustenta o aconselhamento redentivo. Essas afeições movem o homem interior e são compostas pelo trinômio dinâmico: fé, esperança e amor. Cada um destes entes tem um funcionamento próprio, mas, ao mesmo tempo, não funcionam de forma isolada. Deus criou o homem com essas afeições de forma que o funcionamento da mente, da vontade e das emoções sejam o resultado da operação dinâmica

²⁸ GOMES, op. cit., p.9.

²⁹ Ibid, p.36.

³⁰ Cf. Rm 1.21.

³¹ Cf. Is 43.7.

³² BRASIL, Sociedade Bíblica do. **Bíblia Sagrada Nova Almeida - Atualizada**. Sociedade Bíblica do Brasil. Edição do *Kindle*.

³³ WALTKE, B. K. **Provérbios**. 1. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011. v.1. p.142.

e integrada dessas afeições. O foco do aconselhamento redentivo, portanto, é o de aplicar o Evangelho na totalidade do ser considerando tanto os afetos do coração quanto as afeições do ser de forma dinâmica.

As Escrituras revelam que o conhecimento de Deus sustenta as afeições humanas e definem o conhecimento que o homem deve ter de si mesmo e de toda a realidade subjacente. A fé, que vem pelo ouvir a Palavra de Deus, traz amadurecimento espiritual e, com ele, a capacidade de falar a verdade em amor³⁴ e a esperança de nos tornarmos mais parecidos com Cristo. O conhecimento de Cristo traz um tipo de amor onde todas as demais coisas se tornam insignificantes quando comparadas ao ganho inestimável de lhe conhecer, traz a esperança da ressurreição e faz com que o homem se baseie tão somente na justiça que vem de Deus pela fé³⁵.

As Escrituras, também, revelam que aqueles que aceitam a Palavra de Deus (fé) e guardam os mandamentos no coração (esperança), o inclinam ao entendimento e experimentam o prazer de conhecer o Senhor³⁶. Aqueles que conhecem a Cristo se tornam filhos de Deus³⁷ e, com isso, um novo princípio de vida passa a governar a vida tornando-os uma nova criatura³⁸. A esperança cristã não se baseia em sentimentos, filosofias, força de pensamento ou em algum tipo de mentalização das coisas boas que atraiam energias positivas. A esperança que vem do conhecimento de Deus é firme e a promessa é grandiosa, pois o que está prometido não é nada menos de que os cristãos se tornarão participantes da natureza divina³⁹.

O aconselhamento redentivo não é uma nova escola, mas uma proposta de compreensão do homem a partir de Deus. A compreensão correta do que Deus revelou acerca da essência do homem é necessária. O homem não é um ser com diversos compartimentos como alma, corpo e espírito, ou id, ego e superego, ou ainda emoção, mente e volição. O homem, em que pese a sua diversidade funcional, é definido como uma unidade orgânica – uma alma vivente⁴⁰. A abordagem de um ser compartimentado pode contribuir para alguns

³⁴ Cf. Ef 4.13 -15.

³⁵ Cf. Ef 3.3 -11.

³⁶ Cf. Pv 2.1-10.

³⁷ Cf. Jo 1.12.

³⁸ Cf. 2Co 5.17.

³⁹ Cf. 2Pe 1.4.

⁴⁰ Cf. Gn 2.7.

estudos da personalidade, mas faz com que a dinâmica e a complexidade do ser humano sejam perdidas de vista. A unidade orgânica do homem com a sua diversidade funcional e a integração dos afetos do coração e das afeições do ser são a base deste referencial⁴¹

Essa compreensão integrada do homem é um aspecto importante para a aplicação do Evangelho de forma ampla como é a proposta do aconselhamento redentivo. O homem é movido pelas suas afeições que englobam a totalidade do seu ser e que o habilitam a se relacionar com Deus, com o mundo e com as pessoas⁴². Essas afeições são a base para a busca do conhecimento, determinam a volição e se tornam mais visíveis a partir das emoções que são a expressão do coração em relação a Deus. A compreensão do homem a partir destes conceitos facilitará a aplicação do Evangelho de forma ampla e relevante no aconselhamento e este será o propósito deste trabalho.

ESTRUTURA DO TRABALHO

No primeiro capítulo será apresentada uma revisão da literatura com o objetivo de contextualizar teoricamente as análises e propostas desta pesquisa. É necessário que a ira pecaminosa seja diferenciada da ira justa e que o aspecto moral deste pecado seja evidenciado. Os frutos da ira e o seu relacionamento com os desejos pecaminosos do coração serão referenciados teoricamente.

O segundo capítulo apresentará a forma abrangente como que as Escrituras tratam a idolatria. Este tema que é desenvolvido ao longo de toda a revelação, se inicia na queda com Adão e Eva que tentam se tornar seus próprios deuses, caminha pelo Pentateuco com o povo vivendo sempre no limite entre a fidelidade prometida e a infidelidade praticada, é relatada de forma veemente tanto nos livros históricos quanto nos profetas, e segue por todo o Novo Testamento⁴³.

No terceiro capítulo as raízes idólatras da ira e algumas formas de manifestação desse pecado serão analisados. Deus colocou a eternidade no coração do homem⁴⁴ e somente Ele pode dar sentido real à vida humana. A substituição do Criador por coisas criadas como referência para a vida faz com

⁴¹ GOMES, Wadislau Martins. op. cit., 135.

⁴² Ibid, p. 54.

⁴³ Este capítulo terá como base a obra de BEALE G K: Você se torna aquilo que adora, mas não se restringirá a ela.

⁴⁴ Cf. Ec 3.11.

que o homem passe a interpretar a realidade de forma distorcida, deixe de buscar a semelhança com Cristo e passe a refletir a futilidade dos ídolos⁴⁵. A consequência direta são os desejos pecaminosos que encontram na ira a sua guardiã. Será investigado, também, o papel que as raízes idólatras exercem no aprofundamento das consequências da ira quando esta não é tratada.

O quarto capítulo evidenciará a importância que uma compreensão correta da ira pecaminosa possui para que o aconselhamento bíblico alcance seu propósito de conformar a pessoa à imagem de Cristo. Algumas abordagens reduzem a ira a uma reação inata e desencadeada pelo contexto hostil ou a uma simples reação às frustrações inerentes à vida humana. Autores também classificam a ira em função de suas possíveis causas biológicas ou emocionais⁴⁶. São diversas as possibilidades apresentadas e cada uma delas será confrontada a partir dos resultados que apresentam em relação ao trato da ira pecaminosa.

Estes capítulos servirão como um suporte para o alcance do objetivo final de apresentar princípios bíblicos e algumas aplicações pastorais para o trato da ira pecaminosa.

⁴⁵ MEISTER, Mauro. op. cit., p.16.

⁴⁶ COLINS, Michael. **Aconselhamento Cristão Edição Século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2005. p.144-145.

1. UMA ANÁLISE BÍBLICA E TEOLÓGICA DA IRA

As tentativas humanas para a compreensão da ira estão presentes na literatura desde os primórdios da civilização ocidental. Sêneca, intelectual contemporâneo de Jesus Cristo, já tratava desse traço da humanidade⁴⁷:

O melhor é prover obstáculos para vícios conhecidos e, antes de tudo, dispor a alma de tal modo que, mesmo atingida por fatos adversos e súbitos, ela não sinta ira ou, quando esta se origina da gravidade de uma injúria inesperada, ela a reprima no fundo do peito e não confesse sua indignação. Ficará evidente que é possível fazê-lo se eu apresentar uns poucos exemplos, dentre uma multidão imensa, a partir dos quais se pode aprender estas duas coisas: quanto mal traz a ira quando ela se serve de todo o poderio de gente influente; e quanto pode dominar a si mesma quando se viu oprimida por um medo maior.

O caráter destrutivo da ira é patente aos olhos do mundo. Não é necessário que haja alguma iluminação espiritual para perceber os perigos e as dificuldades que a ira traz para a saúde emocional das pessoas. No entanto, uma identificação correta e um trato eficaz da ira requer que haja uma compreensão bíblica. A Bíblia é uma fonte rica de ensinamentos que revela quem é o homem a partir da revelação do seu Criador que concedeu tudo o que é necessário para uma vida de piedade⁴⁸.

1.1 COMPREENSÃO BÍBLICA DA IRA

As Escrituras apresentam excelentes referências para que a ira seja compreendida. Powlison afirma que Deus deseja que aprendamos sobre a ira e que, por isso, as Escrituras tratam dela de forma tão ampla⁴⁹. A essência da mensagem de Salmos e de Romanos é que não se pode compreender o amor de Deus sem que se compreenda a sua ira⁵⁰, pois é o amor de Deus pela sua própria glória que O levou a se irar contra o pecado. Os profetas, também, tratam desta verdade. Um exemplo vem do profeta Isaías, que revelou a ira de Deus

⁴⁷ SÊNeca. *Sobre a Ira, Sobre a Tranquilidade da Alma. Diálogos*. São Paulo: Cia das Letras, 2014. p. 23.

⁴⁸ Cf. 2Pe 1.3.

⁴⁹ POWLISON, David. *Como compreender a ira. Coletâneas de aconselhamento bíblico*. São Paulo: Atibaia. Seminário Bíblico Palavra da Vida. v. 5 p. 60.

⁵⁰ Ibid, p. 63.

como uma consequência da rebelião de Judá⁵¹. A ira divina é revelada como uma resposta necessária contra o mal que assola a criação⁵².

Powlison ressalta que a ira de Deus é pelo seu povo e não contra ele e deve ser considerada como uma prova inequívoca de amor⁵³. O Evangelho revela que a ira de Deus que caiu sobre o único inocente que já pisou nesta terra nos livrou de suportar toda a sua ira contra o pecado⁵⁴. O amor de Deus também é demonstrado pela purificação que a sua ira promove como instrumento de seu juízo. O profeta Ezequiel reforça este caráter misericordioso do Criador quando revela que Deus não tem prazer na morte do perverso, mas que deseja, tão somente, que o pecador se arrependa e viva⁵⁵. O caráter justo do Criador foi revelado quando Deus rejeitou sacrifícios religiosos externos que lhe causavam náuseas. Deus requer apenas que o seu povo se santifique, remova seus pecados e parem de fazer o mal⁵⁶.

O apóstolo Paulo apresentou uma preocupação recorrente com o modo de viver cristão⁵⁷ e revelou que a ira pode se tornar uma porta aberta para o Diabo⁵⁸. Salomão, por sua vez, revelou que o tolo derrama toda a sua ira e que o sábio se domina e a reprime⁵⁹. Controlar a ira é uma forma de autonegação e o negar a si mesmo é uma ordem explícita de Cristo, cuja obediência é um requisito absolutamente necessário para a vida cristã⁶⁰. O comportamento cristão deve ser pautado pelo fruto que o Espírito produz: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio⁶¹ que é o oposto daquilo que vem de um coração irado como Powlison ressalta⁶².

A ira humana pecaminosa e a justiça de Deus estão em lados opostos⁶³, pois somente Deus sabe ao certo a quem deve destinar a sua ira⁶⁴. A tendência do homem, por outro lado, é a de ser dominado por sentimentos de retaliação e

⁵¹ Cf. Is 1.5-8.

⁵² Cf. Rm 1.18, Jo 3.36.

⁵³ POWLISON, David. op. cit., p. 62.

⁵⁴ Cf. Rm 8.31-33.

⁵⁵ Cf. Ez 33.11.

⁵⁶ Cf. Is 1.16-17.

⁵⁷ Cf. Rm 12.1-2.

⁵⁸ Cf. Ef 4.26.

⁵⁹ Cf. Pv 29.11, 19.19, 29.22.

⁶⁰ Cf. Lc 9.23-25.

⁶¹ Cf. Gl 5.22.

⁶² POWLISON, David. op. cit., p.64.

⁶³ Cf. Tg 1.19-20.

⁶⁴ Cf. 1Rs 11.9 e 2Rs 17.18.

de seguir o modelo da ira de Satanás que está a favor de seus próprios anseios. O cristão, no entanto, deve ter um coração perdoador e não ser um jardim para raízes de amargura⁶⁵. Hendriksen afirma que cada cristão deve tentar dirigir a sua ira contra seus próprios pecados, pois ao dirigir ao outro terá dificuldade em separar o pecado do pecador e facilmente terá a sua ira transformada em ódio e ressentimento⁶⁶.

Iniciar uma discussão a partir da Palavra de Deus serve para mostrar que há um aspecto moral envolvido que é essencial na discussão sobre a ira, aspecto este que servirá para direcionar este trabalho.

1.2 A ESSÊNCIA DA IRA PECAMINOSA

O homem possui uma dignidade e uma complexidade ímpares em relação ao restante da criação que deve ser bem compreendida para que o pecado seja tratado de forma efetiva. A concepção que se tem do homem determina como o pecado será tratado. Visões humanistas colocam o homem no centro e tiram a vitalidade do conceito de pecado. Uma visão bíblica, por outro lado, coloca Deus no centro e o pecado como o maior problema do ser humano. As Escrituras definem o homem como um ser que ganhou vida a partir de um sopro divino nas suas narinas e isto fez do homem um ser totalmente derivado e dependente do seu Criador. Deus é o centro, o homem veio de Deus e o homem voltará para Deus e, por isso, a ira como um pecado deve ser vista sob esta perspectiva para que possa ser bem compreendida.

1.2.1 Intencionalidade e integralidade

A ira se caracteriza por uma intencionalidade e uma integralidade. A ira, segundo Jones, é: “nossa resposta ativa e integral de juízo moral negativo contra um mal por nós percebido”⁶⁷. Tal definição possibilita a compreensão de diversas dimensões deste pecado. Primeiro, o fato de ser uma resposta ativa reforça a ideia de que é uma ação intencional contra o outro. A intencionalidade envolve dolo e reflete a perversidade do coração. Em segundo lugar, afirmar que a ira envolve todo o ser significa que cognições, afetos e volições são mobilizados⁶⁸.

⁶⁵ Cf. Hb 12:15.

⁶⁶ HENDRIKSEN, W. *Efésios e Filipenses*. 3. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, p. 258-259

⁶⁷ JONES, Robert D. op. cit., *Ira. Arrancando o mal pela raiz*. Esta é a tese principal deste livro.

⁶⁸ JONES, Robert D. op. cit., p.19.

Os teóricos cognitivos reduzem a ira a um sistema de crenças e os behavioristas a reduzem a reações e comportamentos. A Palavra de Deus, no entanto, apresenta uma abordagem bem mais ampla e possibilita que a ira seja tratada em todas suas dimensões, sejam as emoções, os pensamentos, as crenças, as motivações, as percepções, os desejos, a cognição, a volição e os comportamentos⁶⁹. A abordagem bíblica é bem mais abrangente e, por isso, mais eficaz no trato da ira.

A ira é um ato intencional e não deve ser resumida a uma simples emoção ou a um traço de personalidade. Powlison afirma que a ira é algo que se faz contra alguém com a intenção declarada de destruir e envolve todo o ser, sejam os seus pensamentos, as palavras, as atitudes, o julgamento, a razão, a consciência e a mente⁷⁰. Esta intencionalidade e integralidade estão presentes, também, na ira divina que visa destruir o mal, já a intencionalidade humana é fruto das motivações idólatras do coração que, ao tentar satisfazer seus desejos egoístas, se mostra capaz de destruir pessoas ou coisas que se coloquem como obstáculo.

Powlison define a ira pecaminosa como “uma iniquidade criativa não aprendida que revela que a depravação distorceu todos os aspectos da natureza humana”⁷¹. Um destes aspectos é o relacionamento interpessoal que passou a ser pautado pelo egoísmo. O egoísmo leva o homem a desobedecer à verdade e a obedecer à injustiça e, por isso, se torna merecedor da ira e da indignação divina⁷². O egoísmo é um pecado com forte teor relacional e, assim como a ira, se baseia na justiça própria, dispara acusações contra o próximo e visa obter o que deseja a qualquer custo. A Ira, portanto, é interpessoal e se manifesta em todos os níveis relacionais, seja no casamento, na família, na igreja ou no trabalho.

1.2.2 A ira como juízo moral idólatra

As situações em que a ira se manifesta variam na forma e na gravidade. Pode ser um pai que pune um filho por estar fora de seus padrões até alguém que se julga mais justo que o próprio Criador e acaba assassinando seu irmão

⁶⁹ Ibid, p. 20.

⁷⁰ POWLISON, David. op. cit., p.61-68.

⁷¹ Ibid, p.71.

⁷² Cf. Rm 2:8.

como foi o caso de Caim⁷³. A história de Caim foi a primeira vez que as Escrituras relatam um homem afrontando o Criador nos seus padrões de justiça. Caim se irou porque não foi aceito por Deus e ao invés de voltar atrás e fazer o que era certo, insistiu no erro e acabou assassinando o seu irmão. O começo de tudo foi o padrão de justiça estabelecido pelo próprio homem.

Jones ressalta que a ira não se manifesta apenas contra pessoas, mas pode ser manifestada também contra o próprio Deus⁷⁴. A ira é uma forma de idolatria porque leva a criatura a julgar o Criador a partir de padrões humanamente estabelecidos⁷⁵. A lei moral de Deus, no entanto, é perfeita⁷⁶ pois contempla tudo o que deve ser feito sem que haja qualquer possibilidade de adição ou subtração⁷⁷.

A história de Herodias revela o que um coração idólatra e irado pode fazer para fazer valer seus padrões de justiça. Herodias odiava João Batista e queria matá-lo e, ao convencer sua filha a dançar para Herodes, já sabia aonde queria chegar. A ira dela foi motivada pela denúncia do seu pecado e pela violação dos referenciais de justiça por ela estabelecidos. O resultado foi a decapitação do maior homem nascido de mulher⁷⁸.

Powlison, também, defende que a ira é um ato moral. A ira pecaminosa não é uma substância ou uma coisa dentro da pessoa. O entendimento da ira como um fluido interno quente e emocional ou como um demônio que ocupa um espaço são ideias comuns, mas enganosas e eliminam o seu caráter moral⁷⁹. A ira será considerada santa ou pecaminosa em função dos limites estabelecidos pela Palavra de Deus. Jones afirma que o homem, como a imagem e semelhança de Deus, tem a capacidade de se irar contra um mal praticado e, por isso, a ira nem sempre será um pecado⁸⁰. No entanto, o que se observa é que a intencionalidade da ira humana, muitas vezes, não é o combate a uma violação da Lei de Deus, mas sim o combate a uma violação de leis criadas pelo próprio homem.

⁷³ Cf. Gn 4.5.

⁷⁴ JONES, Robert D. op. cit., p.151.

⁷⁵ Ibid, p.131.

⁷⁶ Cf. Sl 19.7.

⁷⁷ Cf. Dt 4.2.

⁷⁸ Cf. Mc 6.14-25.

⁷⁹ POWLISON, David. op. cit., p.84.

⁸⁰ JONES, Robert D. op. cit., p.26.

A ira pecaminosa possui motivações que são geradas no coração, portanto, para que possa ser tratada de forma efetiva é importante que a sua relação com o coração seja bem conhecida.

1.3 O CORAÇÃO E A IRA

As Escrituras ressaltam a importância do coração para a vida espiritual e o definem como a sede do intelecto, dos sentimentos e da vontade⁸¹. O rei Salomão identificou o coração como o centro que dirige a vida e que, por isso, deve ser alvo de todo o cuidado⁸². Jesus, ao tratar deste tema, ensinou que onde estiver o tesouro ali também estará coração⁸³.

O coração é revelado como a sede do intelecto em várias passagens das Escrituras. Deus, na época de Noé, viu que todos os pensamentos e propósitos humanos eram sempre e inteiramente maus⁸⁴. O Espírito Santo revelou, por meio de Salomão, que o coração é o órgão espiritual responsável pela reflexão e pela ponderação⁸⁵. Waltke afirma que uma das ênfases do livro de provérbios é destacar que o coração se destina a discernir e levar à ação⁸⁶. O coração é onde reside a sabedoria e o conhecimento⁸⁷ e quando uma pessoa demonstra falta de discernimento, as Escrituras afirmam que lhe falta coração⁸⁸. O coração, também, é onde ocorre o planejamento das ações e das decisões⁸⁹

O coração é a sede dos sentimentos ou afetos. Os filhos de Jacó, ao se encontrarem com José – o irmão que eles haviam vendido – tiveram seus corações desfalecidos quando foram acusados de terem roubado dinheiro do Faraó⁹⁰. O livro de provérbios é rico em explicações sobre o significado do coração. Salomão revela que: “a ansiedade no coração pode abater alguém, mas que uma boa palavra traz alegria”⁹¹, como também afirma que: “o coração

⁸¹ KASCHEL, W. & Zimmer, R. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

⁸² Cf. Pv 4.23.

⁸³ Cf. Mt 6.21.

⁸⁴ Cf. Gn 6.5.

⁸⁵ Cf. Pv 24.12.

⁸⁶ WALTKE, B. K. op. cit., p.141, 142.

⁸⁷ Cf. Pv 2.10.

⁸⁸ Cf. Pv 10.13.

⁸⁹ Cf. Pv 6.14 -18; 16.9.

⁹⁰ Cf. Gn 42.28.

⁹¹ Cf. Pv 12.5.

conhece a sua própria amargura e da alegria que ele sente os estranhos não poderão participar”⁹².

As Escrituras revelam que o coração determina as decisões e as ações do indivíduo. O salmista afirma que aqueles que obedecem e buscam a Deus de todo o coração são felizes⁹³. Um exemplo bem conhecido onde o coração é revelado como o centro da vontade pode ser visto quando Faraó, ao ter seu coração endurecido por Deus, decidiu perseguir os israelitas⁹⁴ ou quando o povo foi movido no seu coração a levar as ofertas até a tenda do encontro⁹⁵. Jeroboão decidiu fazer dois bezerros de ouro com medo de que o povo se voltasse contra ele e fossem adorar na casa do Senhor em Judá⁹⁶.

O Antigo Testamento considera que o coração é o centro que governa o ser humano e utiliza um mesmo termo para as diversas dimensões que estruturam o ser humano. Na língua portuguesa, não existe um termo único para lidar com realidades tão diversas, por isso é importante uma boa compreensão do que realmente significa o coração.

O texto abaixo revela como as Escrituras definem o funcionamento do coração:

O coração alegre embeleza o rosto, mas com a tristeza do coração o espírito se abate. O coração sábio busca o conhecimento, mas a boca dos insensatos se alimenta de estupidez. Para quem está aflito, todos os dias são maus, mas a vida de quem tem o coração alegre é uma festa contínua. Pv 15.13-15

A separação do coração nas suas funções de governo do intelecto, dos sentimentos e da vontade é meramente didática, pois o coração assim como a alma humana opera todas essas funções de forma concomitante. No texto acima, por exemplo, o mesmo coração que abate o espírito, busca o conhecimento.

O maior problema humano, portanto, é que o centro dos seus pensamentos, sentimentos e vontade é descrito pelas Escrituras como extremamente enganoso e perverso. Priolo defende que o principal fundamento da ira pecaminosa é a perversidade do coração. Um coração perverso é naturalmente contrário a Deus e voltado apenas para seus desejos pecaminosos

⁹² Cf. Pv 14.10.

⁹³ Cf. Sl 119.2.

⁹⁴ Cf. Êx 14.5.

⁹⁵ Cf. Êx 35.21.

⁹⁶ Cf. 1Rs 12.27.

e que, por isso, se torna exigente e cruel⁹⁷. Essa perversidade faz com que a ira funcione como um catalisador de vários pecados como raiva, discussões agressivas, argumentações tendenciosas, violência, crueldade, discórdia, amargura e vingança⁹⁸.

Existe um componente de idolatria na ira pecaminosa. Priolo, também, afirma que a tentativa humana de governar seu próprio destino é uma forma grave de rebeldia contra Deus⁹⁹. A consequência é que o idólatra passa a considerar qualquer coisa ou pessoa que se coloque diante de seus objetivos como um mal a ser combatido e usa da ira para isso. A principal evidência da idolatria é a disposição de pecar contra Deus porque a pessoa, muitas vezes, ama e deseja alguma coisa mais do que o próprio Deus¹⁰⁰. Essa é uma abordagem muito útil para este trabalho, pois evidencia a ira como a resposta natural de um coração idólatra que peca para conseguir alcançar os seus objetivos.

O fato de que um coração ser voltado para seus próprios desejos faz dele um coração perverso é reforçado pelo apóstolo Paulo:

Mas, por ser teimoso e ter um coração impenitente, você acumula contra si mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade; incorruptibilidade; mas ira e indignação para os egoístas, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça. Rm 2.5-8.

Neste texto é revelado que não há meio termo, ou o homem tem Deus como o centro de seu coração ou será objeto da ira divina como juízo pela sua perversidade. Uma vida cristã autêntica, no entanto, como Bridges afirma deve ser caracterizada pela devoção a Deus que é constituída pelo temor, amor e desejo de Deus¹⁰¹.

1.4 A IRA E OS DESEJOS HUMANOS

Existe uma relação muito próxima entre os desejos humanos e o conteúdo do coração, pois os desejos são a face mais visível do que há no coração. Jesus

⁹⁷ PRIOLO, Lu. *Filhos irados: uma abordagem bíblica*. 2. ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018. Esta é a principal tese desta obra que foi desenvolvida no sétimo capítulo – O que há no coração da ira?

⁹⁸ Ibid, p.23

⁹⁹ Ibid, p.28

¹⁰⁰ Ibid, p.132.

¹⁰¹ BRIDGES, Jerry. *Exercita-se na piedade*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2016. p.25.

adverte que não se deve desejar os tesouros desta terra, mas sim os do céu porque o coração vai para onde os desejos apontam¹⁰². Os desejos direcionam a alma humana contra tudo ou todos que se coloquem como obstáculo e a ira é a resposta mais imediata quando os desejos são contrariados.

Os desejos humanos não são neutros, pois são a favor ou contra Deus. O salmista pede que Deus frustrasse os desejos do ímpio para que eles não alcancem seus propósitos¹⁰³, como também afirma que Deus satisfará os desejos daqueles que se agradam do Senhor¹⁰⁴. Jesus afirma que quem não é por Ele, é contra Ele e quem com Ele não ajunta, espalha. Salomão afirma que devemos guardar o coração porque dele procedem as fontes da vida. Jesus, certa vez, acusou os fariseus de serem filhos do diabo por quererem satisfazer os desejos satânicos de assassinato¹⁰⁵. Sam afirma que as emoções são, tanto respostas a experiências vivenciadas, como causas para nos mover em direção a fins específicos e que, por isso, não são neutras, pois são a favor do indivíduo ou a favor dos propósitos de Deus¹⁰⁶.

O apóstolo Tiago estabelece uma relação muito clara entre as manifestações de ira e a pecaminosidade dos desejos humanos. As Escrituras revelam que as guerras e as brigas são originadas nos prazeres que estão em conflito dentro das pessoas. O apóstolo afirma que os homens: “cobiçam e nada têm; matam e sentem inveja, mas nada podem obter; vivem a lutar e a fazer guerras. Nada têm, porque não pedem; pedem e não recebem, porque pedem mal, para esbanjarem em seus prazeres”¹⁰⁷. Fiel a esta abordagem, Jones afirma que a ira nasce de desejos enraizados e desordenados que dominam o coração¹⁰⁸ e que, por isso, a pessoa se volta contra qualquer pessoa ou coisa que se coloque como obstáculo para a sua satisfação¹⁰⁹. Desejos não satisfeitos são perigosos e podem levar até mesmo ao assassinato. As Escrituras nos chocam com a realidade com que apresentam a natureza humana. O homem é

¹⁰² Cf. Mt 6.19 -21.

¹⁰³ Cf. Sl 140.8.

¹⁰⁴ Cf. Sl 37.4.

¹⁰⁵ Cf. Jo 8.44.

¹⁰⁶ SAM R, William. *Teologia das emoções. Um Abordagem*. Dokimos, São Paulo: Nutra, 2005. v. 1. p.11-43.

¹⁰⁷ Cf. Tg 4.1-3.

¹⁰⁸ JONES, Robert D. op. cit., p.74.

¹⁰⁹ Ibid, p. 22, 27, 29, 30.

mau, perverso e inimigo do seu Criador. A ira é a semente do homicídio e aparece quando nossos desejos não são satisfeitos¹¹⁰.

Jones observa que a origem da ira está nas mentiras que acreditamos sobre nós mesmos ou em desejos egoístas que nos controlam¹¹¹ e que, uma vez não tratados, produzem seus frutos.

1.5 OS FRUTOS DA IRA

O pecado não tratado tende a se aprofundar, criar raízes e dar frutos. A ira não tratada levará a outras formas de pecado, arruinará relacionamentos e trará sérios prejuízos para a vida emocional, espiritual e física do indivíduo. A forma de se evitar que isso aconteça é considerar a ira pecaminosa como algo que deve ser combatido.

A ira pecaminosa, às vezes, é compreendida apenas como mais um traço da personalidade ou como algo normal dentro dos relacionamentos. Bridges, no entanto, defende que as Escrituras não compactuam com essa interpretação, pois Deus ordena que a ira pecaminosa seja retirada de nossa vida¹¹². O livro de Efésios sustenta esta posição:

Que não haja no meio de vocês qualquer amargura, indignação, ira, gritaria e blasfêmia, bem como qualquer maldade. Pelo contrário, sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoados uns aos outros, como também Deus, em Cristo, perdoou vocês. Ef 4.31-32

O livro de Efésios pode ser dividido em duas partes. A primeira metade, composta dos três primeiros capítulos, trata da identidade espiritual do cristão e a segunda que descreve como deve ser uma vida coerente com esta identidade. Este texto revela que existe uma clara oposição entre um modo ímpio de viver que é caracterizado por raiva, ira, amargura e calúnia e um modo piedoso de vida definido por bondade e compaixão.

A carta aos colossenses revela que a ira anda muito mal acompanhada e atrai a ira de Deus. O apóstolo Paulo, fiel ao seu estilo de usar a Palavra para trazer confronto e conforto, destaca alguns pecados que caracterizam um estilo de vida pecaminoso e terreno. São eles: a imoralidade sexual, a impureza, a paixão sensual, os desejos maus e a ganância, que é idolatria. E acrescenta que

¹¹⁰ JONES, Robert D. op. cit., p. 58/67/93.

¹¹¹ Ibid, p. 27.

¹¹² BRIDGES, Jerry. **Pecados Intocáveis**. São Paulo: Vida Nova, 2012. p.125.

é por causa desses pecados que surge a ira de Deus. Os cristãos, no entanto, devem se livrar da ira, da raiva, da maldade, da maledicência e da linguagem obscena, da mentira e se revestirem da nova natureza à medida que aprendem a conhecer seu Criador¹¹³.

Bridges traz uma interpretação interessante para a clássica advertência do apóstolo Paulo com relação à ira¹¹⁴. Esse autor afirma que quando Paulo escreveu: “Fiquem irados e não pequem. Não deixem que o sol se ponha sobre a ira de vocês, nem deem lugar ao diabo”¹¹⁵, não estava dando uma permissão para a ira. O modo imperativo desta frase é o simples reconhecimento de que os seres humanos se iram, no entanto, uma vez que a ira foi identificada, deve haver a decisão imediata de se livrar dela. A segunda parte deste versículo que afirma que não devemos deixar o sol se pôr sobre a nossa ira sustenta essa posição.

Estas advertências bíblicas alertam sobre o perigo do aprofundamento da ira e Bridges elenca alguns dos seus frutos¹¹⁶. O ressentimento, por exemplo, é a ira internalizada que normalmente leva à autocomiseração. A pessoa entra num ciclo vicioso onde a lembrança da ofensa se torna uma companheira fiel que a incapacita a tomar atitudes firmes de mudança. O ressentimento se transforma em amargura e animosidade, cuja tendência é a de crescimento e de apodrecimento. A amargura é um pecado que traz sofrimento no mais profundo da alma. Judite e Basamate – as duas esposas hetéias de Esaú – se tornaram amargura de espírito para Isaque e Rebeca¹¹⁷. Jó, quando contende com Deus, fala em angústia do espírito e amargura da alma¹¹⁸. Além do sofrimento, a amargura leva a pessoa a amaldiçoar o próximo¹¹⁹ o que a conduz a um cárcere auto imposto por causa da sua maldade¹²⁰.

A amargura corrói a alma, mas pode não atingir outras pessoas de forma tão direta, como faz a inimizade. A inimizade é uma revelação mais clara da ira pela hostilidade que é demonstrada. As atitudes contrárias são claramente intencionais e deliberadas e possuem o objetivo de ferir e de denegrir. A

¹¹³ Cf. Cl 3.5-10.

¹¹⁴ BRIDGES, Jerry. op. cit., p.126.

¹¹⁵ Ef 4.26-27.

¹¹⁶ BRIDGES, Jerry. op. cit., O autor descreve as consequências da ira no Capítulo 16.

¹¹⁷ Cf. Gn 26.35.

¹¹⁸ Cf. Jó 7.11.

¹¹⁹ Cf. Rm 3.14.

¹²⁰ Cf. At 8.23.

consequência mais imediata é a contaminação do ambiente e a evolução natural é o estado de ódio que se não for debelado, leva às divisões. Facções nas igrejas têm trazido consequências bastante nefastas para o progresso do Evangelho.

Os cristãos não estão imunes aos perigos da ira não tratada. Jesus adverte que o cristão que se irar contra seu irmão trará sobre si o mesmo juízo que cairá sobre um assassino¹²¹. O apóstolo Paulo, também, adverte aos cristãos a vencerem o mal com o bem e a deixarem a vingança com o próprio Deus¹²².

As Escrituras estabelecem um padrão quando tratam do pecado. A instrução ocorre sempre de maneira substitutiva, de forma que a atitude pecaminosa seja substituída por uma atitude piedosa e assim deve ser no aconselhamento. A pessoa deve ser confrontada no seu pecado para em seguida ser confortada pela esperança que uma mudança real pode trazer.

As consequências citadas da ira evoluem em gravidade com o tempo. A instrução bíblica é para que haja arrependimento o quanto antes e que novos padrões de comportamento evidenciem a mudança do coração. O apóstolo Pedro ao perguntar a Jesus quantas vezes deveria perdoar a seu irmão, recebe uma resposta baseada na matemática celestial de Jesus: setenta vezes sete foi a resposta¹²³. Jesus não quer nos ensinar que um irmão deve ser perdoado quatrocentas e noventa vezes, mas sim que deve ser perdoado sempre. Este é o antídoto contra o mal que a ira não tratada pode trazer para os relacionamentos e para o seio da igreja.

2. UMA ANÁLISE BÍBLICA E TEOLÓGICA DA IDOLATRIA

A compreensão do pecado da idolatria é importante para que o conselheiro possa tratar as raízes idólatras da ira de forma efetiva. O coração usa a ira para defender os seus ídolos e a crucificação de Cristo é o maior exemplo desta verdade. Os fariseus estudavam minuciosamente as Escrituras que apontavam para o Messias e desejavam a vida eterna¹²⁴, no entanto, o ídolo da religiosidade impediu que reconhecessem o próprio Deus encarnado. Os líderes religiosos se iraram ao ponto de matarem o autor da vida.

¹²¹ Cf. Mt 5.21-22.

¹²² Cf. Rm 12.19-21.

¹²³ Cf. Mt 18, 21, 22.

¹²⁴ Cf. Jo 5.39-40.

Deus é o Primeiro e o Último e não há outro Deus semelhante a Ele. Ele é o Deus que estabeleceu seu povo e que lhes anunciou seus propósitos eternos. Ele convoca seu povo como suas testemunhas de que não há outro Deus além dele. Deus é o Senhor da história e a unidade da história é inseparável da soberania de Deus que prediz o futuro e faz com que tudo aconteça tal como foi determinado¹²⁵.

Deus chama de tolos aqueles que fabricam seus próprios deuses e afirma que sofrerão terror e vergonha. O idólatra é aquele tipo de tolo que faz para si um deus para adorar e para o livrar. Estupidez, ignorância e cegueira espiritual profundas são os atributos com os quais Deus caracteriza um idólatra. O idólatra se alimenta de cinzas, engana a si mesmo e confia em algo que não pode ajudá-lo¹²⁶. O idólatra, mesmo diante da beleza e da grandeza do Universo, não é levado a admirar o seu Criador e desconsidera a necessidade de dependência e de reverência que são consideradas como superstições inúteis frente aos desafios do mundo real.

A idolatria desorienta e corrompe crenças, valores e demais potencialidades humanas, sejam estas: os pensamentos, a comunicação ou as emoções e produz efeitos relacionais severos¹²⁷. A rebelião do homem contra o seu Criador provocou um desastre de proporções cósmicas que colocou toda a criação sob o domínio do pecado. A natureza humana e todas as suas criações estão contaminadas pela rebelião idólatra, pois, sociedades, filosofias e psicologias tiraram Deus do centro e criaram ídolos à sua própria imagem.

As ciências humanas são reflexo dessa realidade distorcida onde Deus não é o centro. A compreensão da idolatria está imersa nesse caldo contaminado por terapias seculares que devem ser redimidas pela mudança dos pressupostos para que haja uma releitura das ciências humanas a partir das Escrituras¹²⁸. As narrativas humanas buscam relativizar questões eternas e dar sentido e propósito para a vida, ensinando crenças, sistematizando dogmas, encarnando os mitos e os valores de uma cultura¹²⁹ e possuem, em comum, a tentativa de

¹²⁵ OSWALT, J. *Isaías*. 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011. v.2. p. 219.

¹²⁶ Cf. Is 44.6-20.

¹²⁷ PLANTINGA, Cornelius. *Não era para ser assim. Um resumo da dinâmica e natureza do pecado*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998. p. 16.

¹²⁸ GOMES, op. cit., p.9.

¹²⁹ Esta é uma das principais teses de GODOWA, Brian. *Cinema e Fé Cristã: vendo filmes com sabedoria e discernimento*. Viçosa, Mg: Ultimato, 2004.

demonstrar a pretensa capacidade humana de superar as questões ligadas à vida e à morte de forma divorciada do Criador.

As cosmovisões antibíblicas têm aprisionado as pessoas dentro de padrões, de interpretação da realidade, falsos e reducionistas caracterizados por um elevado nível de pluralismo filosófico e teológico, onde o conceito de verdade absoluta é tido como sectário e defensável apenas por pessoas que possuem visões limitadas de mundo. O resultado é um reforço do estado de rebelião e um distanciamento do padrão criacional. É necessário, portanto, que as Escrituras sejam examinadas na profundidade com que apresentam as verdades espirituais e eternas, pois existe uma relação direta entre conhecer as Escrituras e conhecer o poder transformador de Deus¹³⁰.

A idolatria é um traço característico do coração caído e somente uma atuação divina pode libertar o homem. O objetivo deste capítulo é apresentar uma análise bíblica e teológica que inclui a origem da idolatria, a tipificação deste pecado como adultério e a sua influência cultural. A compreensão da idolatria como uma cosmovisão e a forma como o coração é endurecido por este pecado encerrarão este capítulo. Estes aspectos auxiliarão na proposição dos princípios necessários para que um processo de aconselhamento seja efetivo no trato com as raízes idólatras da ira pecaminosa.

2.1 A ORIGEM DA IDOLATRIA

As bases da idolatria foram lançadas quando Satanás desejou o lugar de Deus¹³¹, o que ajuda a entender a dimensão e a gravidade desse pecado. O diabo é alguém que tenta, acusa, calunia, ataca, mata e é, também, um inimigo poderoso, astuto e incansável. Satanás possui um modo de agir que lhe é peculiar e que, embora engane a muitos, é muito bem descrito pelas Escrituras. O seu principal alvo é a Palavra de Deus e isto pode ser observado nas suas duas principais atuações, seja no Éden com Adão e Eva quando saiu vitorioso, seja no deserto com Jesus quando foi derrotado exatamente por aquilo que atacava - a Palavra de Deus.

Meister ressalta que o homem recebeu todas as condições para cumprir o propósito de adorar ao seu Criador. Essas condições incluíam: a liberdade de

¹³⁰ Cf. Mat. 22.29.

¹³¹ Cf. Is 14.13-14 - Satanás desejou ser Deus.

se alimentar de todos os frutos - inclusive da árvore da vida que estava no meio do jardim; a preciosa companhia feminina; uma autoridade delegada para governar a criação e de uma integridade moral pela ausência do mal¹³². A decisão, porém, foi a de tentar assumir o lugar do Criador¹³³. Essa desobediência impactou todas as dimensões da vida pois fez com que o mundo ficasse muito diferente daquele que foi criado. A compreensão da queda é necessária para a compreensão da realidade da vida e, conseqüentemente, da fé cristã¹³⁴, pois o sentido da vida humana, quer se reconheça ou não, deve ser a restauração do relacionamento com o Criador.

Beale apresenta a intertextualidade deste tema ao longo dos dois Testamentos¹³⁵. No Antigo testamento, por exemplo, a futilidade dos ídolos foi denunciada pela forma substantiva do termo que significa bolinhas de excremento ou objeto defecado¹³⁶. Este termo reflete o vazio espiritual que é preenchido pela atuação demoníaca¹³⁷. A futilidade da idolatria, também, é revelada no NT na primeira carta aos Coríntios onde Paulo revela que os ídolos são nada¹³⁸.

O idólatra, ao desconsiderar o que Deus falou sobre si mesmo, sofre severos danos na sua saúde espiritual pois é impedido de acessar o único recurso que pode lhe trazer esperança e soluções reais. Meister afirma que a idolatria causa uma ética torpe e uma falsa espiritualidade que são os frutos de uma teologia sem Deus¹³⁹. A rejeição a Deus traz, também, sérios danos à saúde emocional como a vergonha e a transferência de culpa que foram inauguradas na queda¹⁴⁰.

O conselheiro deve considerar cuidadosamente os pressupostos e os métodos de abordagens que desconsiderem a Palavra de Deus como o centro do aconselhamento, pois se o fizerem estarão apenas reforçando o mal que

¹³² As condições aqui citadas, que foram citadas por Meister em: A origem da idolatria, agravam a situação do homem diante de Deus e compõe a ordem criada que foi pervertida pela idolatria.

¹³³ MEISTER, Mauro. **A origem da idolatria**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 22.

¹³⁴ HELM, P. **A Providência de Deus**. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2003. p. 84.

¹³⁵ BEALE, op. cit., p. 23. A intertextualidade do tema da idolatria nas Escrituras é desenvolvida ao longo de toda esta obra. Ver páginas: 26, 37, 141, 214, 278.

¹³⁶ Ibid, p. 303, 304.

¹³⁷ Ibid, p. 152.

¹³⁸ Cf. 1Co 8.4.

¹³⁹ Esta relação entre ética, espiritualidade e teologia foi bem desenvolvida como a tese de A origem da idolatria.

¹⁴⁰ Cf. Gn 3.10-12.

pretendem combater. A gravidade da idolatria não pode ser minimizada no processo de aconselhamento, principalmente quando consideramos que as Escrituras a tratam como uma forma de adultério espiritual.

2.2 IDOLATRIA COMO ADULTÉRIO

O livro de Oséias revela que a idolatria é uma forma explícita de adultério espiritual. O termo *πορνευω* (*porneuo*) significa: “prostituição do corpo em prol da concupiscência de outro, entrega a relações sexuais ilícitas, cometer fornicação” e é um termo usado como uma metáfora para o idólatra¹⁴¹.

O primeiro capítulo de Oséias revela o juízo de Deus contra a infidelidade de Israel e apresenta os principais personagens, quais sejam: Deus que é representado por Oseías com seu amor, misericórdia, fidelidade e longanimidade; a esposa infiel Gômer que representa o povo da aliança e por fim, o resultado desta infidelidade que é o juízo de Deus representado pelos nomes que são dados aos filhos deste relacionamento:

Quando, pela primeira vez, o SENHOR falou por meio de Oséias, o SENHOR lhe disse: — Vá e case com uma prostituta, e tenha com ela filhos de uma prostituta. Porque a terra se prostituiu, desviando-se do SENHOR. Então Oséias foi e casou com Gômer, filha de Diblaim, que ficou grávida e lhe deu um filho. E o SENHOR disse a Oséias: — Ponha nele o nome de Jezreel, porque daqui a pouco castigarei a casa de Jeú por causa do sangue derramado em Jezreel. Vou acabar com o reino da casa de Israel. Naquele dia, quebrarei o arco de Israel no vale de Jezreel. Os 1.2-5.

A comparação do povo da aliança a uma prostituta revela a gravidade e a recorrência do pecado da infidelidade. O grave juízo de Deus fica caracterizado por expressões fortes como *Jezreel* que significa “*Deus espalhará*” que é atribuída ao nome do primogênito como o prenúncio de que Deus fará cessar o reino da casa de Israel. No Antigo Testamento, a prostituição simbolizava a idolatria e a infidelidade¹⁴² e Gômer como uma prostituta, simbolizava a relação de Israel com seu Senhor. Os resultados deste tipo de união são bem representados pelos nomes dos filhos, pois além de Jezreel temos Lo_Ruama que significa “Desfavorecida ou não amada” e Lo-Ami, “Não meu povo”¹⁴³.

¹⁴¹ STRONG, J. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

¹⁴² Cf. Jr 2.3; Ez 16.23.

¹⁴³ WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico expositivo: Antigo testamento**. Profético - Santo André. SP: Geográfica editora, 2006. v. 4 p. 391-392.

A bondade de Deus, no entanto, é revelada quando ordena que seu profeta se case e constitua uma família num ambiente onde reinava o homicídio, a idolatria e a imoralidade. Estes foram séculos da atuação dos reis perversos do Norte que seguiram o pecado do primeiro rei de Israel - Jeroboão I - que se recusou a se arrepender e se voltar para Deus¹⁴⁴. A fidelidade de Deus é mantida pelo amor ao seu próprio nome e revela que sempre existe um elemento redentivo do relacionamento de Deus com o povo da aliança sem que a gravidade do pecado seja desprezada.

A idolatria faz com que a aliança com Deus seja substituída por sacrifícios a ídolos que, na verdade, representam sacrifícios a demônios¹⁴⁵. A gravidade da idolatria reside na comunhão com o mal e traz o juízo como consequência¹⁴⁶. A idolatria não é uma mera troca de reverência, mas sim uma negação e uma rejeição ao único Deus e, portanto, coloca o homem num campo diametralmente oposto ao Criador. Demétrio, ourives que fabricava modelos de prata do templo da deusa grega Ártemis, é um bom exemplo da oposição visceral a Deus que a idolatria cria no coração humano. Este ourives mobilizou o povo contra a pregação de Paulo e se posicionou frontalmente contra o Evangelho¹⁴⁷. A idolatria é a oposição ao Evangelho e, portanto, as raízes idólatras da ira pecaminosa só podem ser combatidas com a aplicação do Evangelho.

O livro de Oséias, como uma profecia, se destina primariamente à instrução, ao encorajamento, ao consolo, à exortação, à repreensão e a denúncia de pecados¹⁴⁸. Um livro e a vida de um profeta dedicados a caracterizar a idolatria como adultério são aspectos importantes a serem considerados para aqueles que estão envolvidos com aconselhamento. Os fatos a serem considerados são que os ídolos exigem a lealdade que é devida somente a Deus, obscurecem a distinção entre o Criador e a criatura e estabelecem uma nova ética, onde valores humanos pervertidos se tornam a norma¹⁴⁹. A idolatria é uma

¹⁴⁴ Cf. 2 Rs 13.16.

¹⁴⁵ Cf. 1Co 8.4-7.

¹⁴⁶ BEALE, op. cit., p. 147/154/173 - Você se torna aquilo que adora: A ideia de idolatria como comunhão com demônios é desenvolvida nessas páginas.

¹⁴⁷ Cf. At 17.24-29.

¹⁴⁸ HUBBARD, David A. **Oséias - Introdução e Comentário**. São Paulo. SP: Vida Nova, 1993. p.60. O gênero literário específico da perícopé acima é uma profecia dramatizada. A profecia dramatizada difere da parábola, porque apesar de ambas utilizarem aspectos materiais e visíveis para ilustrar verdades espirituais, as parábolas são ilustrações montadas. No caso em estudo, trata-se de uma narração de episódios simbólicos, mas reais da vida do profeta.

¹⁴⁹ BEALE, op. cit., p.132.

questão de compromisso de vida e não apenas uma questão comportamental. Idolatria é uma questão de fidelidade aos ídolos e infidelidade ao Criador.

A idolatria escraviza e deve ser objeto da diagnose da alma que somente pode ser curada quando se busca a conformação com a imagem de Cristo¹⁵⁰. O problema é que o aconselhamento está dentre um contexto cultural que Horton denuncia como: “*individualismo consumista da salvação como aperfeiçoamento pessoal*”¹⁵¹. Este autor defende que o cristianismo não tem ido além de uma mera relação sentimental com Cristo, que deixou de ser o Redentor que deve ser temido e adorado e foi reduzido a uma mera fonte de conselhos para se viver melhor consigo mesmo. Este tipo de compreensão do Evangelho limita significativamente o seu poder transformador, pois a qualidade do relacionamento com Cristo é fundamental para que o aconselhado vença a dinâmica espiritual da idolatria.

2.3 A IDOLATRIA NA CULTURA

A idolatria é um pecado amplamente disseminado na cultura desde os tempos bíblicos. O apóstolo Paulo, ao ver ídolos por toda a cidade de Atenas, advertiu os filósofos da época que o Deus que eles diziam adorar sem conhecer era o “Deus que fez o mundo e tudo que nele há¹⁵²”. Já na cultura da mulher samaritana, se afirmava que alguns bezerros de ouro instituídos desde o tempo de Jeroboão eram os deuses a serem adorados¹⁵³. A idolatria, por vezes, se apropriou de estruturas de poder como foi no caso de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego que se recusaram a adorar Nabucodonosor na Babilônia¹⁵⁴.

Lidório define cultura como: “sistemas mais ou menos integrados de ideias sentimentos, valores e padrões associados de comportamentos e produtos, compartilhados por um grupo de pessoas que organiza e regulamenta o que pensa, sente e faz”¹⁵⁵. Essa é uma definição útil para entendermos o contexto atual, pois o que caracteriza o mundo é um conjunto de valores e padrões contrários às Escrituras. O apóstolo João adverte que o mundo é inimigo de Deus

¹⁵⁰ BEALE, op. cit., p.261.

¹⁵¹ HORTON, Michael. **Cristianismo sem Cristo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p.15.

¹⁵² Cf. At 17.16-34.

¹⁵³ Cf. Jo 4.6-20.

¹⁵⁴ Cf. Dn 3.1-18.

¹⁵⁵ LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução a Antropologia Missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 65.

e quem o ama é considerado adúltero¹⁵⁶. O amor a que João se refere é aquele tipo de relacionamento que cria vínculos, comunhão, devoção e que exige lealdade como um estilo de vida¹⁵⁷.

Os ídolos da cultura atual têm se apresentado de formas bem mais sofisticadas do que bezerros ou estátuas de ouro, pois tomam a forma de dinheiro, poder, sexo, posição social, status ministerial, etc.¹⁵⁸. A idolatria eclesiástica, por exemplo, promove uma reverência a estruturas e programas e é uma das formas mais sutis de manifestação deste pecado. Keller faz uma comparação entre a idolatria atual e a da antiguidade ao comparar o culto à Afrodite - deusa do amor - com o preço pago pelas jovens com suas disfunções alimentares em função da preocupação excessiva com a imagem, ou o culto à deusa Ártemis com a negligência da família em troca de riqueza e prestígio¹⁵⁹. O nível de aceitação alcançado pelo pecado da idolatria na sociedade revela o seu perigo, pois diferentemente de alguns pecados socialmente rejeitados, a idolatria não é identificada como algo a ser evitado.

2.4 IDOLATRIA – UMA COSMOVISÃO

As pessoas possuem lentes próprias para enxergarem o mundo e a forma como interpretam a realidade é um componente essencial da sua cosmovisão. Walsh e Middleton defendem que uma cosmovisão é formada por estruturas perceptivas que definem a forma de se interpretar o mundo e que não se resume a um sistema de pensamento filosófico ou teológico¹⁶⁰.

Cosmovisão não é algo novo. Jesus já tratava disso:

Os olhos são a lâmpada do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz; se, porém, os seus olhos forem maus, todo o seu corpo estará em trevas. Portanto, se a luz que existe em você são trevas, que grandes trevas serão. Mt 6.22

Neste texto, Jesus revela que a forma como enxergamos a realidade – cosmovisão - determina a qualidade da nossa vida espiritual e depende mais de

¹⁵⁶ Cf. 1Jo 2.15.

¹⁵⁷ Cf. Tg 4.4.

¹⁵⁸ BEALE, op. cit., 167/168/171/185/190/194/297. Esta ideia foi desenvolvida nessas páginas.

¹⁵⁹ KELLER, Timothy. **Deuses falsos: eles prometem sexo, poder e dinheiro, mas é disso que você precisa?** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010. p. 11.

¹⁶⁰ WALSH, Brian; Middleton, Richard. **A visão transformadora.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p.16

quem a vê do que da realidade propriamente dita. Sire apresenta um conceito de cosmovisão útil para a compreensão da dinâmica da idolatria:

“Uma cosmovisão é um comprometimento, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma história ou um conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser total ou parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas), que detemos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade e que fornece o alicerce sobre o qual vivemos, movemos e possuímos nosso ser.”¹⁶¹

Este conceito aborda as inclinações fundamentais do coração que são tratadas de forma ampla pelas Escrituras. Salomão nos ensina que o homem deve guardar o seu coração acima de tudo, pois é o coração que dirige a vida¹⁶². O profeta Jeremias, que pregava contra a idolatria, alertou o quão perverso e enganoso é o coração caído¹⁶³. O profeta Ezequiel revelou que os homens levantaram ídolos em seu coração e seguiram coisas que os faziam cair em pecado¹⁶⁴. Cosmovisões idólatras criam uma visão da realidade onde o homem é um ser autônomo que não tem a quem prestar contas.

Deus tornou evidente o seu poder eterno e a sua natureza divina por meio de tudo que fez. O ser humano, no entanto, trocou a verdade pela mentira dos ídolos¹⁶⁵ e a realidade básica de que somente em Deus é possível encontrar a verdade que sustenta a vida foi severamente distorcida. O salmista clamou para que Deus o ensinasse nos seus caminhos para que ele vivesse de acordo com a sua verdade com um coração puro e em honra ao seu nome¹⁶⁶, já o idólatra criou seus próprios caminhos que o levam a morte¹⁶⁷. O idólatra inventa ideias tolas, tem a mente obscurecida e confusa e por se acharem sábios, tornam-se tolos¹⁶⁸. A confusão mais perigosa da idolatria é a crença de que os ídolos são a única fonte de sentido e esperança que merecem amor e confiança.

As Escrituras revelam que Deus é a única fonte de toda boa dádiva e de todo dom perfeito¹⁶⁹ e, por isso, é o único digno de confiança, em quem podemos

¹⁶¹ SIRE, James. *O Universo ao Lado Um catálogo básico sobre cosmovisão*. São Paulo: Editorial Press, 2001. p.16

¹⁶² Cf. Pv 4.23

¹⁶³ Cf. Jr 17.9

¹⁶⁴ Cf. Ez 14.3-5.

¹⁶⁵ Cf. Rm 1.19-20.

¹⁶⁶ Cf. Sl 86.11.

¹⁶⁷ Cf. Pv 14.12.

¹⁶⁸ Cf. Rm 1.21-22.

¹⁶⁹ Cf. Tg 1.17.

depositar as nossas esperanças. A esperança do cristão, no entanto, não se baseia em falsas expectativas, mas sim em promessas que não podem falhar. A esperança do cristão não é em algo, mas é no próprio Cristo. O apóstolo Paulo fala de uma esperança confiante naquilo que está reservado no céu que move o homem. A esperança cristã alimenta a fé, sem a qual ninguém é justificado e o amor, sem o qual não há relacionamento com Deus¹⁷⁰. A idolatria, por outro lado, nega o amor, perverte a esperança e distorce a fé.

Fé implica em obediência por amor¹⁷¹. Ao escolher obedecer ao pecado, o homem passa a amar o pecado e o resultado é escravidão e morte. Se a escolha for a obediência a Deus, o resultado é vida e justiça¹⁷². Existe um grande contraste entre os que se deixam levar por seus próprios pensamentos - cosmovisão idólatra - e aqueles que foram ensinados pela verdade que vem de Cristo - cosmovisão bíblica. A diferença é que uns vivem de acordo com pensamentos inúteis e vazios e se tornam ignorantes com o coração endurecido¹⁷³, outros buscam uma nova atitude diante de Deus; os primeiros andam sem rumo e alienados, já os que aprendem de Cristo buscam se revestir de uma nova natureza de forma justa e santa e abandonam a impureza.

Uma visão idólatra de mundo exclui o fato do homem ser uma mera criatura e faz com que o homem passe a enxergar a realidade a partir de si mesmo. Algumas implicações são as distorções das motivações e da fé, a adoção de uma ética torpe e o endurecimento do coração. O reconhecimento destes aspectos é fundamental para o trato das raízes idólatras da ira.

2.4.1 Distorções das motivações

As motivações revelam os ídolos do coração¹⁷⁴ e definem comportamentos, atitudes e prioridades. O motivo pelo qual as pessoas fazem o que fazem é, até certo ponto, mais importante do que aquilo elas fazem. Isto porque as verdadeiras motivações, apesar de nem sempre serem aparentes, são a origem e a causa de todos os demais comportamentos. Motivações e

¹⁷⁰ Cf. Cl 1.4-5.

¹⁷¹ Cf. Rm 1.5 e 1 João 5.3.

¹⁷² Cf. Rm 6.15-16.

¹⁷³ Cf. Ef 4.17-24.

¹⁷⁴ Esta tese é desenvolvida em: *Motivação: Porque faço o que faço?* Tradução e adaptação de *Motives: Why Do I Do The Things I Do?* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 22, n. 1, Fall, 2003. p. 48 a 56. Edward T. Welch.

comportamentos colocam as pessoas a favor ou contra Deus. As passagens bíblicas que alertam sobre esse fato são várias: Deus ou o mundo (Dt. 6.5), pessoas ou Deus (Jr. 17: 5-8), dinheiro ou Deus e o diabo ou o Senhor (1 Jo 3.10), entre outros exemplos.

Os comportamentos são influenciados pelo trabalho incansável de Satanás¹⁷⁵ para que as pessoas continuem a viver para si mesmas, não morram com Cristo e continuem escravas do poder do pecado e de sua influência destruidora¹⁷⁶. Um agravante dessa dinâmica ególatra é que seus efeitos só aumentam com o passar do tempo¹⁷⁷. Cristo não viveu para agradar a si mesmo e mostrou o caminho de volta ao homem¹⁷⁸. Aqueles, no entanto, que insistem em viver para si mesmos são os mesmos que se recusam a obedecer à Lei de Deus e conseqüentemente são levados a uma vida de perversidade¹⁷⁹.

O idólatra, ao invés de buscar a Deus, se contenta com as falsas esperanças que os ídolos oferecem. A relação com deuses substitutos distorce a forma como vivemos, nos movemos e existimos¹⁸⁰. Deus colocou a eternidade no coração do homem¹⁸¹ e qualquer busca por propósito e sentido fora de Deus faz com que o homem passe a enxergar a realidade de uma forma vã. As Escrituras apresentam alguns exemplos de buscas inúteis. Homens queriam adorar Paulo e Barnabé como se fossem deuses quando um paralítico foi curado e foram exortados para que se convertessem das coisas vãs e se voltassem para o Deus vivo¹⁸². Já os fariseus, examinavam cuidadosamente as Escrituras que apontavam para Cristo, no entanto, se recusavam a ir até Ele para terem vida¹⁸³ e assim empreenderam uma busca vã pela vida eterna.

As Escrituras tratam claramente das distorções e dos perigos da idolatria. O apóstolo João, ao revelar que Jesus não foi reconhecido pelo mundo que ele mesmo criou¹⁸⁴, apresentou um exemplo significativo do que é enxergar a realidade sem Deus. O próprio Jesus afirma que o homem, ao escolher crer nas

¹⁷⁵ Cf. 1Pe 5.8.

¹⁷⁶ Cf. Rm 6.7.

¹⁷⁷ BEALE, op. cit., p. 165, 212 e 237. Os efeitos da idolatria ao longo do tempo foram desenvolvidos nessas páginas.

¹⁷⁸ Cf. Ro 15.3.

¹⁷⁹ Cf. Rm 2.8.

¹⁸⁰ O homem foi criado para viver, se mover e existir em Deus. At 17.28.

¹⁸¹ Cf. Ec 3.11.

¹⁸² Cf. At 14.

¹⁸³ Cf. Jo 5.39-40.

¹⁸⁴ Cf. Jo 1.10 -12.

suas próprias regras e ensinar regras humanas como se fossem mandamentos divinos, distorcem a lei de Deus ¹⁸⁵. O exílio foi mais um exemplo pois, apesar de ter sido claramente anunciado, o povo decidiu seguir os desejos distorcidos de seu coração perverso e ignorar o seu Criador¹⁸⁶.

A idolatria aparece constantemente associada a outros pecados¹⁸⁷ e o conhecimento do termo *φαρμακεια* (pharmakeia) é útil neste contexto. Este termo significa: “uso ou administração de drogas, envenenamento, feitiçaria, artes mágicas” e é frequentemente encontrado em conexão com a idolatria como um termo utilizado como metáfora para as seduções e decepções que este pecado provoca¹⁸⁸. Isto ajuda a entender o porquê de um coração idólatra estar disposto a crer em qualquer coisa, desde que não seja a verdade¹⁸⁹.

Todas as distorções, seduções e buscas vãs provocadas pela idolatria resultam numa forma de interpretar a realidade que precisa ser defendida para que os ídolos criados continuem agindo e a defesa mais natural de um coração para seus ídolos é a ira. A ira sai do mesmo lugar onde os ídolos são levantados¹⁹⁰, o que faz com que a idolatria seja protegida por aquilo que ela quer destruir. Esse conhecimento é útil para que o conselheiro perceba o processo de formação das raízes idólatras da ira e, desta forma, tenha mais recursos para tratá-las.

As motivações influenciam os pressupostos e os métodos de aconselhamento daqueles que os propõe e os praticam, e por isso, a fidelidade às Escrituras deve ser constantemente reforçada, para que a inclinação do coração humano em buscar satisfação fora do que Deus determinou seja revertida e que o aconselhamento seja um instrumento de redenção e não um atalho para o juízo de Deus.

O apóstolo Pedro foi enfático ao afirmar que Deus já proveu tudo o que é necessário para que vivamos para Ele¹⁹¹ e, portanto, não se deve buscar nada

¹⁸⁵ Cf. Mt 15.6-9.

¹⁸⁶ O profeta Jeremias foi a boca de Deus desde o reinado de Josias até a queda de Judá nas mãos do povo da Babilônia.

¹⁸⁷ Cf. 1Pe 4.3.

¹⁸⁸ STRONG, J. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

¹⁸⁹ A suficiência das Escrituras para diagnosticar e curar as almas. Coletâneas de aconselhamento. David Powlison. Coletâneas 5. v. 5. p. 6.

¹⁹⁰ Cf. Ez 14.1 -3.

¹⁹¹ Cf. 2Pe 1.3.

além do que Deus já proveu e considerou como suficiente. O conselheiro deve buscar a suficiência nas Escrituras, descobrir aquilo que Deus já proveu e aplicar na sua vida e na vida do seu aconselhado para o fortalecimento da fé.

2.4.2 A idolatria distorce a fé

A idolatria isola o homem do seu Criador e faz com que a satisfação de suas necessidades espirituais passe a ser buscada em ídolos. Esses ídolos passam a receber a confiança, o amor e a obediência devida a Deus em troca de falsas promessas de atendimento dessas necessidades. Estes ídolos, além de não entregarem o que prometem, pervertem a esperança e distorcem a fé. Nesse tópico, alguns ídolos serão categorizados a partir das necessidades que se propõe a satisfazer. As necessidades da alma são diversas, no entanto, trataremos apenas de algumas.

2.4.2.1 Liberdade e autonomia humana

A autonomia humana é um ídolo para suprir a necessidade de liberdade. O existencialismo ateu de Jean Paul Sartre parte do pressuposto da inexistência de Deus. Esta abordagem defende que a existência precede a essência e que o homem nada mais é do que aquilo que Ele faz de si mesmo. Este é o primeiro princípio do existencialismo, ou seja, o homem existe por si só e, por isso, ele mesmo deve definir o seu propósito de vida¹⁹².

O conceito existencialista de liberdade de Sartre (1905-1980) se fundamenta na inexistência de ordens ou valores externos que possam legitimar a conduta do homem, sendo este o único responsável pela definição do que é verdade. Esta definição pretende colocar o homem no patamar mais elevado de liberdade. Outro pensador, bem mais antigo, mas também com uma ideia totalmente antropocêntrica é Espinoza (1632-1677) para quem a liberdade significa agir de acordo com sua própria natureza¹⁹³. Carl Rogers é outro exemplo que, ao trabalhar por doze anos com crianças abandonadas,

¹⁹² TROMBLEY, Stephen. **50 pensadores que formaram o mundo moderno**. Rio de Janeiro:LeYa, 2014. p.255.

¹⁹³ <<https://socientifica.com.br/2018/02/22/o-conceito-de-liberdade-segundo-filosofia/>> acesso em 27 de abril 2019.

desenvolveu a sua abordagem centrada no cliente¹⁹⁴. Segundo esta abordagem, as teorias da personalidade, os modelos de terapia, as mudanças de personalidade e as relações interpessoais são baseadas no pressuposto de que as pessoas são definidas pelas suas próprias experiências e de que estas experiências podem ser a base da reconstrução pessoal.

Os ideais libertários foram bem desenvolvidos, também, por Kant (1724-1804) que defendia que o homem era o criador do seu próprio mundo e que as leis existentes e as relações de causa e efeito só existiam porque eram percebidas pela mente humana. Essa forma de enxergar a vida pode levar a autonomia humana às últimas consequências¹⁹⁵, pois a liberdade passaria a preceder as leis e, portanto, não estaria subordinada a elas. Estes são apenas alguns dos exemplos de argumentos idólatras que visam estabelecer que o homem, e não Deus, é o centro e que a autonomia humana, e não os propósitos de Deus, movem o mundo.

O ídolo da autonomia humana possui uma fundamentação teórica muito sólida, mas como todo falso deus não entrega o que promete. Jesus, no entanto, não apresenta teorias sobre a liberdade, mas apresenta a si mesmo como a Liberdade. Ele afirma que somente aquele que conhece a verdade é liberto¹⁹⁶ como, também, afirma que Ele próprio é a verdade¹⁹⁷ e que somente Ele pode trazer a verdadeira liberdade¹⁹⁸ e, por outro lado, também assevera que fora dele o que há é escravidão e não liberdade¹⁹⁹. Liberdade é um estado que somente o próprio Deus pode promover porque o pecado precisa ser vencido. A autonomia humana é um ídolo que parece trazer liberdade, mas traz apenas escravidão e juízo de Deus.

2.4.2.2 Alegria e prosperidade

A prosperidade é um dos ídolos funcionais para a alegria. Este ídolo possui até uma teologia própria. Com o uso de alegorias, os profetas da prosperidade praticam magia ao tentarem manipular poderes sobrenaturais a

¹⁹⁴ FADIMAM, J e FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. São Paulo, SP. Ed Harper & How do Brasil Ltda. 1979, p. 222-226. As informações sobre a história pessoal de Rogers e os principais pressupostos de sua abordagem foram retirados do estudo introdutório desenvolvido nesta obra.

¹⁹⁵ TROMBLEY, op. cit., p. 32.

¹⁹⁶ Cf. Jo 8.32.

¹⁹⁷ Cf. Jo 14.6.

¹⁹⁸ Cf. Gl 5.1.

¹⁹⁹ Cf. Jo 8.3.

partir de elementos naturais, tais como: o número trezentos e dezoito que simboliza a quantidade de homens de Abraão que foram resgatar Ló e as suas riquezas, som de trombeta e muralha de Jericó, vara de Moisés, cajado de Jacó, avental de Paulo, etc.²⁰⁰.

Frases muito ouvidas no meio evangélico como: “A minha vitória está chegando!”, “Tenho uma promessa!”, “O melhor de Deus está por vir!” ou “Plante fé, colha milagres” ilustram a distorção da fé que esse ídolo promove. Essas frases desconsideram a vitória sobre a morte, a promessa de vida eterna e o próprio Jesus. A fé salvífica vem da esperança de estar com Cristo e anda junto com o amor²⁰¹. Tal fé fechou a boca de leão, apagou chamas de fogo, mas também levou pessoas a serem presas, acorrentadas, apedrejadas e serradas ao meio²⁰². O lado bom e o da dor apontavam para uma vida melhor que não é essa daqui. A fé na prosperidade só faz a pessoa amar a si mesma. A fé bíblica não é para conquistar, mas sim para salvar.

Keller narra uma série de suicídios que ocorreram nos EUA em meados de 2008 durante a crise econômica. Foram vários os casos de pessoas que se revelaram servos fiéis do ídolo da prosperidade que se mostrou eficaz em convencê-las de que ele era a única fonte de sentido e esperança²⁰³. Quando as pessoas se viram privadas dele, nada mais restava a não ser acabar com a própria vida.

O apóstolo Tiago ensina que os cristãos devem ter alegria nas provações²⁰⁴, e Jesus, ao falar das bem-aventuranças, revela o padrão bíblico de felicidade. Alegria verdadeira é aquele tipo de realização plena que não existe porque circunstâncias se tornaram mais favoráveis, mas sim porque, apesar dos infortúnios, o senso de realização está presente:

Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria sempre que passarem por qualquer tipo de provação, pois sabem que, quando sua fé é provada, a perseverança tem a oportunidade de crescer. E é necessário que ela cresça, pois quando estiver plenamente desenvolvida vocês serão maduros e completos, sem que nada lhes falte. Tg 1.2-4.

²⁰⁰ <Monografias.brasilecola.uol.com.br/religiao/a-teologia-prosperidade-uma-proposta-biblica.htm> Acesso em 19 de maio 2020.

²⁰¹ Cf. Cl 1.4-5.

²⁰² Cf. Hb 11.

²⁰³ KELLER, op. cit., p.10.

²⁰⁴ Cf. Tg 1.

A alegria para o cristão é real porque mudanças de caráter são experimentadas e não porque as coisas necessariamente estejam bem, já a felicidade, segundo os padrões humanos, se baseia num conjunto de circunstâncias favoráveis que devem estar alinhadas com propósitos individuais. Esta definição é reforçada pelas abordagens idólatras em que é a criatura e não o Criador quem define o propósito da vida. As Escrituras, no entanto, não tratam deste tipo de felicidade. O padrão bíblico é o das bem-aventuranças e de alegria nas provações onde não são as circunstâncias que devem ser transformadas, mas sim o caráter. Não são os propósitos egoístas que devem ser alcançados, mas sim os propósitos eternos de Deus de nos transformar à semelhança de Cristo.

2.4.2.3 Paz e relacionamentos

O coração humano precisa de paz e a única fonte verdadeira é um relacionamento de adoração com o Criador. O coração do idólatra por não ter a Deus como fonte de paz, passa a buscar a paz que necessita em outros relacionamentos. Os casos em que cônjuges, filhos e amigos são eleitos como ídolos são bem ilustrativos destas distorções. O resultado são decepções, frustrações e, em alguns casos, sérias doenças emocionais.

A idolatria dos relacionamentos pessoais parasita a teologia bíblica. A teologia dos relacionamentos como fonte de paz é muito bem estabelecida. Jesus afirma que a obediência por amor a Deus e a paz andam juntas²⁰⁵. A paz que vem de Deus excede todo o entendimento²⁰⁶, não é encontrada no mundo e é o resultado de um relacionamento de amor a Deus que envolve o coração, a alma e a mente.²⁰⁷

A dificuldade para que esse relacionamento que traga a paz verdadeira seja estabelecido é que a obediência é exigida. Adão viveria se obedecesse e desobedeceu. Cristo morreria se obedecesse e obedeceu. A obediência traz a paz porque é a diferença entre a vida e a morte. Obediência e a paz verdadeira andam juntas, já a paz falsificada não exige obediência e esse é o caminho que a idolatria oferece.

²⁰⁵ Cf. Jo 14.21-27.

²⁰⁶ Cf. Fp 4.7.

²⁰⁷ Cf. Mc 12.30.

2.4.3 A idolatria distorce a ética

Existe uma relação muito próxima entre a teologia e os valores que compõe a ética de uma pessoa. Meister afirma que a falsa espiritualidade da idolatria produz uma ética torpe²⁰⁸ ao inverter valores, anular raciocínios, endurecer corações e tornar o homem surdo e cego para as verdades espirituais²⁰⁹. A ética e a moral são conceitos normalmente considerados intercambiáveis, no entanto, apontam para realidades distintas. A ética define quais padrões de comportamento são corretos, já a moral descreve os padrões efetivamente praticados. Ao misturar os conceitos, aquilo que é descritivo se torna imperativo e a ética passa a ser redefinida pela maioria²¹⁰. É desta forma que a ética idólatra substitui a ética cristã e cria as condições para que o pecado prospere.

O pecado afetou todas as dimensões da vida humana o que inclui a razão²¹¹ e, por isso, o homem considera como corretos os caminhos que levam à morte²¹². A idolatria obscurece a mente ao promover uma união espiritual com os demônios que estão por trás dos ídolos e perverte todos os valores que a união com Cristo promove²¹³. As consequências são que o fruto que era proibido passou a ser a fonte de alegria e de prazer e Deus que era o protetor passou a ser aquele que tira a liberdade humana.

Algumas consequências do pecado são bem conhecidas²¹⁴. O pecado é definido pela rebelião ou apatia em relação ao Criador e traz maldição. O pecado é a raiz de todo mal; usa a lei para opressão; provoca a maldição²¹⁵, dá legalidade ao acusador²¹⁶, traz a ira de Deus²¹⁷ e por fim, a morte²¹⁸. Hoekema afirma que a primeira consequência do pecado foi um tremendo desapontamento, pois o homem ao invés de sentir-se igual a Deus, como havia

²⁰⁸ MEISTER, op. cit., p. 55.

²⁰⁹ Essa afirmação é uma aplicação do Salmo 115:8.

²¹⁰ Sproul, R. C. **Como Devo Viver Neste Mundo?** São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2013. v. 5. p. 12-13.

²¹¹ SHERLOCK, C. **A Doutrina da Humanidade**. Cambuci; São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2003. p.165.

²¹² Cf. Pv 14.12.

²¹³ Cf. 1Co 6.17.

²¹⁴ SHERLOCK, op. cit., p. 161.

²¹⁵ Cf. Gl 3.10-12.

²¹⁶ Cf. Ap 12.10.

²¹⁷ Cf. Jo 3.36; Rm 1.18; Ef 5.6.

²¹⁸ Cf. Rm 5.13-14; Ef 2.1-5.

sido a falsa promessa, foi dominado por um profundo sentimento de vergonha.²¹⁹ Este fato denota a grande fraude que é o pecado à medida em que entrega ao homem algo radicalmente diferente do que foi prometido. Esses são os caminhos da ética idólatra.

Os valores da ética idólatra se baseiam em referenciais humanos de justiça. A causa básica da depravação humana é o fato do homem ter tentado tirar Deus do centro da vida²²⁰. A consequência foi que toda espécie de perversidade, ganância, ódio, inveja, homicídio, discórdia, engano, malícia, fofocas, calúnias, ódio a Deus, insolência, orgulho, arrogância, criatividade para pecar, desobediência, falta de entendimento, quebra de promessas e falta de afeição e misericórdia passaram a fazer parte da vida humana e este é o contexto em que o homem tenta impor a sua justiça²²¹.

A diferença entre a justiça humana e a justiça de Deus é a mesma diferença entre aquele que busca viver em função de reconhecimentos humanos para sua própria glória e virtude e aquele que faz tudo para a glória de Deus. A parábola do fariseu e do cobrador de impostos²²² ilustra a realidade daqueles cuja justiça própria se torna o norte de sua vida.

Justiça, santidade e redenção são as verdades espirituais relacionadas com a ira de Deus e estabelecem um contraste absoluto com a ira humana e pecaminosa. A ira pecaminosa humana não produz a justiça de Deus²²³, não é fruto da sua santidade e muito menos promove qualquer tipo de redenção. A ira de Deus flui da sua santidade e é manifestada dentro do contexto de seu amor e misericórdia e, por isso, seus objetivos são santos e puros²²⁴. A ira divina dura o tempo necessário para que os propósitos redentivos de juízo sejam cumpridos²²⁵ e é a única reação possível contra a perversidade humana que são contrárias à sua glória e majestade²²⁶.

A solução só pode ser encontrada na Palavra de Deus. A sabedoria buscada de forma independente do Criador é loucura para Deus e traz a falta de discernimento espiritual que leva à morte²²⁷ As Escrituras revelam que há um

²¹⁹ HOEKEMA, Anthony. *Criados a imagem de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p.151.

²²⁰ Cf. Rm 1.21-31.

²²¹ Cf. Rm 1.29-32.

²²² Cf. Lc 18.9-14.

²²³ Cf. Tg 1.20.

²²⁴ Cf. Êx 34.5-6.

²²⁵ Cf. Sl 103.8-9.

²²⁶ Cf. Rm 1.18.

²²⁷ Cf. 1Co 1.18-21.

contraste absoluto entre a sabedoria de Deus e a sabedoria humana. Os princípios espirituais deste mundo escravizam. A sabedoria humana que sustenta a ética idólatra leva à inveja, à amargura, ao egoísmo e à mentira, ao passo que a sabedoria divina é pura e traz paz, amor e misericórdia²²⁸.

2.4.4 A Idolatria endurece corações

O endurecimento do coração foi uma das formas pelas quais Deus executou seu juízo contra a idolatria. O profeta Jeremias revelou que a falta de temor a Deus fez com que os israelitas se tornassem espiritualmente cegos e surdos e fez com que andassem como tolos e sem entendimento²²⁹. A pregação do profeta Isaías é outro exemplo de um julgamento que cegou e ensurdeceu os israelitas, tornando-os mais semelhantes aos seus ídolos mortos²³⁰.

Beale, ao analisar o endurecimento do coração como juízo de Deus, afirmou que o remanescente fiel deveria se diferenciar em meio a maioria transigente ²³¹. Este é um alerta importante para os envolvidos no aconselhamento, quando se considera a diversidade de alternativas que desconsideram a autoridade da Palavra de Deus.

Deus é o Juiz, o Legislador e o Rei²³² e o homem deve viver a partir desta realidade. Deus é juiz sobre toda a criação, Ele julga todos os povos, cada indivíduo, todos sistemas de valores perversos das nações e sobretudo o seu próprio povo²³³. Ninguém se esconde de Deus²³⁴, Deus enxerga cada coração²³⁵ e revela segredos²³⁶. Deus revela por meio de seus juízos que seu poder é irresistível²³⁷ e que a sua santidade é a base da sua ira²³⁸, revela a sua verdade²³⁹, sua imparcialidade²⁴⁰, sua compaixão²⁴¹, sua paciência²⁴², sua

²²⁸ Cf. Tg 3.13.

²²⁹ Cf. Jr 5.20-21.

²³⁰ BEALE, op. cit., p. 46-67.

²³¹ Ibid, p.176, 243.

²³² Cf. Is 33.22.

²³³ Cf. Hb 10.30.

²³⁴ Cf. Ob 2.

²³⁵ Cf. Jr 17.10.

²³⁶ Cf. Rm 2.16.

²³⁷ Cf. Êx 6.6.

²³⁸ Cf. Rm 2.5.

²³⁹ Cf. Ap 16.7.

²⁴⁰ Cf. Rm 2.9-11.

²⁴¹ Cf. Lm 3.31-33.

²⁴² Cf. Nm 14.18.

misericórdia²⁴³ e julgará todo o mundo por meio de Jesus²⁴⁴, que, por isso, deverá ser o centro do aconselhamento bíblico para que haja restauração.

O texto de Isaías 6: 9 a 13 é o anúncio do julgamento de Deus contra a idolatria que se desenvolve por todo o AT e NT. Naquela geração havia chegado o momento do Juízo e, por isso, a pregação deveria endurecer o coração e não trazer a salvação²⁴⁵. O juízo divino fez com que o povo passasse a ser semelhante aos ídolos que adorava e isto o arruinou, pois tornar-se semelhante ao ídolo que adora, implica em se tornar surdo, cego e com um coração incapaz de se converter. Esta ideia se desdobrou no restante do AT e pelo NT²⁴⁶ e revela o perigo que as abordagens idólatras trazem para a solução dos problemas que o pecado cria, pois, tentativas de restauração da alma humana a parte de Deus são um manifesto de rebeldia contra o Criador

Os demônios anestesiaram os incrédulos idólatras com ignorância espiritual e insensibilidade e fazem com que a mensagem de Cristo, que ilumina alguns, cegue aqueles que estão surdos por causa de suas ligações idólatras²⁴⁷. O endurecimento do coração é uma rejeição interna e recorrente em ouvir e obedecer a Palavra de Deus. O endurecimento sempre leva o homem a um antagonismo com o seu Criador. Pode ser como o que ocorreu com os Israelitas na sua peregrinação no deserto²⁴⁸ ou pode se manifestar como uma forma contrária de viver ao que Deus determina em sua Palavra²⁴⁹.

Um dos efeitos do endurecimento do coração são as atitudes de indiferença em relação a outras pessoas²⁵⁰. Os israelitas foram exortados a não endurecerem seu coração, a serem generosos e não caírem na mesquinha própria de um coração endurecido²⁵¹. Outro exemplo foi a permissão de Moisés para o divórcio por causa do endurecimento do coração dos homens com relação as suas mulheres²⁵².

²⁴³ Cf. Sl 78.38.

²⁴⁴ Cf. Jo 5.22, 5.27 e At 10.42.

²⁴⁵ BEALE, op. cit., p.37-39.

²⁴⁶ Ibid, p. 35, 40, 45.

²⁴⁷ Ibid, p. 244, 261, 305.

²⁴⁸ Cf. Sl 95:8.9, Hb 3:7 a 9.

²⁴⁹ Uma série de passagens traz sérios alertas sobre o endurecimento do coração: Ef 4.18 Pv 28.14; Zc 7.12; Rm 2.5; Hb 3.12-15; Hb 4.5-7.

²⁵⁰ Cf. Tg 2.15-16; 1Jo 3.17.

²⁵¹ Cf. Dt 15.7.

²⁵² Cf. Mt 19.8.

Os próprios discípulos de Jesus tiveram seus corações endurecidos²⁵³. O endurecimento do coração dos discípulos estava diretamente relacionado à cegueira e a surdez espirituais que levaram a perda do foco em relação ao que realmente importava. Jesus estava alertando sobre a hipocrisia dos fariseus²⁵⁴ que era uma das formas de manifestação de idolatria que traz um profundo perigo espiritual e ocorre sempre que o homem tenta se colocar no lugar de Deus²⁵⁵. Tanto os ouvintes de Jesus²⁵⁶ quanto os de Paulo²⁵⁷ tiveram seus corações endurecidos.

O que Deus deveria amar de todo o seu coração? O que motiva o Todo Poderoso e Ele busca com a sua soberania e onisciência? As respostas a estas perguntas apontam para o fato, pouco considerado de que tudo existe para a glória de Deus²⁵⁸, e, portanto, é por causa da glória de Deus e para a Glória de Deus que o homem é salvo e deve ser transformado. Este é um aspecto bastante distintivo do aconselhamento bíblico em relação a outras abordagens e traz implicações importantes para o trabalho do conselheiro. O homem foi criado para refletir a imagem do Criador, no entanto, ao escolher a idolatria e deixar de buscar a semelhança com Cristo, passa a refletir a futilidade dos ídolos²⁵⁹.

A decisão de se escolher formas contrárias a Palavra de Deus para tratar o coração humano traz o risco de endurecimento e o efeito que se alcança é o contrário do que se pretende²⁶⁰, além do risco sempre presente de uma atitude judicial do próprio Deus²⁶¹. A ira é a resposta natural de um coração endurecido e idólatra na proteção dos seus ídolos e este é o assunto do próximo capítulo.

²⁵³ Cf. Mc 6.51-52; Mc 8.17.

²⁵⁴ Cf. Lc 12.1.

²⁵⁵ Cf. Rm 10.1-4.

²⁵⁶ Cf. Mt 13.15; 19.8; Mc 3.5.

²⁵⁷ Cf. At 28.25-27.

²⁵⁸ John Piper apresenta um estudo bastante completo sobre este tema em http://www.monergismo.com/textos/gloria_deus/deus_por_nos_ele_mesmo_piper.htm. Acesso em 25 março de 2018.

²⁵⁹ BEALE, op. cit., p. 16.

²⁶⁰ Cf. Sl 119.70.

²⁶¹ Cf. Is 6.9-13.

3. IDOLATRIA E IRA PECAMINOSA

O homem na busca pela sua autonomia retirou Deus do centro da sua vida e abriu a possibilidade para diversos pecados. Fontes ressalta que com a idolatria, necessidades espirituais deixaram de ser atendidas e o homem passou a buscar deuses substitutos para satisfazê-las²⁶². A consequência dessa busca foi que a idolatria passou a dominar os desejos e a ira se tornou a resposta mais natural para proteger os ídolos. A analogia que se pretende provar verdadeira é o coração como solo, a idolatria como as raízes, alguns pecados como o tronco e a ira como os galhos e os frutos de uma árvore. A ira é uma das formas exteriores que o coração utiliza para proteger a idolatria e as suas manifestações. Neste capítulo, analisaremos como a idolatria e a ira pecaminosa se relacionam.

O apóstolo Paulo ensina que o pecado é criativo²⁶³ e a ira é um bom exemplo. As pessoas se iram porque não possuem o que desejam ou porque não se satisfazem com o que Deus já proveu, como é o caso da murmuração do povo no deserto²⁶⁴. A ira cria a oportunidade para que outros pecados sejam enraizados na alma, o que faz com que quanto mais tempo seja alimentada mais grave se torne a situação espiritual da pessoa. A ira é uma atitude de um coração que não reconhece que possui um Senhor.

A ira é uma questão de coração que vai além de meras emoções e possui um aspecto moral que deve ser ressaltado²⁶⁵. Existe uma dinâmica geradora da ira a partir de pecados gerados pela idolatria. Justiça Própria, juízos temerários, motivações e desejos egoístas, orgulho de realizações, avareza, inveja, cobiça, hipocrisia, tolice, escarnecimento, murmuração, desejo de vingança e falsa religiosidade são alguns desses pecados.

²⁶² FONTES, Filipe. *Idolatria do coração: Um inimigo ignorado*. Brasília, DF: Editora 371, 2019. p. 52.

²⁶³ Cf. Rm 8.30.

²⁶⁴ Cf. Nm 11.

²⁶⁵ JONES, Robert D. op. cit., p.22.

3.1 Justiça Própria

O homem foi colocado como mordomo de Deus para governar a criação e a obediência era essência deste relacionamento. O homem, no entanto, desobedeceu e tentou se colocar no lugar do Criador como legislador. A ira pecaminosa passou a ser a resposta para o não atendimento dos padrões idólatras estabelecidos, o que ocorre de três formas distintas. A história de Caim é um exemplo da primeira forma onde as exigências de Deus não são atendidas. Deus tinha estabelecido seu padrão de adoração quando não aceitou Caim e sua oferta. A resposta de Caim veio em forma de ira que o levou a assassinar seu irmão²⁶⁶.

A história de João Batista é um exemplo da segunda forma de resposta para o não atendimento dos padrões idólatras estabelecidos. Nesta forma o homem procura atender aos seus próprios padrões. Deus havia determinado que um homem não poderia ter relações com a mulher de seu irmão²⁶⁷, no entanto, Herodes e Herodias decidiram criar suas próprias leis e executaram aquele que reivindicava que a lei de Deus fosse cumprida. Os reis de Judá e de Israel são exemplos de como os padrões perversos de justiça podem ser definidos sempre que homens se colocam no lugar de Deus para estabelecer o que é justo²⁶⁸. Em todos esses casos, os homens desejaram o lugar de Deus como legisladores e, ao não verem suas leis cumpridas reagiram com a ira.

A terceira forma que o homem se ira por causa da justiça própria é quando tenta impor seus padrões aos outros. Deus se relaciona por meio de alianças que, embora exijam obediência, não são pautadas por desempenho. Deus não julga seu povo pelo desempenho, mas sim pela obediência. A aliança de Deus foi selada com o sangue de Jesus que foi derramado de forma voluntária²⁶⁹. Essa nova e eterna aliança foi caracterizada por arrependimento²⁷⁰, um novo coração e pela nossa adoção como filhos de Deus que, de aliança em aliança, prosseguiu na execução do seu plano de salvação, sempre oferecendo novas oportunidades e recursos para o cumprimento.

²⁶⁶ Cf. Gn 4.4-8.

²⁶⁷ Cf. Lv 16.18.

²⁶⁸ Cf. 1Rs 12.6-24.

²⁶⁹ Cf. Mt 26.28.

²⁷⁰ Cf. Hb 8.12.

O homem substituir a aliança por padrões de desempenho como base para os relacionamentos e o julgamento a partir destas referências é uma forma de idolatria que leva à ira. O casamento, por exemplo, mesmo nos meios cristãos, tem se pautado mais pela medição de desempenho do que pela aliança. A ira que é demonstrada na forma dos abusos físicos e emocionais sempre que padrões não são alcançados é a parte mais visível desta distorção.

3.2 Juízos temerários

A emissão de juízos exige conhecimento de causa. O conhecimento divino é essencialmente diferente do conhecimento humano. Deus não tem um conhecimento derivado como é o do homem. Deus é onisciente e conhece todas as coisas por Ele mesmo. Deus, também, não vê as coisas como o homem as vê. As pessoas julgam pela aparência, mas Deus vê coração²⁷¹. Deus é o único que pode emitir juízos perfeitos, pois somente Ele pode trazer à luz os segredos mais obscuros e revelar as intenções mais íntimas²⁷².

O julgamento temerário ocorre porque o homem tenta se colocar no lugar de Deus, mas não tem o conhecimento de Deus. As pessoas emitem juízos morais a partir de informações incompletas ou equivocadas. É o caso de Potifar que condenou José à prisão pelo suposto abuso contra sua esposa. A parábola dos trabalhadores da vinha é outro exemplo do homem que tenta se colocar no lugar de Deus. Nesta parábola, o próprio Senhor afirma que o pagamento efetuado foi justo, o que é questionado por aqueles que, segundo os seus padrões, se achavam merecedores de receber mais do que os outros.

Em ambos os casos, os resultados se manifestam em forma de ira, seja de modo mais explícito como no caso de Potifar, seja de maneira mais sutil como no caso do questionamento dos trabalhadores da vinha.

3.3 Motivações e desejos egoístas

As motivações são importantes e devem ser sempre consideradas. A motivação divina é mostrar a suprema riqueza da sua Graça para que os salvos realizem as boas obras que Ele planejou²⁷³. A principal motivação do homem

²⁷¹ Cf. 1Sm 16.7.

²⁷² Cf. 1Co 4.5.

²⁷³ Cf. Ef 2.7-10.

deveria ser o de se gloriar em conhecer a Deus²⁷⁴, no entanto, desde a queda o homem tem buscado a própria glória. As motivações humanas são voltadas para a satisfação de desejos pecaminosos que revelam os ídolos do coração e definem comportamentos, atitudes e prioridades²⁷⁵.

Existe sempre uma escolha consciente de rebeldia contra Deus por trás das motivações humanas e a ira é a resposta do coração quando motivações e desejos idólatras são frustrados²⁷⁶. As discussões e as contendas são a face mais visível desse tipo de ira. As pessoas desejam e invejam o que não possuem, ao ponto de guerrearem e a cometerem assassinatos. O resultado é que não conseguem o que almejam porque seus motivos são errados²⁷⁷. As suas buscas são somente por aquilo que satisfazem seus desejos egoístas que são tipificados como adultério espiritual, amizade com o mundo e inimizade contra Deus.

3.4 Orgulho de realizações

A natureza humana é inclinada à vanglória de suas próprias realizações. O apóstolo Paulo afirma, no entanto, que conhecer o Senhor deveria ser o único motivo pelo qual o homem se gloriasse²⁷⁸. O orgulho traz destruição²⁷⁹ e advém da intenção idólatra do homem de receber a glória que pertence a Deus.

O rei Assuero é apenas um entre vários exemplos bíblicos. O rei quis ser reconhecido pelos povos e príncipes como o marido da bela rainha Vasti e ordenou que ela mostrasse toda a sua beleza. A rainha se negou e o rei se irou sobremaneira e a expulsou do seu reino. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foram vítimas da ira idólatra de Nabucodonosor por não terem se curvado diante da imagem que exaltava a sua grandeza²⁸⁰. A ira é a resposta natural do coração quando este não alcança seus intentos de vanglória.

²⁷⁴ Cf. Jr 9.23-24.

²⁷⁵ Motivação: Por que faço o que faço? Tradução e adaptação de *Motives: Why Do I Do The Things I Do?* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 22, n. 1, Fall, 2003. p. 48-56.

²⁷⁶ JONES, Robert D. op. cit., p.20.

²⁷⁷ Cf. Tg 4.1-5.

²⁷⁸ Cf. 1Co 1.29-31.

²⁷⁹ Cf. Pv 16.18-19.

²⁸⁰ Cf. Dn 3.8-25.

3.5 Avareza

A avareza é uma forma explícita de idolatria porque coloca os desejos pessoais como deus. O pecado está na motivação de se querer cada vez mais coisas para si mesmo e, por isso, Paulo coloca a avareza ao lado de outros pecados que também são fruto desta tendência pecaminosa de buscar os interesses próprios acima de tudo como a imoralidade e paixão sensual²⁸¹. A frustração em satisfazer desejos avarentos pode ser, em muitos casos, a causa de reações iradas.

A parábola do filho pródigo ilustra bem essa realidade. O filho mais velho se irou contra seu pai por causa da bondade demonstrada pelo arrependimento do filho pródigo. A ira veio acompanhada da exigência avarenta de restituição pelo tempo que ele havia servido²⁸².

3.6 Inveja

As Escrituras revelam que a inveja mata o tolo²⁸³ e é mais perigosa do que uma inundação²⁸⁴. A inveja pode ser fruto da idolatria e levar à ira. Deus havia determinado que a benção paterna pertenceria ao filho mais velho e Esaú, ao vender a benção a Jacó, inverteu essa ordem. Definir padrões diferentes do que Deus determinou e passar a viver por eles é uma forma de idolatria. A atitude idólatra de Esaú fez com que a benção passasse a ser de Jacó e isso lhe causou a inveja e a inveja trouxe ira²⁸⁵.

A inveja é descrita, também, como um fruto da vaidade do coração²⁸⁶ e nem sempre tem suas raízes na idolatria. A tentativa de assassinato de Jonatas pelo seu pai – o Rei Saul - por causa da inveja que tinha de Davi é um exemplo²⁸⁷. Esta passagem revela que a ira e o assassinato são pecados muito próximos e ajudam a entender a dura advertência que Jesus faz contra a gravidade da ira quando afirma que aquele que chama seu irmão de tolo está sujeito ao inferno de fogo²⁸⁸.

²⁸¹ Cf. Cl 3.4-6.

²⁸² Cf. Lc 15.28-29.

²⁸³ Cf. Jó 5:2.

²⁸⁴ Cf. Pv 27.4.

²⁸⁵ Cf. Gn 27.41 e 28.5.

²⁸⁶ Cf. Ec 4.4.

²⁸⁷ Cf. 1Sm 20.30-34.

²⁸⁸ Cf. Mt 5.22.

3.7 Cobiça

A cobiça é uma distorção dos desejos. A capacidade de desejar vem de Deus, no entanto, o homem ao tentar usufruir das dádivas do Criador fora dos limites estabelecidos por Deus se torna um idólatra e a negação desses intentos traz a ira como reação.

A cobiça do povo de Edom sobre as terras que pertenciam a Israel é um exemplo de idolatria que levou à ira. Os Edomitas tomaram as posses de Israel ignorando a existência do próprio Deus e usaram da ira para isso. Neste episódio, a ira idólatra e a cobiça estão intimamente relacionadas e são a causa do juízo de Deus²⁸⁹.

A atitude do rei Balaque é outro exemplo que coloca a cobiça como resultado da idolatria que leva à ira. O rei cobiçou o que pertencia ao povo de Deus e mesmo ciente que a vontade do Criador era outra, determinou que o profeta Balaque profetizasse contra Israel. Balaque ao obedecer a Deus e não ao rei foi alvo da sua ira²⁹⁰.

O novo testamento possui várias passagens que estabelecem a relação da cobiça com resultado da idolatria que levam à ira. Lucas adverte sobre o perigo da ganância que tem o poder de redefinir a essência da própria vida²⁹¹ e com isso denuncia a sua natureza idólatra, já o apóstolo Tiago denuncia a ira como resultado da cobiça²⁹².

3.8 Hipocrisia

A hipocrisia é o pecado que levou Jesus a emitir os juízos mais duros contra os fariseus: raça de víboras e filhos do diabo são alguns exemplos destes juízos. Os fariseus eram extremamente idólatras, pois colocavam suas tradições no lugar dos mandamentos de Deus. Jesus, certa vez, foi questionado do porquê dos seus discípulos não terem lavado as mãos antes de comer e Jesus, ao identificar, esta idolatria os chama de hipócritas²⁹³. A denúncia da hipocrisia trouxe a ira como resultado

²⁸⁹ Cf. Ez 35.1-15.

²⁹⁰ Cf. Nm 23.27; 24.14.

²⁹¹ Cf. Lc 12.15.

²⁹² Cf. Tg 4.2.

²⁹³ Cf. Mc 7.6-9.

A hipocrisia, além de ser resultado da idolatria, também se manifesta como uma forma disfarçada de ira. Os fariseus - irados contra Jesus - tentaram criar uma situação para prenderem-no e usaram da hipocrisia para isto. O apóstolo Mateus relata que após os fariseus elogiarem Jesus como aquele que era honesto e que ensinava o caminho de Deus de acordo com a verdade, perguntaram se era justo pagar ou não tributos a Cesar²⁹⁴. Jesus percebeu a armadilha e os chamou de hipócritas.

Os artesãos da cidade de Éfeso são outro exemplo onde a hipocrisia é o veículo da ira. Esses homens ficaram preocupados pela perda financeira com a venda de artefatos religiosos da deusa Ártemis que as conversões a Cristo poderiam provocar e alegaram de forma hipócrita que a sua maior preocupação não era o seu prejuízo, mas a perda de influência da deusa. O escrivão da cidade teve que intervir para que Gaio e Aristarco, companheiros de viagem de Paulo não fossem linchados²⁹⁵.

3.9 Tolice

A tolice pode ser definida como uma falta de sabedoria ou de compreensão em relação às coisas referentes a Deus e é fruto de um coração irado²⁹⁶. A tolice está associada a pensamentos fúteis, como também, a coisas menos sutis, como a extorsão²⁹⁷. Uma das consequências que o tolo sofre é ter de ser protegido de si mesmo. Abigail, esposa do tolo Nabal, teve que interceder junto a Davi para que a sua família não fosse eliminada por causa de uma resposta tola e irada de seu esposo²⁹⁸.

O tolo substitui os padrões de Deus pelos seus e, por isso, o mal, a perversidade e os falsos ensinamentos prosperam. O tolo rejeita os padrões divinos de justiça ao negar comida aos famintos e água aos sedentos. O tolo trama planos maldosos e artimanhas como fruto da sua falta de caráter e cria mentiras para a condenação dos pobres²⁹⁹. Jesus adverte sobre o perigo que a tolice representa na forma de uma grande ruína para o homem que ouve a sua Palavra e não a

²⁹⁴ Cf. Mt 22.15-22.

²⁹⁵ Cf. At 19.27-31.

²⁹⁶ Cf. Pv 14.17.

²⁹⁷ Cf. Ec 7.4-10.

²⁹⁸ Cf. Sm 25.25.

²⁹⁹ Cf. Is 32.6.

prática e o desastre é comparado a queda de uma casa que não resiste às intempéries da vida.

Um texto que revela o relacionamento entre a idolatria e a tolice de forma mais clara está na carta aos Romanos. O apóstolo Paulo revelou que o homem buscou a sabedoria sem considerar o Criador e cometeu a tolice de tentar mudar a glória de Deus em semelhança humana. A consequência natural foi o homem ter sido entregue aos desejos pecaminosos de seu próprio coração e ter passado a praticar coisas desprezíveis e degradantes³⁰⁰.

O tolo vive como seu próprio legislador e age, de forma reiterada, de acordo com seus próprios conselhos. A consequência é que a sua ira é demonstrada, também, de forma reiterada, pois as suas regras são violadas constantemente³⁰¹. A ira, portanto, é um dos reflexos mais visíveis dos tolos³⁰².

3.10 Escarnecimento

O fato do homem ter desprezado a Deus, fez com que o Criador o entregasse a um modo reprovável de pensar. O resultado é que o homem se tornou um ser perverso, difamador, inimigo de Deus e inventor de males³⁰³. Isto significa que o homem sempre inventa novas maneiras de pecar e o relacionamento entre a idolatria, a ira e o escarnecimento é um exemplo.

As histórias bíblicas são uma fonte inesgotável de aprendizado³⁰⁴ e o episódio da reconstrução dos muros de Jerusalém por Neemias tem muito a nos ensinar. Deus usou o rei da Pérsia para comissionar Neemias na missão de governar Judá, reconstruir os muros de Jerusalém e realizar várias reformas sociais e religiosas. No entanto, ao iniciar a obra, Neemias foi alvo de forte oposição por parte de Sambalate que se irou, não contra Neemias, mas contra o próprio Deus.

A oposição explícita aos propósitos de Deus em restaurar seu povo levou Sambalate a se irar contra a obra e usou do escárnio para intimidar Neemias e angariar adeptos da sua causa³⁰⁵. Este é um exemplo o qual mostra a necessidade de se identificar as motivações idólatras por trás dos

³⁰⁰ Cf. Rm 1.22-25.

³⁰¹ Cf. Pv 12.15-16; 26.11.

³⁰² Cf. Pv 14.29.

³⁰³ Cf. Rm 1.28-31.

³⁰⁴ Cf. Rm 15.4.

³⁰⁵ Cf. Ne 4.1-3.

comportamentos irados de forma que as raízes idólatras da ira possam ser efetivamente tratadas.

3.11 Murmuração

A murmuração é uma forma de idolatria profundamente arraigada, pois aponta para uma insatisfação contra aquilo que Deus já proveu. A murmuração leva a pessoa a buscar a sua satisfação em outras fontes além daquelas que o seu Criador já proveu e o resultado da frustração é a ira.

Essa dinâmica idólatra é sutil porque, muitas vezes, ocorre a partir de desejos lícitos e, por isso, muitos cristãos consideram esse pecado como de menor gravidade.

Que saudade dos peixes que comíamos de graça no Egito! Também tínhamos pepinos, melões, alhos-porós, cebolas e alhos à vontade. Mas, agora, perdemos o apetite. Não vemos outra coisa além desse maná!". Nm 11.5-6

O texto acima revela que a comida, a bebida e a diversão, apesar de serem aspectos comuns da vida cotidiana, se forem compreendidas como a fonte de satisfação da alma humana, podem se tornar uma idolatria e muitos são os casos em que a não satisfação destes desejos leva o homem a se irar.

No coração sempre existe um compromisso de fé a algo ou alguém em quem confiamos e que escolhemos servir. As reais motivações sempre aparecem nos momentos mais difíceis, revelam o coração e mostram a quem somos fiéis. O povo de Israel oferece alguns exemplos.

O texto abaixo é um exemplo onde uma motivação aparentemente sadia se revelou como um fruto da idolatria que depois resultou em ira contra Deus. Os israelitas queriam mais do que Deus já tinha definido como suficiente e, por isso, murmuraram e a história mostra como o povo se irou contra Deus:

Então toda a congregação levantou a sua voz; e o povo chorou naquela noite. E todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e contra Arão; e toda a congregação lhes disse: Quem dera tivéssemos morrido na terra do Egito! ou, mesmo neste deserto! Nm14.1-2

3.12 Desejo de Vingança

O desejo de vingança leva facilmente à ira e traz consequências sérias. Um exemplo foi o caso do assassinato do príncipe Siquém, de seu pai Hamor e de todos os homens da cidade. A história começou com o estupro de Diná por Siquém que, após o ato, parece ter se arrependido. Um acordo foi feito apenas com a intenção de que uma vingança ocorresse e assim foi. Após todos os

homens terem cumprido sua parte no acordo e terem se circuncidado de forma que o príncipe pudesse se casar com Diná, Simeão e Levi entraram na cidade, assassinaram os homens, saquearam os campos e levaram mulheres e crianças como prisioneiras.

A Bíblia relata casos em que a vingança humana é feita em nome de Deus, no entanto, esses são fatos bem pontuais que não podem servir de mandamento. A ordem divina é exatamente contrária à vingança, pois Deus nos ordena a amar nossos inimigos, pois a vingança e a justa retribuição pertencem ao Senhor³⁰⁶ e, por isso, a vingança humana é uma forma de idolatria.

3.13 Falsa Religiosidade

As Escrituras revelam que a falsa religiosidade é uma das formas de manifestação da idolatria porque substitui mandamentos divinos por tradições humanas³⁰⁷. É também uma forma poderosa para justificar e defender o estado pecaminoso do coração que, muitas vezes, se manifesta na forma de ira. Quanto mais forte for a falsa religiosidade, mais intensa será a reação do coração irado. Os fariseus são um bom exemplo, pois a sua falsa religiosidade os levou a se irarem ao ponto de assassinar o autor da vida.

Jesus não fugia quando tinha que confrontar pecados. Certo sábado, enquanto pregava numa sinagoga alguns mestres da lei o observavam para ver se Ele curaria um homem com a mão deformada para terem do que o acusar. Jesus sabia o que se passava no coração daqueles religiosos e chamou o homem a frente. Jesus questionou os presentes se a lei permitia ou não fazer o bem aos sábados e disse ao homem: “Estenda a mão”. O homem estendeu a mão que foi restaurada e, com isso, os inimigos de Jesus ficaram furiosos e começaram a discutir o que fazer contra ele³⁰⁸.

A ira é a manifestação do coração na defesa de seus ídolos. A idolatria, como já visto, é a base de diversos outros pecados e coloca a ira como um meio para que pecados sejam mantidos. Isto posto, a questão que segue se refere a como a ira deve ser tratada. Abordagens alternativas que ignorem o aspecto

³⁰⁶ Cf. Dt 32.35.

³⁰⁷ Cf. Mc 7.6-8.

³⁰⁸ Cf. Lc 6.6-11.

moral da ira aprofundarão o problema. O próximo capítulo analisará essa questão.

4. ABORDAGENS POSSÍVEIS PARA O TRATO DA IRA IDÓLATRA

O estresse da vida pós-moderna e o desenvolvimento de métodos diagnósticos têm contribuído para o aumento do interesse pelo cuidado da saúde mental nos últimos anos. Dados do Instituto Nacional de Saúde Mental (NIMH-EUA) de 2009 apontam que 26,2% dos americanos com mais de 18 anos de idade, algo em torno de 60 milhões de pessoas, sofrem de alguma condição mental diagnosticável a cada ano, sendo que 6% dessas pessoas experimentam formas graves de doença mental³⁰⁹.

O conselheiro bíblico deve se posicionar na área de cuidado da saúde mental e, para tanto, dois fatos devem ser considerados. O primeiro é que as Escrituras afirmam contemplar tudo o que é necessário para uma vida de piedade³¹⁰. O segundo é que não se pode desconsiderar, *a priori*, a grande quantidade de conhecimento já desenvolvido para o trato das diversas questões emocionais que afligem o homem.

Existem muitas vozes sendo ouvidas em relação ao aconselhamento nos casos específicos da ira. Esta pluralidade se baseia na difusão de perspectivas do próprio significado de ira, que por sua vez, tem origem na indefinição dos limites de atuação entre as psicologias seculares e as Escrituras. Neste capítulo avaliaremos algumas linhas de aconselhamento tendo as Escrituras como referência. Algumas abordagens com seus métodos e pressupostos para lidar com a ira, bem como seus efeitos e resultados serão avaliados à luz das Escrituras. Esta discussão servirá para a contextualização das análises e das propostas desta pesquisa.

4.1 PSICOLOGIAS E AS ESCRITURAS

As psicologias desenvolvem algumas perspectivas próprias acerca da natureza do homem para explicar motivações, comportamentos, funcionamentos internos e respostas ao ambiente. O estudo das emoções e da percepção dos

³⁰⁹ GREGGO, Stephen P. SISEMORE, Timothy A. ***Counseling and Christianity: Five Approaches***. EUA: InterVarsity Press, 2012. (Locais do *Kindle* 102-103). Edição do *Kindle*.

³¹⁰ Cf. 2Pe 1.3.

sentidos, dos processos de aprendizagem e dos transtornos mentais, da inteligência e dos instintos são algumas das áreas que a psicologia tem apresentado algumas respostas que devem ser consideradas. A Psicologia, também, ao estabelecer interfaces com outras áreas de conhecimento, tem apresentado algumas respostas interessantes. A interação com a Sociologia, por exemplo, traz algumas compreensões acerca do comportamento do homem em sociedade; com a Linguística aborda o aprendizado e com a economia, alguns padrões de comportamento³¹¹.

Hurding afirma que a igreja deve discernir onde Deus tem falado por meio de sistemas alternativos para que a sua missão de levar cura, amparo, orientação e reconciliação aos cristãos seja cumprida³¹². Esta afirmação parece, a princípio, que poderia encontrar amparo dentro da doutrina na providência de Deus. A doutrina da providência assegura que nada é produto do acaso. Deus pode operar todas as coisas diretamente, mas faz usos de instrumentos para realizar seus propósitos definidos nos seus decretos eternos³¹³. A causa primeira de uma pessoa se tornar cristã, por exemplo, é o decreto eterno de Deus que a escolheu e que definiu que ela seria regenerada, a causa secundária que Deus usou foi o pregador e a pregação. Isso implica que todos os eventos estão sob o governo de Deus e que tudo, inclusive o mal, está sob o seu domínio. Deus faz com que tudo coopere para o bem daqueles que o amam ao levá-los a se tornarem semelhantes a Cristo³¹⁴.

Uma das formas da providência de Deus é a concorrência que é assim definida por Berkoff: "Cooperação do poder divino com todos os poderes subordinados em harmonia com as leis pré-estabelecidas de sua operação, fazendo-os agir precisamente como agem³¹⁵". As causas secundárias não se limitam a instrumentos piedosos. Calvino, ao interpretar o Salmo 115:3, afirma que todos os ímpios estão debaixo do poder e da direção de Deus e que mesmo os maus intentos são usados por Deus para o bem que ele intenta fazer³¹⁶. São

³¹¹ OUWENEEL, Willen. *Coração e Alma. Uma Perspectiva cristã da psicologia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. p. 7.

³¹² HURDING, Roger F. *Árvore da cura. Fundamentos psicológicos e bíblicos para aconselhamento cristão e cuidado pastoral*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 26.

³¹³ CAMPOS, Heber Carlos Jr. *Tomando decisões segundo a vontade de Deus*. SP: Editora Fiel, 2013. p. 31.

³¹⁴ Cf. Rm 8.28-30.

³¹⁵ BERKOFF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 158.

³¹⁶ As Institutas. Ed Clássica. Ed Cultura Cristã. V. 1. 18.1.

vários os exemplos nas Escrituras que sustentam esta tese, Jó atribuiu a Deus e não ao diabo o que veio sobre ele (Jó 1:21), a cegueira e insanidade de Acabe (1 Rs 22:20.22), a morte de Cristo por mãos de iníquos (At 2:23, 4:28), o incesto de Absalão (2 Sm 16:22, 12:12) e a crueldade dos Caldeus sobre Judá (Jr 1:15, 7:14)³¹⁷.

Considerando os fatos acima, alguns poderiam afirmar que as abordagens psicológicas poderiam ser utilizadas por Deus para cumprir os seus propósitos redentivos. Hurding defende que a teologia deve compreender e conviver com as diversas antropologias concorrentes que sustentam as abordagens psicológicas para o trato da alma e defende haver sustentação bíblica para isso. A absorção acrítica ou a saída mais simplista de evitamento de contato deveriam ser descartadas³¹⁸.

Ouweneel já defende outra possibilidade e propõe uma abordagem cristã da psicologia. Esta não deve se limitar a filtrar as influências humanistas dos métodos desenvolvidos, mas sim refundar a psicologia com base na revelação e não na observação enviesada e caída do homem, pois a verdade fundamental sobre o homem é de tal natureza que não pode ser descoberta pela observação³¹⁹. Esta defesa se baseia no fato bíblico de que a verdadeira natureza do homem não pode ser descoberta por meios experimentais carregados de pré-conceitos humanistas, centrados no próprio homem e divorciados da origem deste homem. O coração do homem é perverso, enganoso e dirige a vida³²⁰, o que lhe confere um tipo de complexidade que não pode ser compreendida na sua inteireza pelas observações humanas.

As argumentações acima mostram que é possível o desenvolvimento de entendimentos bíblicos para sustentar proposições divergentes. No entanto, alguns aspectos devem ser observados para que os limites de atuação entre teologia e psicologia sejam bem definidos. São eles:

a) Concepções da humanidade caída não servem para redimir a queda;

³¹⁷ FERREIRA, Franklin e MYATT, Alan. *Teologia Sistemática. Uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 323.

³¹⁸ HURDING, op. cit., p. 26.

³¹⁹ OUWENEEL, op. cit., p. 12.

³²⁰ Cf. Jr 17.9, Pv 4.23.

b) O conceito de graça comum, a partir do qual, toda verdade vem de Deus não poder ir contra a suficiência das Escrituras para uma vida de piedade;

c) Deus não falaria por meio de sistemas alternativos, quando diz claramente em sua Palavra que já nos concedeu tudo o que precisamos para uma vida de piedade;

d) A providência de Deus não inclui a possibilidade de Deus se comunicar primariamente por meio de sistemas caídos, dando ao homem a responsabilidade de decidir o que é revelado ou não.

Os aspectos acima são suficientes para que o conselheiro bíblico considere a total suficiência das Escrituras como a sua referência, a despeito de eventuais contribuições da psicologia. O apóstolo Paulo na sua segunda carta a Timóteo deixa claro que toda a Escritura é inspirada por Deus, útil para nos ensinar o que é verdadeiro e para nos fazer perceber o que não está em ordem em nossa vida. As Escrituras nos corrigem quando erramos e nos ensinam a fazer o que é certo e Deus as usa para preparar e capacitar seu povo para toda boa obra³²¹.

4.2 LINHAS DE ACONSELHAMENTO E AS ESCRITURAS

O estudo das interfaces entre as linhas de aconselhamento e as Escrituras é uma discussão natural que segue para melhor contextualizar as soluções que esta pesquisa pretende apresentar. Hurding utiliza a figura de uma árvore para apresentar o cuidado pastoral que tem suas raízes no chamado de Deus, os troncos fortalecidos na obediência a Cristo e a vida nutrida pelo Espírito³²².

O aconselhamento pastoral, o aconselhamento cristão e o aconselhamento bíblico são diferenciados em função das traduções que a igreja fez do pensamento grego sobre a natureza da humanidade e da centralidade da razão como o árbitro da fé e da moralidade. A diversidade destas abordagens varia em função da interpretação de três aspectos, quais sejam: a essência da condição humana, a substância das dificuldades e as melhores formas de resolvê-las³²³.

³²¹ Cf. 2Tm 3.16-17.

³²² HURDING, op. cit., p. 21.

³²³ HURDING, op. cit., p.30.

O pós-modernismo trouxe a transcendência para essa discussão e, com isso, tem provocado uma abertura progressiva para outras perspectivas no campo da psicologia³²⁴. A relevância de Deus para o estudo da psique humana, por exemplo, passou a ser considerada como um imperativo ético. Este fato não deveria ser uma novidade já que, desde a fundação do cristianismo, a melhoria da alma foi considerada pelos cristãos como um dom de Deus através de Cristo e, portanto, uma tarefa primordial da igreja cristã. O aconselhamento e a psicoterapia modernos, no entanto, continuam sendo explicitamente seculares por estarem comprometidos em promover a cura da alma, de forma restrita a recursos humanos e não sobrenaturais³²⁵.

Algumas questões que devem ser consideradas para diferenciar o relacionamento entre as abordagens, são as que se seguem³²⁶:

- a) Referência a Deus Pai, a Cristo ou, mais vagamente, à espiritualidade;
- b) Crenças sobre o impacto do relacionamento pessoal com Cristo;
- c) A relevância das Escrituras e a importância da oração;
- d) A importância dada a gravidade do pecado;
- e) O tipo de relacionamento do conselheiro com o aconselhado;
- f) A abertura para dialogar com a psicologia tradicional;
- g) A disposição de interagir com outras instâncias do sistema de saúde mental;
- h) O desejo de basear a prática de aconselhamento na pesquisa empírica;
- i) O relacionamento com o DSM-IV (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders).

A forma como as principais abordagens de aconselhamento lidam com as Escrituras e com a ira serão apresentadas a seguir.

4.2.1 Modelo biopsicossocial e a ira

Malcolm Jeeves critica a psicologia pelo seu reducionismo, o cristianismo pela sua paranoia e defende que os relatos científicos e teológicos do homem são complementares³²⁷. Um psicólogo poderia classificar, por exemplo, o apóstolo Paulo como um extrovertido talentoso que venceu na vida sem deixar

³²⁴ GREGGO, op. cit., (Locais do *Kindle* 35). Edição do *Kindle*.

³²⁵ Ibid, Locais do *Kindle* 47-48.

³²⁶ Ibid, Locais do *Kindle* 63-66.

³²⁷ HURDING, op. cit., p. 270-272.

de considerar, no entanto, que também foi um fariseu transformado pelo Senhor ressurreto. Não haveria problemas em enxergar Paulo somente pelos aspectos sociológicos e psicológicos, defende este autor.

Esta abordagem defende que os relatos científicos e teológicos são complementares e verdadeiros. Trata-se de um modelo biopsicossocial e espiritual baseado em evidências que propõe que a ciência pode prover informações tecnicamente comprovadas e relevantes para ajudar a compreender os comportamentos humanos e maximizar as estratégias de intervenção³²⁸.

Esta abordagem considera que há uma multiplicidade de fatores geradores de comportamentos que apontam para a necessidade de intervenção. Um trauma físico no cérebro, por exemplo, poderia criar dificuldades de controle de impulsos, de raciocínio ou de julgamento. Desafios familiares, perda de entes próximos, eventuais abusos de drogas, experiências traumáticas em geral ou uma rejeição poderiam contribuir para sentimentos de depressão, ansiedade, raiva, isolamento e baixa autoestima. Fatores sociais de não aceitação num grupo ou eventual despreparo para a vida acadêmica poderiam levar ao isolamento e solidão, abstinência, frustração, abuso de substâncias químicas e baixa autoestima. Algumas questões espirituais, também, possuem seu espaço. Uma rigidez familiar acompanhada de uma falta de engajamento cristão poderia trazer um vazio espiritual que alimentaria dificuldades ou impediria os muitos benefícios do contexto religioso³²⁹.

Uma avaliação das dimensões biológica, psicológica, social e espiritual pode fornecer subsídios para a compreensão do peso de cada aspecto no problema a ser enfrentado. O desafio é o de se obter uma ponderação equilibrada dos diversos fatores de forma que se substitua a dependência de uma série de orientações teóricas por uma estrutura biopsicossocial baseada em evidências³³⁰.

Testes psicológicos que examinem a personalidade e o funcionamento psicológico afetivo e geral são úteis. Um dos testes psicológicos gerais mais populares e comumente usados é o Minnesota Multifasic Personality Inventory,

³²⁸ GREGGO, op. cit., (Locais do *Kindle* 684-686). Edição do *Kindle*.

³²⁹ *Ibid*, Locais do *Kindle* 689-691.

³³⁰ *Ibid*, 762 a 766.

(MMPI) que fornece notas relativas às dimensões psicológicas, afetivas e de personalidade. Além disso, testes como o Inventário Clínico Multiaxial de Millon (ICMM) destacam a disfunção da personalidade em particular e podem atuar como um complemento à avaliação do MMPI. Esses testes são objetivos e geralmente são de baixo custo de aplicação³³¹.

A Associação Americana de Psicologia publicou em 2002 e em 2006 uma variedade de documentos baseados no trabalho de várias forças-tarefas nos últimos anos que apoiam uma abordagem baseada em evidências para a prática profissional. Essas pesquisas possuem informações sobre depressão, impulsividade, abuso de substâncias e estresse pós-traumático que servem para apoiar a compreensão, a conceituação e a intervenção para essas questões³³². A igreja, também, possui um papel importante neste processo pelo apoio espiritual e social que pode promover.

Esta abordagem, ao considerar a proeminência de uma estrutura biopsicossocial baseada em evidências, pode reduzir a ira a um transtorno comportamental denominado como transtorno explosivo intermitente. Este transtorno deve ser tratado com fluoxetina, cuja dosagem pode variar em função das respostas obtidas e de terapia cognitiva comportamental acompanhada de intervenções psicossociais para promover um aprendizado de como lidar com as provocações ambientais³³³. O problema com esta abordagem não reside na possibilidade que propõe de que questões orgânicas causem a ira, mas sim na exclusão, *a priori*, do elemento pecaminoso da ira.

Alguns questionamentos que devem ser feitos pelos conselheiros bíblicos são: Deus colocaria a sua própria Palavra em segundo plano para cuidar do seu povo? Embora existam utilidades terapêuticas, algum tratamento pode contribuir efetivamente para a conformação da pessoa a imagem de Cristo? A maior deficiência dessa abordagem é sobre a impossibilidade de produzir mudanças duradouras no caráter de forma que a pessoa se torne mais parecida com Cristo. A quantidade de informações já disponíveis sobre a psique humana poderia ser utilizada para uma melhor compreensão do contexto psicológico, mas não como base de prescrições para o problema do pecado.

³³¹ Ibid, 731 a 735.

³³² Ibid, 775 a 778.

³³³ DSM-IV-TR - Casos clínicos, v.2 p. 351-353.

4.2.2 O cuidado pastoral e a ira

O cuidado pastoral parte das premissas de que ninguém interpreta as Escrituras sem erro humano, que a ciência possui seu valor diagnóstico e prescritivo e que a psicologia pode ser útil para o trabalho do conselheiro³³⁴.

O aconselhamento pastoral visa ajudar as pessoas a ajudarem a si mesmas a compreenderem seus conflitos e pode ocorrer em hospitais, clínicas ou igrejas. A atuação pastoral deve ocorrer sob duas dimensões, quais sejam: a orientação espiritual que deve ocorrer de forma contínua no dia a dia da igreja e o aconselhamento para os casos de crise que deve ocorrer numa clínica ou num gabinete. Em ambos os casos, no entanto, a história relata uma forte assimilação de psicologias seculares como o behaviorismo, a psicanálise, o pessoalismo³³⁵ e o transpessoalismo³³⁶, o que pode ser confirmado pelos títulos dos livros mais vendidos como: *O poder do pensamento positivo de Peale* ou *Como ser uma pessoa de verdade de Fosdick*³³⁷.

A abordagem que defende que o conselheiro deva ajudar as pessoas a ajudarem a si mesmas vem de Carl Rogers e promove um reducionismo da natureza humana pois a limita à sua dimensão sentimental. Segundo esta abordagem, os aconselhamentos não podem ser diretivos e devem se limitar a examinar sentimentos e atitudes ao invés de fazer perguntas específicas. O conselheiro não deve discutir e deve, tão somente, se limitar a explicar ou dar informações ao invés de apresentar evidências ou persuadir a tomada de atitudes³³⁸.

Anton Boisen é um nome importante neste movimento de treinamento pastoral clínico que, ao seu tempo, criticou tanto os ortodoxos quanto os liberais pela falta de sensibilidade com as questões pessoais. Os primeiros ofereciam cuidado sem diagnóstico e os segundos nem cuidado e nem diagnóstico. Advogava que deveria haver uma teologia que instrumentalizasse o cuidado

³³⁴ GREGGO, op. cit., (Locais do *Kindle* 981-983). Edição do *Kindle*.

³³⁵ HURDING, op. cit., p.126. No pessoalismo, o objeto de estudo é a experiência humana, seus traços pessoais e o temperamento. O método é a compreensão do significado destas experiências.

³³⁶ HURDING, op. cit., p.135-136. No transpessoalismo, Rogers defende que existe uma força evolutiva que é intrínseca ao ser humano que faz com que a humanidade se mova em direção a uma percepção cósmica e transcendente que traz a harmonia.

³³⁷ HURDING, op. cit., p. 257-259.

³³⁸ ADAMS, Jay E. **Conselheiro Capaz**. São Paulo: Editora Fiel, 1977. p. 96.

pastoral a partir de uma reflexão teológica sobre o pensamento freudiano e pós freudiano³³⁹.

Howard Clinebell trouxe importantes contribuições para este movimento de aconselhamento pastoral ao juntar contribuições da psicoterapia e das ciências psicossociais com a herança teológica. Bastante aberto, este autor incorporou ideias de Maslow, Rogers e Frankl, o que fundamentou a sua ideia de crescimento psicológico. Influenciado por Paul Tillich, teólogo existencialista alemão, considerava as Escrituras como fonte de *insight* para o crescimento pessoal. Fiel à tradição liberal apresentou ideias bastante otimistas com a natureza humana, não negou o pecado, mas o reduziu a um mero bloqueio das potencialidades humanas³⁴⁰.

Este movimento é, também, chamado de aconselhamento de crescimento e defende um amadurecimento espiritual a partir da percepção pessoal de potenciais próprios. Defende que as Escrituras apontem para a necessidade da liberdade de toda forma de opressão, seja a nível individual, seja a nível social, seja racista, sexista ou economicamente injusta. Defende também a utilização de uma série de métodos terapêuticos tais como: grupos de descoberta espiritual, de celibato criativo e de enriquecimento do casamento e família. O foco é o estabelecimento de grupos para que pessoas possam ajudar pessoas dentro do cotidiano³⁴¹. Outro foco são os relacionamentos como instrumentos básicos de mudança, onde deve fluir do conselheiro ao aconselhado um tipo de canal interior de irrigação. Os recursos religiosos como oração, a própria Palavra e as histórias da bíblia devem ser utilizados com o cuidado necessário de forma que não prejudiquem o relacionamento, pois estes recursos possuem significados diferentes para pessoas diferentes³⁴².

O movimento de aconselhamento pastoral se desviou de sua proposta inicial de se apropriar das ciências de forma crítica e se perdeu ao ponto de ser reduzido a um vaga ideia de atribuição de valores e de atitudes que moldariam a vida, pregando inclusive o divórcio de qualquer tentativa de conversão a algum credo ou filosofia de vida³⁴³.

³³⁹ HURDING, op. cit., p 250.

³⁴⁰ Ibid, p. 357.

³⁴¹ Ibid, p. 357.

³⁴² Ibid, p. 361-362.

³⁴³ Ibid, p. 257-259.

O resultado para o tratamento da ira, é que esta não é vista necessariamente como um pecado, mas antes como uma emoção que pode ou não se tornar um pecado. Não se considera o aspecto moral da ira ou algo que se faz contra o próprio Deus. O foco se resume a uma busca de aprendizagem das formas de se lidar melhor com as emoções para que relacionamentos não sejam prejudicados³⁴⁴.

Ao considerar a ira como uma mera emoção amoral, o tratamento fica reduzido a questões meramente comportamentais. O conselho é que os ataques emocionais de raiva devem ser combatidos com mansidão e humildade. O problema com esta abordagem é que o coração é excluído, pois, ao não se considerar o pecado, o papel do Espírito Santo como aquele que convence do pecado da justiça e do juízo fica reduzido a uma mera inspiração e a idolatria presente na ira não é enfrentada. Os avanços se dão apenas como freios comportamentais.

4.2.3 O aconselhamento cristão e a ira

O aconselhamento cristão é um ramo importante do cuidado pastoral geral que envolve a pregação, o ensino e a administração de sacramentos e tem por objetivo capacitar a pessoa a lidar com as situações que causem sofrimento e a experimentar crescimento espiritual. Este tipo de aconselhamento, no entanto, não é suficiente e deve ser complementado pela psicoterapia pastoral para que haja mudanças fundamentais na personalidade e nos valores espirituais e mentais do aconselhado e deve ser exercido por um especialista preparado³⁴⁵.

Quatro aspectos caracterizam um aconselhamento cristão: - As suas hipóteses acerca dos atributos de Deus, da natureza humana, da autoridade das Escrituras, da realidade do pecado e do perdão de Deus; - Os seus objetivos de encorajamento a confissão dos pecados e de crescimento espiritual; - Os seus métodos singulares que excluem técnicas imorais; e, por fim, as características singulares do conselheiro que naturalmente deve

³⁴⁴ Bíblia de Estudo Conselheira – Novo testamento. Acolhimento Reflexão Graça. Sociedade Bíblica do Brasil. 2011. Nota sobre o versículo - Ef 4.26, p. 416.

³⁴⁵ COLLINS, Gary. **Aconselhamento cristão**. Edição Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 17.

conhecer a Cristo³⁴⁶.

A ordem bíblica, segundo esta abordagem, é de que devemos ensinar tudo o que Cristo ensinou e isto implica na busca por um relacionamento melhor com Deus e não somente instruir na doutrina. A Bíblia, também, não pode ser considerada como um manual de aconselhamento, pois apesar de tratar de situações, tais como: solidão, ira, medo e problemas conjugais jamais se propôs a ser a única revelação de Deus sobre como ajudar as pessoas e, por isso, a psicologia, assim como a medicina não podem ser excluídas do trabalho do conselheiro³⁴⁷. A revelação natural e a especial estão no mesmo patamar, pois como defendem, a Palavra de Deus e o mundo de Deus devem estar em perfeita harmonia³⁴⁸. O problema é que a Bíblia diz o contrário, pois as Escrituras nos instruem a nos aconselharmos uns aos outros com base na Palavra de Cristo³⁴⁹, afirmam que são plenamente suficientes para o trato com a alma humana³⁵⁰ e revelam que a revelação natural não foi destinada para o trato do coração humano³⁵¹.

Hurding defende que a graça comum de Deus aponta para a necessidade de se ver o aconselhamento disponível para todos, sejam cristãos ou não. Nesta leitura o aconselhamento poderá levar a uma evangelização bem-sucedida de forma que um cliente incrédulo poderá dar passos de maneira positiva ao convite de Cristo³⁵². Fiel a sua abordagem integracionista, Hurding apresenta uma profunda análise sobre os pontos positivos e negativos que o behaviorismo (homem como máquina), a psicanálise (o homem e seus instintos), o pessoalíssimo (existencialismo) e o transpessoalismo (além do eu) têm em relação ao aconselhamento³⁵³.

O problema desta abordagem é que a suficiência das escrituras quanto ao trato com a alma humana é colocada em segundo plano. O apóstolo Pedro afirma que Deus, com seu poder divino, nos concede tudo de que necessitamos para uma vida de devoção, pelo conhecimento completo daquele que nos

³⁴⁶ Ibid, p. 18-19.

³⁴⁷ ibid, p. 23.

³⁴⁸ HURDING, op. cit., p. 273

³⁴⁹ Cf. Cl 3.16

³⁵⁰ Cf. 2Pe 1.3

³⁵¹ Cf. Rm 1.19-22

³⁵² HURDING, op. cit., p. 50.

³⁵³ HURDING, op. cit., p.50.

chamou para si por meio de sua glória e excelência³⁵⁴. O apóstolo Paulo afirma que toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para nos ensinar o que é verdadeiro e para nos fazer perceber o que não está em ordem em nossa vida, que nos corrige quando erramos e nos ensina a fazer o que é certo e que Deus a usa para preparar e capacitar seu povo para toda boa obra³⁵⁵.

Gary Collins reduz a ira a uma reação inata que pode ser desencadeada pelo contexto hostil ou pode ser o resultado de frustrações sofridas³⁵⁶. Como defende, a ira é o resultado de ameaças, humilhação ou quando se é impedido de conseguir algo que se deseja. O autor defende que a ira é uma emoção que pode ser a causa de problemas de diversas ordens, inclusive de problemas espirituais e pode aparecer sob a forma de amargura, ressentimento e ódio. A ira, também, pode se originar a partir de interpretações erradas das circunstâncias ou de erros de julgamento.

Os Guinness acerta quando argumenta que a ira se diferencia de uma simples emoção pelo elemento volitivo que direciona sua ascensão e expressão, mas se equivoca quando a divorcia da questão moral envolvida, pois defende que indignação de Deus contra o pecado não é ira³⁵⁷. Este autor, também, acerta quando elenca os aspectos que tornam a ira uma atitude pecaminosa como as motivações erradas, o excesso e desordenamento das emoções, o desejo de vingança e o desprezo.

Três seriam as causas primárias da ira, segundo Collins: a abordagem instintiva proposta por Freud, onde a ira não passaria de um impulso biológico desencadeado por um ambiente hostil ou pelas ações de outras pessoas; a abordagem da frustração-agressão que coloca ira como uma resposta natural às frustrações e a mais ancorada em pesquisa que coloca a ira como uma emoção que pode variar na sua forma de expressão em função de como a pessoa percebe a realidade à sua volta. As soluções passariam ou pelo controle do temperamento, ou por se colocar para fora a hostilidade que se acumula por causa de críticas ou exigências alheias³⁵⁸.

³⁵⁴ Cf. 2Pe1.3.

³⁵⁵ Cf. Tm 3.16.

³⁵⁶ COLINS, Michael. **Aconselhamento Cristão**. Edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2005. p.144-145.

³⁵⁷ GUINNESS, Os. **Sete Pecados Capitais**. São Paulo: Shedd Publicações, 2006. p.115.

³⁵⁸ COLINS, op. cit., p.140.

A forma como o homem se enxerga diante de Deus definirá o trato com a ira. Collins defende a elevação da autoestima como uma fonte de redução da ira, pois a medida em que o homem percebe o seu valor ficará menos suscetível a ofensas e frustrações³⁵⁹. Deus nos amou tanto que enviou a Jesus Cristo para morrer numa cruz para ter um relacionamento eterno conosco. Isto posto, como afirma esse autor, é inconcebível que o cristão tenha uma baixa autoestima pois afinal Deus odeia o pecado, mas ama o pecador.

Robert Shuller, influenciado por Carl Rogers, vai mais longe quando afirma que a maior necessidade da espécie humana é autoestima e que esta deve ser a base de uma nova reforma que faça avanços em relação a reforma de Lutero e Calvino³⁶⁰. As influências destas abordagens para o trato da ira são importantes. A busca pela semelhança com Cristo é substituída pela valorização do ego. Ao invés de se encarar as provações como oportunidades de crescimento³⁶¹, passa-se a evitar pessoas e situações que provocam a ira; a eliminação dos ídolos do coração se transforma em controle comportamental das emoções e a busca pela semelhança com Cristo se transforma em busca por amar a si mesmo.

Hurding estabelece um relacionamento entre aconselhamento e psicoterapia onde o primeiro se prestaria apenas para os níveis iniciais e menos problemáticos, deixando aquilo que realmente é sério para os psicoterapeutas. O aconselhamento seria restrito ao alívio dos problemas mediante um ouvinte compreensivo e para a vazão de sentimentos num relacionamento de apoio e discussão de problemas com alguém que não assume o papel de juiz. As causas reais dos problemas, o abandono de padrões inúteis de relacionamento, a reaprendizagem de padrões de comportamentos e as mudanças construtivas do comportamento e da personalidade deveriam ser levados para os profissionais da alma (psicoterapeutas) com técnicas humanistas³⁶².

Alguns questionamentos, no entanto, devem ser feito pelo conselheiro cristão: Excetuando a questão dos distúrbios bioquímicos, todas as outras causas listadas não ignoram o aspecto moral? A frustração, por exemplo, qual

³⁵⁹ *ibid*, p. 153.

³⁶⁰ *ibid*, p. 372.

³⁶¹ Cf. Tg 1.2-4.

³⁶² HURDING, *op. cit.*, p. 34-36.

seria a sua causa fundamental? Não seriam simplesmente acontecimentos que ocorreram fora do referencial idólatra estabelecido? O Apóstolo Paulo concordaria que frustrações, ambientes hostis e impulsos biológicos fossem considerados como causas aceitáveis para a ira humana?

O texto abaixo revela que o Apóstolo Paulo não considerava que frustrações poderiam ser uma justificativa para a ira:

Nossa dedicação a Cristo nos faz parecer loucos, mas vocês afirmam ser sábios em Cristo. Nós somos fracos, mas vocês são fortes. Vocês são respeitados, mas nós somos ridicularizados. Até agora passamos fome e sede, e não temos roupa necessária para nos manter aquecidos. Somos espancados e não temos casa. Trabalhamos arduamente com as próprias mãos para obter sustento. Abençoamos quem nos amaldiçoa. Somos pacientes com quem nos maltrata. Respondemos com bondade quando falam mal de nós. E, no entanto, até o momento, temos sido tratados como a escória do mundo, como o lixo de todos. 1Co 4.10-13

O problema teológico destas abordagens é sério, pois se baseia na falsa premissa de que o Evangelho tem a ver com o homem. O Evangelho tem a ver com Deus.

4.2.4 A Psicologia cristã e a ira

A psicologia cristã considera a utilidade dos recursos diagnósticos da psicologia sem abandonar os pressupostos bíblicos de que o homem é um ser caído e que um relacionamento redentivo com Deus é a única solução real. Paul Vitz, ainda como não cristão, enxergou as falácias do pensamento humanista da psicologia e passou a considerá-la como um tipo de seita de auto adoração. Entendia que os métodos da psicologia se resumiriam em uma criatividade focada no eu e que traziam como consequência a falta de significado deste mesmo eu. Já, como cristão, entendeu que a psicologia era um narcisismo que levava à morte e uma presença egoísta de poder que exclui a perspectiva da revelação de Deus ao homem³⁶³. A psicologia cristã inclui filosofia, teologia, teoria, pesquisa, habilidades e técnicas clínicas e procura pelos princípios e métodos de psicologia implícitos em escritos cristãos³⁶⁴ e o terapeuta é considerado como um instrumento de Deus³⁶⁵.

³⁶³ HURDING, op. cit., p.266.

³⁶⁴ GREGGO, op. cit., (Locais do *Kindle* 1301-1304). Edição do *Kindle*.

³⁶⁵ GREGGO, op. cit., (Locais do *Kindle* 1306-1307). Edição do *Kindle*.

Larry Crabb é outro nome importante dessa abordagem e defende o uso de instrumentos e técnicas cognitivas e comportamentais para descobrir os novos padrões de vida que provém de uma vida cheia do Espírito Santo. Crabb, como psicólogo clínico, não conseguiu alinhar o pensamento psicológico com as crenças bíblicas mais básicas e procurou uma abordagem solidamente bíblica a partir de uma integração cautelosa. Crabb vê o uso de estratégias alternativas em busca de autonomia como um pensamento defeituoso e de rebeldia contra Deus³⁶⁶.

Crabb defende que o aconselhamento deve levar a pessoa a ser semelhante a Cristo. Este processo se baseia na obediência que leva a uma renovação da mente e dos sentimentos de valor e de segurança. A igreja local deve ser a protagonista nesse processo e deve atuar de forma que pensamentos problemáticos sejam substituídos por pensamentos bíblicos³⁶⁷.

O modelo proposto é o de aconselhamento de esclarecimento que envolve³⁶⁸:

- a) Identificar os sentimentos problemáticos (emoções negativas como ansiedade, ressentimento, culpa, desespero ou vazio);
- b) Identificar comportamentos e pensamentos problemáticos com o uso de técnicas de antigas lembranças;
- c) Mudar as pressuposições (crenças) que são acompanhadas por fortes emoções que podem se tornar obstáculos para mudanças;
- d) Obter o compromisso com a mudança;
- e) Planejar e praticar do comportamento bíblico;
- f) Identificar os sentimentos controlados pelo Espírito Santo com o objetivo de renovar o pensamento por meio da prática da obediência.

O objetivo é que o confronto (noutheteo) seja um dos vários estilos de aconselhamento e não o único. O foco é a mudança dos pressupostos que são evidenciados pelos comportamentos e formas de pensar. O confronto parte do comportamento para o coração, já o esclarecimento parte do coração (pressupostos) para os comportamentos³⁶⁹.

³⁶⁶ Ibid, p. 338.

³⁶⁷ Ibid, p. 339.

³⁶⁸ Ibid, p. 341-342.

³⁶⁹ Ibid, p. 338 -341.

As teorias seculares operam a partir de um ponto de vista que o homem tem de si mesmo, mas falham em reconhecer a importância do coração como o órgão que dirige todas as demais estruturas humanas. Essa falha ocorre porque o coração, como o centro do ser humano, é um órgão espiritual e não pode ser vislumbrado por técnicas meramente humanas. Essas terapias se limitam a aliviar as tensões, fobias e vícios, no entanto, sem iluminar a responsabilidade do coração não conseguem resolver o problema de forma verdadeira e efetiva³⁷⁰.

As diversas terapias, independente de seus métodos e pressupostos, possuem em comum alguns fatores benéficos que auxiliam as pessoas. Estes fatores resumem de forma mais sistematizada aquilo que ocorre naturalmente num processo de influência social, onde a interação com o ambiente e com outras pessoas traz amadurecimento e mudanças significativas³⁷¹. Isto porque a base de todas as terapias se origina na sabedoria bíblica milenar. As terapias seculares, nada mais fazem, do que se apropriarem dessas verdades e darem novas roupagens a partir de pressupostos idólatras e humanistas.

A psicologia cristã ambiciona ser científica e cristã ao mesmo tempo, pois filtra e avalia a psicologia secular de forma crítica e bíblica. Algumas descobertas que podem auxiliar no trato com o pecado são: as causas corporais dos problemas mentais; a teoria dos temperamentos (relação entre temperamento e caráter); a influência dos sentimentos e dos reflexos inconscientes; a diferença entre motivação sensível (impulsiva) e espiritual (normativa e consciente); relação entre necessidades, desejos e valores; dissonância cognitiva e a relação entre conformismo e responsabilidade pessoal³⁷². O pressuposto é que não existe apenas uma única explicação para os problemas, pois devem ser considerado os fatores bióticos, relacionais e causadores de estresse, estrutura de temperamento, caráter do cliente e os fatores religiosos³⁷³.

O perfil ideal do conselheiro é o de um especialista com formação pastoral ou um conjunto de equipes que trabalhem com franca cooperação formadas por médicos, cristãos, pastores, psicoterapeutas e assistentes sociais ³⁷⁴ . O

³⁷⁰ OUWENEEL, op. cit., p.134.

³⁷¹ Ibid, p.133.

³⁷² Ibid, p.138.

³⁷³ Ibid, p.138.

³⁷⁴ Ibid, p.140.

problema desta abordagem é na sugestão, mesmo que sutil, de uma insuficiência das Escrituras.

Crabb defende que a ira pode advir das frustrações advindas do insucesso na busca por agradar os outros que viram pedidos obstinados de desculpas e sentimento de culpa. Outra causa é o ressentimento, porque pessoas ou coisas bloqueiam o alcance dos desejos e o conseqüentemente o medo do fracasso leva a um medo paralisante que, por sua vez, gera ansiedade³⁷⁵. Estes estados são considerados como pré-neuróticos e podem levar a atos compulsivos ou à depressão e, por isso, devem ser enfrentados a partir das categorias bíblicas de pecado.

Crabb exorta que os cristãos devem buscar soluções bíblicas para o problemas da vida e denuncia que uma das falácias do cristianismo moderno é a promessa da satisfação da vida presente, seja buscando alívio dos sofrimentos ou aprendendo a ignorá-los. É impossível alcançar a felicidade num mundo que perdeu o seu estado original e a forma como se lida com o sofrimento revela maturidade espiritual. Pessoas tem usado a Bíblia como um manual para viver melhor neste mundo e modificar as situações. O objetivo tem sido o conforto e não a santificação. A busca da santificação necessariamente não leva a um patamar superior de felicidade. Ler mais a Bíblia, orar mais, categorizar os pecados e evitá-los, mais envolvimento com a igreja e memorização de versículos não são o caminho da felicidade, mas o da santificação³⁷⁶.

O objetivo final de um aconselhamento bíblico deve ser o de conformar a pessoa a imagem de Cristo e, por isso, as situações apresentadas devem ser vistas como oportunidades para o crescimento e maturidade espiritual. Neste contexto, é importante que a ira pecaminosa seja bem compreendida, pois a pluralidade de concepções sobre a ira tende a ignorar o seu aspecto pecaminoso e traz a perda do foco de se forjar um caráter cristão.

Neste capítulo, procurou-se mostrar que a compreensão da ira como uma reação inata e desencadeada por um contexto hostil ou como uma simples disfunção biológica ou emocional não contribuem para o objetivo do aconselhamento cristão.

³⁷⁵ HURDING, op. cit., p.338-339.

³⁷⁶ CRABB, Larry. *De dentro para fora*. MG: Editora Betânia, 1992. p.14,15-19.

A análise apresentada das diversas linhas de aconselhamento com seus métodos e pressupostos para lidar com a ira, bem como seus efeitos e resultados foram avaliados à luz das Escrituras para que a relevância de uma abordagem bíblica para o trato deste pecado fosse evidenciada.

A seguir será desenvolvida uma abordagem que considera o aspecto pecaminoso da ira que servirá de base para que algumas aplicações pastorais sejam apresentadas.

5 – ABORDAGEM BÍBLICA PARA O TRATO DA IRA IDÓLATRA

O homem tem uma finalidade e um propósito. A finalidade é glorificar o seu Criador e o propósito é refletir o caráter de Deus. O propósito leva ao cumprimento da finalidade e define a qualidade dos métodos do aconselhamento bíblico que devem considerar a santidade de Deus e o pecado humano³⁷⁷. Powlison defende que o aconselhamento deve ser visto como conversas com a intenção de ajudar que consideram Deus como o centro; o pecado como o maior problema do homem e Jesus Cristo como a única solução³⁷⁸. Isso é necessário porque a pecaminosidade humana está presente em todos os aspectos do aconselhamento que, para ser redentivo, deve resgatar a autoridade de Deus em todo o processo.

A Palavra de Deus é o principal recurso para tratar a alma humana e desconsiderar a sua suficiência levará a uma psicologização do pecado, a distorção da compreensão da realidade espiritual em que o homem se encontra, a perda do foco do que deve ser tratado e a redução do pecado a questões meramente comportamentais. Essas são questões eternas assim como são os propósitos de Deus e, por isso, o aconselhamento bíblico não deve visar, primariamente, resolver problemas imediatos por mais urgentes que pareçam ser.

O tratamento do aconselhamento não é sistematizado e tem se apresentado de uma forma divorciada da teologia. A sistematização do aconselhamento, no entanto, é fundamental para o desenvolvimento de seus métodos de identificação do erro e de defesa da verdade. As abordagens seculares, por sua vez, têm sistematizado ideias que tentam realizar aquilo que

³⁷⁷ GOMES, Wadislau Martins. **Prática do aconselhamento redentivo: um modelo básico de aconselhamento cristão**. Brasília, DF: Monergismo/Refúgio, 2018. p.110-117.

³⁷⁸ POWLISON, David. **Uma nova visão**. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2010. p.4.

Deus determinou que fosse realizado pela sua Palavra³⁷⁹. A comunhão que antecedia a queda era perfeita e o conselho de Deus consistia numa revelação benéfica para desenvolver todo o potencial humano e foi exatamente esta revelação que Satanás atacou ao criar e sistematizar dúvidas sobre o próprio Deus e o seu conselho³⁸⁰.

Teria Deus nos privado da verdade necessária a uma vida saudável na presente era? Ou teria Jesus se tornado o perfeito conselheiro sem os insights da psicologia secular e antibíblicas³⁸¹? A palavra não somente trouxe ordem e significado ao caos na criação, mas também é a única realidade capaz de trazer ordem e significado ao caos provocado pela falha da psicoterapia moderna. Os psicoterapeutas querem uma autoridade que somente a Palavra de Deus tem. Conselhos humanos não conseguem suprir o que é necessário para dar significado à vida e nem motivação para que se busque tal significado³⁸².

A Bíblia deve ser a única regra de fé e prática para todas as áreas, seja o ensino, pregação, discipulado ou aconselhamento. Não há razão para que o aconselhamento seja considerado como uma área diferente de qualquer outra, a não ser a rebeldia do coração humano em não se submeter à lei de Deus. A rejeição à Palavra de Deus, assim como a ira, são pecado, portanto é inconcebível tratar um pecado com outro pecado.

Carson ao analisar o texto de Mateus 5:21.22 reforça a tese de que existe um componente moral significativo na ira, quando ressalta que Jesus a compara com o assassinato³⁸³. Powlison afirma que a ira vai muito além de questões fisiológicas ou emocionais, pois envolve pensamentos, atitudes, quadros mentais, palavras e julgamentos. A ira não é algo que temos como um fluido emocional, mas sim um ato moral. A concepção que se tem de ira implica diretamente na abordagem para tratá-la. Se é um ato moral, então a solução é arrependimento e fé e não tratamentos meramente comportamentais. Qualquer solução catártica para a ira levará a uma piora da situação espiritual. A ira não é uma coisa a ser retirada, mas sim uma atitude moral e, por isso, a solução

³⁷⁹ ADAMS, Jay E. **Teologia do Aconselhamento Cristão**. Eusébio, CE: Ed Peregrino, 2016. p. 9-10.

³⁸⁰ Ibid, p. 21.

³⁸¹ Ibid, p. 35.

³⁸² Ibid, p. 58-59.

³⁸³ CARSON, D.A. **O Comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd Publicações, 2010. p.185.

passa pelo arrependimento³⁸⁴.

A ira é um dos aspectos da natureza caída que se manifesta a partir de um profundo sentimento de rancor acompanhado de emoções pecaminosas, palavras e atitudes que têm por objetivo ferir as pessoas. A ira é uma emoção moral que opera para ao bem ou para o mal e que nos desperta para atacar ou depreciar. A ira, também, pode se manifestar com palavras agressivas ou, de forma mais sutil, como comentários depreciativos ou sarcásticos. A ira, portanto, mais do que uma reação emocional, é uma resposta contra Deus e assim deve ser tratada.

As abordagens analisadas no capítulo anterior variam de propostas humanistas disfarçadas a leituras mais ortodoxas que, por sua vez, variam na sua ênfase que dão ao componente moral da ira. A ira tem que ser tratada pelo que ela é: uma resposta contra Deus.

5.1 PRINCÍPIOS BÍBLICOS

A Palavra de Deus traz princípios que são o único recurso capaz de trazer o confronto e o conforto que a alma necessita. A Palavra é necessária para que haja a cura, pois proporciona o confronto com o padrão de retidão e o conforto pela capacidade de trazer reais esperanças de mudança. O aprendizado da Palavra de Deus pela obediência é o centro do ensino bíblico³⁸⁵ e deve ser, também, o centro do aconselhamento bíblico.

A obediência à Palavra gera uma esperança que não se baseia em sentimentos, filosofias, força de pensamento ou em algum tipo de mentalização de coisas boas que atraiam energias positivas. A esperança que vem de Deus é firme e a promessa é grandiosa, pois o que está prometido é que os cristãos se tornarão participantes da natureza divina³⁸⁶ e este milagre ocorre por meio do confronto e o conforto que somente a Palavra de Deus pode trazer.

5.1.1 Suficiência das Escrituras

O uso de métodos humanos para tratar daquilo que Deus definiu que seria tratado com a sua Palavra implica em afirmar que as Escrituras são insuficientes. Esta é uma questão importante, pois não existe sabedoria espiritual fora das

³⁸⁴ POWLISON, David. *Três mentiras sobre a ira e a verdade transformadora*. Coletâneas de aconselhamento. v. 5. p. 85.

³⁸⁵ ADAMS, op. cit., p. 236.

³⁸⁶ Cf. 2Pe 1.4.

escrituras³⁸⁷. As teorias da personalidade, por exemplo, reduzem a ira a uma mera emoção. Esse tipo de interpretação traz sérias dificuldades para o objetivo do aconselhamento de levar a pessoa a se tornar parecida com Cristo e somente ganha terreno por causa da desconsideração da suficiência das Escrituras.

Sistemas que defendem a autonomia humana geram teorias hostis às doutrinas bíblicas. A Bíblia define claramente que o homem é um ser criado e caído porque desobedeceu ao seu Criador. Tratar o homem de uma forma diferente do que é determinado pelas Escrituras inviabiliza qualquer processo verdadeiro de auxílio, principalmente quando o objetivo é o trato das raízes idólatras da ira. A teoria psicanalítica freudiana, o behaviorismo radical de B. F Skinner, a perspectiva centrada no cliente de Carl Rogers e a psicologia analítica de Carl Jung são alguns exemplos de abordagens que possuem pressupostos que distorcem a realidade e distanciam o homem do conceito de pecado³⁸⁸.

O homem necessita viver de acordo com o conselho do seu Criador e as Escrituras são a revelação de Deus concedida de forma vivencial e encarnada. Emler defende que a teologia não pode resumir a revelação a um conjunto de doutrinas e técnicas exegéticas e desconsiderar a hermenêutica das pessoas, deixando de interpretá-las dentro dos seus contextos vitais. Isto é necessário, pois Deus se revelou de forma encarnada na história de pessoas reais que viviam situações reais³⁸⁹. A teologia deve ser compreendida desta forma para que possa ser aplicada da forma como foi revelada. A redução da teologia a um conjunto de doutrinas faz com que as raízes idólatras da ira pareçam não encontrar tratamento nas Escrituras.

Métodos extra bíblicos não podem ser a referência para o conselheiro bíblico³⁹⁰, pois as escrituras se declaram como suficientes. A Palavra é inspirada por Deus e útil para ensinar o que é verdadeiro e para fazer perceber o que não está em ordem. Ela corrige os erros e ensina a fazer o que é certo e Deus a usa para preparar e capacitar seu povo para toda boa obra.³⁹¹

³⁸⁷ MACKARTHUR, John F. **Introdução ao Aconselhamento Bíblico: Um guia prático dos princípios e prática do aconselhamento**. John F. MackArthur, Jr; Wayne A. Mack e o corpo docente do Master's College. São Paulo, SP: Hagnos, 2004. p. 26.

³⁸⁸ Jay Adams cita estes três autores de forma específica em sua teologia do aconselhamento cristão. p.170-171.

³⁸⁹ EMLET, Michael R. **Conversa Cruzada**. São Paulo: Ed Cultura Cristã, 2015. Esta é a tese desta obra.

³⁹⁰ MACKARTHUR, op. cit., p. 26.

³⁹¹ Cf. 2Tm 3.16-17.

O homem necessita da Palavra como referência para que o pecado seja abandonado e para que as obras que contribuem para a sua salvação e santificação passem a fazer parte da sua vida³⁹². A mesma Palavra que afirma que não há um justo sequer e que não há ninguém que busque a Deus, que não há um sábio e que todos se desviaram e se tornaram inúteis e que não há quem faça o bem³⁹³ é a mesma que é poderosa para salvar a nossa alma³⁹⁴ e capaz de nos transformar numa nova criatura.

A dependência do conselheiro na total suficiência da Palavra de Deus em todas as áreas envolvidas no processo de aconselhamento é o único caminho seguro para que Deus seja glorificado e os cristãos passem a refletir a Cristo em suas vidas. Qualquer outra abordagem não passará de um atalho para um precipício moral, emocional e espiritual.

5.1.2 Reconhecimento da pecaminosidade humana

A consideração do pecado como uma realidade espiritual séria é fundamental para impedir a adoção de abordagens que levem as pessoas a estarem bem consigo mesmas e para trazer o reconhecimento da responsabilidade pessoal diante de Deus³⁹⁵. A fonte do pecado é a própria natureza humana pois a tentação vem dos próprios desejos que seduzem e arrastam. Esses desejos levam ao pecado e quando o pecado se desenvolve plenamente gera a morte³⁹⁶. O próprio coração é que contamina o homem, pois é a fonte dos maus pensamentos, homicídios, adultérios, imoralidade sexual, roubos, mentiras e calúnias³⁹⁷. Somente a Bíblia deixa clara qual é a verdadeira condição humana.

A formação e a consolidação dos hábitos pecaminosos é algo que precisa ser considerado no aconselhamento bíblico pela importância que possui para o trato da ira idólatra. Hábitos pecaminosos são modelos de comportamento

³⁹² As escrituras tratam como boas obras tudo aquilo que contribui para a salvação e para a santificação, Cf. Rm 6.22.

³⁹³ Cf. Rm 3.10 -12.

³⁹⁴ Cf. Tg 1.21.

³⁹⁵ MACKARTHUR, op. cit., p.125.

³⁹⁶ Cf. Tg 1.14-15.

³⁹⁷ Cf. Mt 15.18-20.

adquiridos em resposta à natureza³⁹⁸. Esses hábitos devem ser identificados para que novos hábitos piedosos seja formados³⁹⁹.

A diversidade dos termos que definem o pecado nas escrituras é bastante útil para revelar a profundidade e a seriedade com que a criação foi afetada.

Tabela 1: Traduções da palavra pecado nos dois testamentos⁴⁰⁰

No Antigo Testamento
<i>Avah</i> : Significa algo que foi danificado e que já não pode mais realizar o propósito para o qual foi designado.
<i>Ra</i> : Tribulação causada pela ruína.
<i>Pasha</i> : Rebelião contra Deus.
<i>Rasha</i> : Agitação, confusão, perturbação.
<i>Maal</i> : Quebra da aliança com Deus.
<i>Aven</i> : Vaidade, comportamento inútil, esforço sem resultado. Modo absurdo de pensar.
<i>Asham</i> : Pecado por negligência e ignorância.
<i>Chata</i> : Errar o alvo, falhar no propósito de não se conformar aos padrões de Deus
<i>Ama!</i> : Tribulação, cansaço e tristeza que são causados pela desobediência a Deus.
<i>Aval</i> : Injustiça, imparcialidade causada pelo egoísmo.
No Novo Testamento
<i>Hamartia</i> : Errar o propósito da vida;
<i>Parabasis</i> : Ultrapassar os limites definidos por Deus
<i>Anomia</i> : Acreditar que pode ser seu próprio juiz e legislador.
<i>Parakoe</i> : Desobediência a um chamado.
<i>Paraptoma</i> : Fracasso ao tentar se tornar independente de Deus.
<i>Agnoema</i> : Desconhecimento da lei de Deus
<i>Hettema</i> : Não considerar Deus como Senhor de toda a nossa vida.

Fonte: Adams (2008, p. 205-2011)

Todos estes termos ajudam a entender as consequências do pecado e trazem ao conselheiro a responsabilidade de ter que estar apto para identificar e responder biblicamente todas estas dimensões da queda.

Outro aspecto com relação à atuação do pecado para o aconselhamento é a compreensão de que a miséria humana e todo o sofrimento subjacente são uma consequência direta do julgamento de Deus contra o pecado e esta realidade deve ser enfrentada de forma bíblica. Este enfrentamento não nega a

³⁹⁸ O relacionamento entre pecaminosidade e formação de hábitos é tratada em Jay E. Teologia do Aconselhamento Cristão, Capítulo 10.

³⁹⁹ Alguns textos bíblicos que são particularmente uteis para esta questão estão em Rm 6.8 e 12, Gl 5, Cl 3 e Ef 4.

⁴⁰⁰ ADAMS, op. cit., p. 205-211.

dor nem o fato de que Deus é soberano. A negação da soberania de Deus não ajudará no processo de enfrentamento da situação, pois somente a reafirmação de que Deus é soberano e que está no controle é a solução que pode trazer esperança real.

O conselheiro deve ter como objetivo levar a pessoa a reconhecer a sua responsabilidade como pecador ou a compreender que pode ter sido vítima do pecado de outro, mas o pecado deve ser sempre considerado⁴⁰¹. O apóstolo Paulo diz que tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus e que foram chamados segundo o seu propósito⁴⁰² e o maior bem que o cristão pode desejar é ser conformado à imagem de Cristo⁴⁰³.

5.1.3 Centralidade de Cristo

O livro de Efésios revela a identidade espiritual e o modo de vida do cristão⁴⁰⁴. No primeiro capítulo, a ênfase na identidade espiritual em Cristo é enfatizada⁴⁰⁵, pois Deus nos abençoou em Cristo (v3), nos amou e nos escolheu em Cristo (v4), nos adotou como filhos por meio de Jesus Cristo (v5), derramou sua graça sobre nós em seu Filho amado (v6), comprou nossa liberdade com o sangue de seu Filho (v7), em Cristo nós nos tornamos herdeiros de Deus (v11) e colocou sobre nós o selo do Espírito Santo que havia prometido quando cremos em Cristo (v14).

A teologia paulina possui algumas estruturas fundamentais que formam uma base sólida para a centralidade de Cristo no aconselhamento. Estas estruturas podem ser resumidas da seguinte forma⁴⁰⁶:

a) Em Cristo, com Cristo: Significa uma nova ordem de existência e uma forma de se estar neste mundo. Estar em Cristo significa uma união próxima e transformadora e não uma experiência mística e ocasional. Isto deve mudar comportamentos, atitudes, reações e prioridades de forma que a vida do cristão possa refletir a nova criação em Cristo;

⁴⁰¹ MACKARTHUR, op.cit. p. 125.

⁴⁰² Cf. Rm 8.28.

⁴⁰³ Cf. Ef 4.24 e Cl 3.10.

⁴⁰⁴ Cf. Ef 4.1.

⁴⁰⁵ Cf. Ef 1.3-14.

⁴⁰⁶ RIDDERBOS, Herman. *A teologia do Apóstolo Paulo: a obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2. ed. 2013. Este é um resumo da parte II – Estruturas fundamentais.

b) Velho homem e novo homem: Significa que o velho modo de existência perdeu seu domínio sobre a vida do cristão e este cristão, que agora é livre do poder do pecado, pode viver de uma forma que agrade a Deus;

c) Carne e Espírito: A igreja e o cristão podem agora viver sob a liberdade que o domínio de Cristo proporciona e não mais sob o domínio das paixões carnis e diabólicas. É uma nova criação que irrompe na era atual e que vive sob a égide do Espírito de Deus.

d) Cristo, o Filho de Deus: A obra de Cristo não pode ser divorciada da Sua pessoa. Isto significa dizer que quem está em Cristo recebe os benefícios da sua vitória sobre o velho modo de existência já nesta vida. Cristo é quem trouxe a eternidade para a natureza humana por meio da sua morte e ressurreição. Cristo, como Deus pré-existente, é revelado na história da redenção como o mistério guardado desde os tempos eternos.

e) Cristo, o primogênito: Cristo é o Senhor cósmico da Sua criação por ser Aquele que representa o cumprimento da história da redenção desta criação. Cristo possui uma posição escatológica em relação a Sua criação, pois é Ele quem começa, executa e finaliza toda a história da redenção de tudo que Ele mesmo criou. Este fato lhe confere uma posição de autoridade absolutamente singular em relação a Sua criação.

A nova vida com Cristo e em Cristo implica numa restauração no seu sentido mais amplo e não apenas em mais um relacionamento a ser cultivado⁴⁰⁷. É somente a partir do que Cristo realizou que se pode receber alguma benção verdadeira que ultrapasse mudanças apenas comportamentais⁴⁰⁸.

5.1.4 A dependência do Espírito Santo

A atuação do Espírito Santo é fundamental para que o ser humano discirna a sua situação de pecador diante de um Deus Santo e Justo. O Espírito ensina⁴⁰⁹, guia na verdade⁴¹⁰ e mostra a verdade⁴¹¹ e é o único que convence do pecado da incredulidade, da justiça que vem de Deus pela ressurreição de Cristo e do juízo vindouro⁴¹².

⁴⁰⁷ MACKARTHUR, op. cit., p.150.

⁴⁰⁸ MACKARTHUR, op. cit., p.154.

⁴⁰⁹ Cf. Jo 14.26.

⁴¹⁰ Cf. Jo 16.13-14.

⁴¹¹ Cf. 1Co 2.1-2

⁴¹² Cf. Jo 16.8.

Um breve resumo da atuação do Espírito Santo na obra de redenção auxilia na compreensão da sua importância no processo de aconselhamento:

a) Jesus foi concebido pelo Espírito Santo, Lucas 1:35: “Respondeu-lhe o anjo: Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso o que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus.”

b) Jesus foi cheio e ungido pelo Espírito Santo, Atos 10:38: “Como Deus ungiu a Jesus com o Espírito Santo e com poder; o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do Diabo, porque Deus era com ele.”

c) O Espírito Santo preparou o próprio Jesus para o Seu ministério, Lucas 4:1: “Jesus, pois, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão; e era levado pelo Espírito no deserto, durante quarenta dias, sendo tentado pelo Diabo.”

d) O Espírito Santo foi enviado quando Jesus retornou para Deus, João 16:7: “Todavia, digo-vos a verdade, convém-vos que eu vá; pois se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, vo-lo enviarei.”

e) Nós O recebemos quando nascemos de novo, João 3:5: “Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.”

f) Recebemos poder, Atos 1:8: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra.”

g) Somos selados com o Espírito Santo e Ele garante a nossa herança, Efésios 1:13,14: “no qual também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para o louvor da sua glória.”

h) Ele habita em nós, I Cor 6:19: “Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual possuíis da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?”

i) Ele ensina, regenera e renova, João 14:26: Mas o Ajudador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto eu vos tenho dito.

O conselheiro, portanto, deve considerar a importância absoluta da atuação do Espírito Santo no processo de aconselhamento.

5.1.5 A Glória de Deus como alvo

A necessidade de glorificar a Deus deve dirigir cada aspecto da vida de todos os envolvidos no aconselhamento. Aspectos estes, que devem ser ordenados de forma deliberada para que a graça, a justiça e a fidelidade de Deus se tornem visíveis ⁴¹³ num mundo espiritual que está extremamente psicologizado mesmo entre o povo que deveria viver as escrituras como sua regra de fé e prática.

As racionalizações criadas para justificar o pecado se baseiam em explicações pouco plausíveis. Sigmund Freud e Erick Erikson, por exemplo, ao defenderem que as pessoas criam seus próprios deuses, criaram as bases para a teoria psicodinâmica que nega que Deus tenha se revelado e que o Criador não passa de uma projeção da psique humana⁴¹⁴. Essas propostas, no entanto, não eliminam os fatos de que a corrupção é estrutural e de que a culpa, como consequência imediata do pecado, deve ser redimida para que uma boa consciência seja restaurada.

Deuses criados oscilam entre a tirania e a negligência porque o modelo psicologizado proposto não consegue conciliar a verdade e o amor de Deus como Paulo ensina⁴¹⁵. O único Deus que deve ser glorificado neste processo, no entanto, conciliou verdade e amor de forma absolutamente perfeita ao enviar seu filho para morrer por seus inimigos⁴¹⁶ e isto mudou tudo. A necessidade de glorificar a Deus deve dirigir cada aspecto da vida de todos os envolvidos no aconselhamento.

A igreja é o palco de demonstração da multiforme sabedoria de Deus para que seus propósitos sejam cumpridos e para que Ele seja glorificado⁴¹⁷ e, por isso, o aconselhamento deve ser exercido dentro da comunidade de fé. A igreja é a nova humanidade que Deus está construindo em Cristo e é neste espaço que Cristo deve ser gerado nas pessoas. Isto traz ao pastor a responsabilidade

⁴¹³ MACKARTHUR, op. cit., p.185.

⁴¹⁴ POWLISON, op. cit., p.167-168.

⁴¹⁵ POWLISON, op. cit., p.169. Esta é uma aplicação de Ef 4.15.

⁴¹⁶ Cf. Rm 5.8-10.

⁴¹⁷ Cf. Ef 3.10-11.

de estabelecer um modo de vida na igreja em que os relacionamentos sejam o meio pelo qual o amor de Deus seja manifestado, seja por ações ou palavras, pois este é basicamente o método de Deus para a cura.

5.2 FATORES ENVOLVIDOS NO PROCESSO

Os princípios bíblicos não podem ser apenas uma referência teórica, mas devem ser visíveis na vida de todos os envolvidos no processo. O conselheiro deve demonstrar de forma prática algumas características que o qualifiquem e o aconselhado deve ter um coração regenerado.

5.2.1 O conselheiro

O conselheiro deve ser alguém que tenha sido transformado por Deus para que possa perceber a gravidade do pecado e para que tenha um espírito de mansidão. Mansidão significa submissão voluntária e paciente diante de possíveis ofensas ou contrariedades, disposição para aprender⁴¹⁸, submissão a vontade de Deus⁴¹⁹ e consideração pelos outros⁴²⁰. O coração humano é perverso e, muitas vezes, o conselheiro pode ser o alvo dos pecados das pessoas que esteja ajudando.

Um espírito de mansidão vem de uma vida espiritual sadia, no entanto, somos rápidos na condenação do próximo e, por vezes, não exercitamos a mansidão e da misericórdia. A condenação ocorre muitas vezes sob uma máscara de piedade e normalmente toma a forma de julgamentos temerários. O orgulho não permite que nos coloquemos no lugar do outro e parte-se para aquilo que é mais confortável: julgamentos a partir das informações incompletas e parciais. O arrependimento é necessário e deve fazer com que a condenação ceda lugar à empatia.

Paulo estava preso quando escreveu a carta aos Gálatas e nas suas três décadas de ministério já havia passado fome, frio, nudez, perseguição e por diversas agressões físicas. Vejamos abaixo o que ele nos ensina sobre vida espiritual e mansidão:

Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo. Gl 6.1-2.

⁴¹⁸ Cf. Tg 1.21.

⁴¹⁹ Cf. Cl 3.12.

⁴²⁰ Cf. Ef 4.2.

O Espírito Santo é quem capacita o cristão a viver de forma agradável a Deus e a se submeter às escrituras por amor. Viver no Espírito significa ter a mente e a vontade controladas pela Palavra e ter uma vida caracterizada pela redenção à vontade de Deus, pela confissão de pecados e por uma consciência viva de que se está na presença do Senhor.

O conselheiro além dessas questões relacionais tem o desafio de relacionar as escrituras com as complexidades da vida real. O conselheiro deve conhecer bem as Escrituras e ter habilidade para lidar com as peculiaridades que formam os muros pessoais⁴²¹. A aplicação da teoria bíblica em situações de sofrimento deve considerar que todos os problemas, em alguma medida, são decorrentes do pecado e que as soluções se encontram nas Escrituras⁴²².

Os conselheiros devem buscar constantemente a força para a caminhada em Deus, pois sem Ele é impossível. É dever e privilégio andar de modo digno da vocação a que fomos chamados para que Cristo possa ser manifestado em nossas vidas.

5.2.2 O Indivíduo

A lente usada pelo indivíduo para se situar na realidade que o cerca compõe a sua cosmovisão e determina a sua compreensão de mundo. A questão que interessa ao aconselhamento é que mesmo cristãos professos, muitas vezes, possuem cosmovisões que não são bíblicas e, conseqüentemente, idólatras.

O existencialismo cristão, por exemplo, desassocia a fé da história revelada e exalta a experiência e a vontade humanas. Essa cosmovisão está muito mais presente nos arraiais evangélicos do que costumamos perceber. Cristãos professos que veem na igreja a solução para seus problemas imediatos e não o ambiente para servir a Deus e ao próximo são um exemplo. No existencialismo a vontade e a experiência humana e não a submissão à vontade revelada de Deus são colocadas no centro.

A cosmovisão do indivíduo não pode ser identificada somente pelo que se professa, mas também pelo que é materializado no dia a dia e, por isso, pode-se perceber algumas implicações de cosmovisões seculares no dia a dia da

⁴²¹ EMLET, op. cit., p.15. Esta obra trata de forma exaustiva a questão de se relacionar as passagens bíblicas com os conflitos reais da vida.

⁴²² Cf. 2Tm 3.16-17.

igreja. Um exemplo é o deísmo que, muitas vezes, pode ser observado na vida de pessoas que professam o cristianismo, mas que levam uma vida de ateus práticos pela troca que promovem dos preceitos bíblicos por padrões e valores que desconsideram a imanência e a onipotência de Deus.

A cosmovisão do indivíduo, além de servir para entender o mundo que se vive, é o filtro usado para definir as prioridades e para se tomar decisões. Se o cristão usa um filtro idólatra, certamente, sofrerá as consequências. O conselheiro tem a responsabilidade de entender a cosmovisão dominante do aconselhado, bem como fazer com que a pessoa compreenda os eventuais pontos de idolatria desta cosmovisão e tentar estabelecer os relacionamentos de causa e efeito com os problemas apresentados. Visões de mundo geram motivações; motivações revelam os ídolos do coração; ídolos definem comportamentos, atitudes e prioridades que, por sua vez, conduzem aos pecados que devem ser tratados com arrependimento e fé⁴²³.

A cosmovisão reformada possui quatro categorias que definem a visão correta do mundo e situam a humanidade dentro da sua realidade essencial. A primeira é a criação que coloca o homem como ser dependente de Deus e todas as demais coisas sob o domínio do Criador; a segunda é a queda que define que o maior problema do ser humano é o seu estado de rebeldia diante de Deus; a terceira é a redenção que aponta para Cristo como a única solução para a humanidade e, por fim, a consumação que mostra o destino redimido de toda a criação ou a condenação eterna para quem negar a Cristo. Este é o arcabouço pelo qual o mundo deve ser compreendido.

O conhecimento das motivações é fundamental para o processo de aconselhamento, pois estas refletem a situação espiritual do coração e as suas crenças. As reações também devem ser analisadas pois, muitas vezes, funcionam como fortalezas para que pecados prosperem. A ira como uma reação de um coração idólatra pode ser considerada como um transtorno de adoração⁴²⁴. A ira é o contrário daquilo que Deus nos chama a ser⁴²⁵ e é uma distorção da adoração, pois

⁴²³ Motivação: Porque faço o que faço? Tradução e adaptação de *Motives: Why Do I Do The Things I Do?* Publicado em The Journal of Biblical Counseling. Fall, 2003. v. 22, n. 1, p. 48-56.

⁴²⁴ *10 Cross-Focused Principles Versus Horizontal Strategies for Dealing with Anger*, Tim Allchin. <<https://www.biblicalcounselingcoalition.org/2015/07/02/10-cross-focused-principles-versus-10-horizontal-strategies-for-dealing-with-anger/>> Acesso em 23 Maio 2020.

⁴²⁵ Cf. Pv 28.25.

ao invés de refletirmos o Criador refletiremos a nós mesmos. A análise das motivações e das reações pode servir como uma excelente fonte de informações para o trato da ira que passa pelo aprendizado de uma nova forma de pensar e de se posicionar no mundo, formas estas que devem ser construídas a partir de padrões bíblicos de pensamento, palavras e ações.

O caminho de volta é Cristo⁴²⁶ e o pecador deve: - se arrepender de sua ira, pois é impossível que uma reação pecaminosa gere algum tipo de justiça; - colocá-la sob o domínio do Espírito Santo; - exercer o domínio próprio e acolher a palavra de Deus no seu coração.

5.3 MODELO REDENTIVO

A situação de pecado do homem diante de um Deus santo e a suficiência das Escrituras são pressupostos fundamentais para que o aconselhamento tenha métodos adequados e resolva o verdadeiro problema do homem que é a sua rebelião contra Deus. Powlison propõe uma estrutura teórica que coloca Deus no centro; o pecado como o maior problema do homem e Jesus Cristo como a única solução⁴²⁷. O aconselhamento redentivo atende essas demandas porque é centrado em Deus, baseado na Palavra e dirigido ao coração⁴²⁸ e será o modelo utilizado neste trabalho para que as raízes idólatras da ira sejam efetivamente tratadas. A finalidade do homem é glorificar a Deus e amá-lo de todo o seu coração. As Escrituras apresentam o coração como um órgão espiritual composto pela mente, pelos afetos e pela vontade:

Qual é o homem que teme ao Senhor (*Dimensão afetiva*)? Ele o ensinará no caminho (*Dimensão cognitiva*) que deve escolher (*Dimensão volitiva*). Sl 25.12.

O conceito bíblico de coração envolve três dimensões distintas do ser humano, quais sejam: a cognição (mente); os afetos (emoções e sentimentos) e a volição (decisões e vontades). Estas três dimensões estão para a alma, assim como o cérebro, o coração e o pulmão estão para o corpo físico⁴²⁹ e funcionam ao mesmo tempo de forma tão coordenada e complementar que dificilmente são

⁴²⁶ Cf. Jo 14.6.

⁴²⁷ Esta é uma das principais teses do livro: Uma nova visão de David Powlison.

⁴²⁸ Ibid, p.107.

⁴²⁹ FITZPATRICK, Elyse. **Ídolos do coração. Aprendendo a desejar apenas Deus**. São Paulo: Ed Batista Regular, 2009. p.108.

pensadas como instâncias diferentes⁴³⁰. Gomes defende que o homem é uma unidade multifuncional e os afetos do coração são a forma como mente, seus afetos e sua vontade operam de forma integrada⁴³¹.

Os afetos do coração precisam ser tratados pelo Evangelho a partir da fé, da esperança e do amor⁴³² para que o homem glorifique a Deus. O homem somente glorifica a Deus quando reflete o caráter do seu Criador⁴³³, por isso o objetivo do conselheiro deve ser o de ajudar a pessoa a se voltar para Deus e se livrar de suas próprias paixões⁴³⁴. Essa transformação ocorre quando as capacidades espirituais que moldam o homem interior⁴³⁵, que Gomes qualifica como o trinômio dinâmico: fé, esperança e amor, são trabalhadas pela Palavra.

A aplicação do Evangelho é o único caminho para tornar as pessoas mais parecidas com Cristo. Paulo fala de fé, esperança e amor e Jesus se apresenta como o caminho, a verdade e a vida. A fé é o único caminho para se aproximar de Deus, esperança real só é possível porque existe uma Verdade e a vida sem amor seria insuportável. Jesus como sacerdote indicou o caminho, como profeta revelou a verdade e como rei governa a vida⁴³⁶.

O aconselhamento redentivo visa levar o homem a cumprir a finalidade de glorificar a Deus e o propósito de refletir o caráter do Criador, o que se torna realidade somente quando o coração humano é restaurado a partir da redenção das suas afeições: fé, esperança e amor.

5.4 MÉTODO – UMA EXPOSIÇÃO DA PRÁTICA

O método do aconselhamento redentivo, como já citado, é o redirecionamento das afeições: fé, esperança e amor ao único Deus para que o coração que é formado pela mente, pelos afetos e pela vontade seja redimido. A esperança do que sabemos que está reservado no céu nos leva a obedecer a

⁴³⁰ Cf. Cl 1.3-4 e 1Pe 5.3. Essas três afeições são interdependentes pois a fé vem da esperança e leva a obediência e ao amor a Deus.

⁴³¹ GOMES, op. cit., 135.

⁴³² GOMES, Wadislau Martins. **Aconselhamento Redentivo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. Este parágrafo é um resumo da tese que sustenta o referencial teórico deste trabalho e que terá por base a proposta de Wadislau Martins Gomes sobre Aconselhamento Redentivo.

⁴³³ Ibid, p. 110 e Cf. Rm 8.28-29 e 2Co 3.18.

⁴³⁴ Ibid, p. 106 e Cf. 2Pe 1.3-4.

⁴³⁵ Cf. 2Co 4.16-18.

⁴³⁶ Este relacionamento entre as afeições humanas a pessoa de Cristo foi tirada de GOMES, Wadislau Martins. *Prática do aconselhamento redentivo: um modelo básico de aconselhamento cristão*.

Jesus por amor, amamos e obedecemos a quem não vemos⁴³⁷ porque o conhecemos pela fé e nos alegamos; e, - a fé traz o desejo e o poder de realizar⁴³⁸. A fé direciona o conhecimento, a esperança conduz os afetos e o amor move a vontade e, desta forma, o coração é direcionado para o cumprimento da finalidade de glorificar a Deus. Essa é a restauração que precisa ser desenvolvida para que os padrões idólatras instalados na mente, nos afetos e na vontade possam ser confrontados.

5.4.1 Redenção da mente

A forma como a pessoa reage a determinadas situações pode indicar uma visão idólatra da vida, caso a emissão de juízos morais seja a tônica. O confronto dos ídolos por meio do arrependimento e da fé possui uma dimensão racional. A fé é um milagre que somente Deus pode promover⁴³⁹, mas possui um componente racional pois vem pelo ouvir a Palavra⁴⁴⁰. O arrependimento vem de Deus, mas também possui um componente racional bem descrito nas Escrituras. O apóstolo Paulo nos exorta a renovar a nossa maneira de pensar para que possamos experimentar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus⁴⁴¹

O desenvolvimento de uma nova forma de pensar baseada na fé e no arrependimento é necessário para que os ídolos sejam confrontados. Essa renovação da forma de pensar deve ser caracterizada pelo reconhecimento da responsabilidade pessoal e dos propósitos de Deus que, por sua vez, devem levar a pessoa a questionar os seus referenciais de justiça própria.

5.4.1.1 Reconhecimento da responsabilidade pessoal

A ira deve ser explicada em categorias bíblicas para que as suas raízes idólatras sejam identificadas. O pecado é sempre uma escolha e, por isso, ninguém, além da própria pessoa, é responsável pela sua ira. As situações que parecem provocar a ira, na verdade, apenas revelam a perversidade do coração.

A transferência de responsabilidade começou quando Adão culpou o próprio Deus por ter lhe dado Eva, Eva culpou a Satanás e ambos passaram a

⁴³⁷ Cf. 1Pe 5.8.

⁴³⁸ Cf. Fp 2.13.

⁴³⁹ Cf. Tt 1.1.

⁴⁴⁰ Cf. Rm 10.17.

⁴⁴¹ Cf. Rm 12.2.

ter atitudes egocêntricas e defensivas⁴⁴². Homem e mulher passaram a justificar o pecado, ao invés de confessá-lo e de buscar o arrependimento. O padrão relacional passou a ser definido por uma tensão interpessoal e pela busca da autogratificação à custa do outro – terrenos férteis para a ira. Jesus nos ensina a confrontar a pessoa com a sua responsabilidade pessoal diante de Deus sempre que nos depararmos com a manipulação humana⁴⁴³.

A diferença da forma de pensar entre aquele que é morada do Espírito Santo e aquele que não tem o Espírito de Deus é muito grande. O ímpio ataca e agride, o cristão agradece a Deus pela oportunidade de seu coração estar sendo tratado do pecado da ira.

5.4 1.2 Reconhecimento dos propósitos de Deus

Existe uma realidade espiritual que deve ser compreendida por todos aqueles que lutam contra a ira. Deus tem um propósito para tudo o que acontece e faz com que tudo contribua para o bem daqueles que o amam e que foram chamados de acordo com seu propósito. O bem maior que Deus deseja é que todos sejam conformados a imagem de Cristo⁴⁴⁴. Essa verdade traz alento em tempos de sofrimento e tem o poder de levar a pessoa para mais perto da cruz. Aqueles que não tem esse recurso terão que lutar com seus próprios meios: a ira, a vingança, o desespero, a ameaça etc.

O cristão, ao invés de se irar, pode buscar reconhecer naquela situação um meio pelo qual Deus está tratando seu caráter e essa atitude pode transformar significativamente a forma como se enxerga a realidade⁴⁴⁵.

Uma citação de David Powlison retrata bem esta realidade:

O propósito da existência daqueles que ferem o povo de Deus é o de servirem como agentes involuntários de Deus na tarefa de santificação. Agem motivados por razões pessoais pecaminosas, mas também cumprem o bom propósito de Deus enquanto Ele nos prova e nos transforma por meio do sofrimento. São agentes da disciplina amorosa de Deus para que aprendamos paciência, fé, amor pelos nossos inimigos, coragem e todo bom fruto que somente pode ser aprendido em tempos de aflição.⁴⁴⁶

⁴⁴² Cf. Gn 3.11-13.

⁴⁴³ PRIOLO, Lou. *Filhos irados: Uma abordagem bíblica*. 2. ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018. p.163-167.

⁴⁴⁴ Cf. Rm 8.28-29.

⁴⁴⁵ Cf. Tg 1.2-4.

⁴⁴⁶ POWLISON, David. *Como compreender a ira*. Coletâneas de aconselhamento Bíblico. v. 5. p. 62.

A mensagem da cruz, que é loucura para aqueles que perecem⁴⁴⁷, afirma que o cristão deve se alegrar ao enfrentar dificuldades e provações pois elas contribuem para o desenvolvimento da perseverança, do caráter e da esperança que não decepciona⁴⁴⁸.

5.4.1.3 Questionamento de referenciais de justiça própria

A proposta para a libertação do pecado da ira, como já citado, passa pelo desenvolvimento de uma nova forma de pensar. Primeiro é necessário reconhecer que todos nós, de algum modo, somos pessoas iradas, e que a ira, enquanto pecado, deve ser abandonada. Este entendimento é fundamental para que haja mudança.

A imagem que as pessoas fazem de si mesmas é distorcida. A verdade é que somos muito piores do que imaginamos. A nossa natureza caída impede que enxerguemos a malignidade do nosso próprio coração. Devemos acolher com mansidão o que Deus diz de nós:

Como afirmam as Escrituras: “Ninguém é justo, nem um sequer. Ninguém é sábio, ninguém busca a Deus. Todos se desviaram, todos se tornaram inúteis. Ninguém faz o bem, nem um sequer.” “Sua conversa é repulsiva, como o odor de um túmulo aberto; sua língua é cheia de mentiras.” “Veneno de serpentes goteja de seus lábios.” “Sua boca é cheia de maldição e amargura.” “Apressam-se em cometer homicídio; por onde passam, deixam destruição e sofrimento. Não sabem onde encontrar paz.” “Não têm o menor temor de Deus.” Rm 3.0-18.

Os termos absolutos: ninguém e todos, bem como, a força das expressões negativas neste texto revelam o tamanho do precipício moral em que o homem se encontra. Este é um bom começo para começarmos a ficar desconfiados de nós mesmos, bem como, de nossos referenciais.

O salmista clama a Deus que o ajude a perscrutar o seu coração. O clamor é que Deus examine o seu coração, prove seus pensamentos e mostre se há caminhos que o ofendem⁴⁴⁹. Referenciais de justiça escolhidos de acordo com os próprios desejos e sem considerar a Palavra de Deus trazem aquele tipo de certeza perigosa que se fez a melhor escolha, no entanto, Salomão nos adverte que caminhos que parecem corretos, acabam por levar a morte⁴⁵⁰.

O objetivo destes argumentos é lançar luz a uma questão fundamental no

⁴⁴⁷ Cf. 1Co 1.18.

⁴⁴⁸ Cf. Rm 5.3.

⁴⁴⁹ Cf. Sl 139.23-24.

⁴⁵⁰ Cf. Pv 14.12.

trato com a ira. Os referenciais sobre os quais estruturamos as nossas percepções que levam as nossas reações podem simplesmente estar totalmente equivocados. Ao invés da ira, talvez caiba uma melhor reflexão sobre os motivos que levaram a essa reação; ao invés das reações defensivas, talvez deva ser analisado se o juízo feito do outro é verdadeiro e, ao invés de ameaças, talvez caiba uma busca pela reconciliação.

O cristão deve renovar a sua mente, pois somente assim será possível conhecer a vontade de Deus. A renovação da mente, como ensinada na carta aos Romanos⁴⁵¹, exige que haja um reconhecimento de que algo vai mal e de que atitudes e formas de interpretar a realidade precisam ser revistas.

5.4.2 Redenção dos afetos

As raízes idólatras da ira afetam a mente, os afetos e a vontade. Após o reconhecimento das responsabilidades pessoais e dos propósitos de Deus que devem levar ao questionamento dos referenciais de justiça própria, a corrupção provocada nos afetos deve ser tratada.

O apóstolo Paulo havia sido preso de forma injusta e levado perante o Rei Agripa por causa da sua esperança na ressurreição dos mortos. A doutrina da ressurreição pode parecer algo distante da realidade diária, mas não é. A alegria de Paulo diante dessa situação de injustiça⁴⁵² pode nos ensinar como a esperança funciona como um antídoto contra sentimentos pecaminosos. Paulo como um bom imitador de Cristo passou a expor as contradições das acusações que pesavam contra ele, sem demonstrar ira ou rancor, pois como ele mesmo pregava: a vingança pertence ao Senhor e ele cria nisso⁴⁵³.

A esperança de Paulo era a âncora da sua alma⁴⁵⁴ que se sustentava na soberania de Deus. Esta esperança libertou o apóstolo das preocupações excessivas em servir a si mesmo e o libertou da ira.

5.4.2.1 Âncora da alma

A Palavra produz fé no coração porque as Escrituras registram testemunhos oculares de coisas que não podemos ver. A fé ou a convicção de

⁴⁵¹ Cf. Rm 12.2.

⁴⁵² Cf. At 26.1-6.

⁴⁵³ Cf. Rm 12.19.

⁴⁵⁴ Cf. Hb 6.19.

que os testemunhos bíblicos são verdadeiros é uma conclusão lógica de uma mente intelectualmente honesta e humilde⁴⁵⁵. As histórias bíblicas foram reveladas para nos trazer ânimo e esperança⁴⁵⁶ e a esperança é a âncora da alma⁴⁵⁷.

A âncora é uma figura que simboliza a estabilidade em meio às turbulências. Uma alma ancorada, segura e firme na esperança de sua salvação será uma alma menos propensa a se deixar levar por padrões idólatras que desconsiderem a segurança que há nas promessas de Deus.

O livro de Êxodo possui vários exemplos em que a esperança sustentou o povo quando o desespero parecia ser a única alternativa⁴⁵⁸ e Isaías considerou a esperança que o retorno do exílio traria como um novo Êxodo⁴⁵⁹. O cristão deve ter a sua forma de pensar redimida pela realidade maior que é o encontro com Jesus Cristo, pois isso traz coragem e paciência e diminui o medo⁴⁶⁰.

5.4.2.2 A soberania de Deus

O nosso ser é preenchido por alegria e paz quando cremos que nossa vida está sob o controle absoluto e soberano de Deus⁴⁶¹, o que é um antídoto contra o eventual sentimento de injustiça. Esse viver pela fé purifica aquele que guarda a sua esperança em Deus.⁴⁶²

Um dos frutos do amor de Deus que é derramado nos corações daqueles que nele confiam é a esperança e a alegria⁴⁶³. Essas pessoas são benditas porque a alegria que a esperança traz permite que elas abençoem e não amaldiçoem, não sejam sábios aos seus próprios olhos, não paguem a ninguém com mal e procurem fazer o bem diante de todos. Essas pessoas são aquelas que vivem em paz e não fazem justiça com as próprias mãos. São aquelas que são capazes de dar de comer ao inimigo e vencer o mal com o bem⁴⁶⁴.

⁴⁵⁵ Cf. 2Pe 1.16 - Porque não lhes demos a conhecer o poder e a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade.

⁴⁵⁶ Cf. Rm 15.4.

⁴⁵⁷ Cf. Hb 6.19.

⁴⁵⁸ Cf. Êx 3.7-10; 14.15-18; 15.22-25 e 33.12 -23.

⁴⁵⁹ MANSER, M. H. *Guia Cristão de Leitura da Bíblia*. 1. ed. Bangu, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2013. p. 138 e Cf. Is 40.55.

⁴⁶⁰ Ibid, p. 518.

⁴⁶¹ Cf. Rm 15.13.

⁴⁶² Cf. 1Jo 3.3.

⁴⁶³ Cf. Pv 10.28.

⁴⁶⁴ Cf. Rm 12.9-21.

5.4.2.3 Foco das preocupações

A esperança de vida eterna pode mudar o foco de nossas preocupações e redefinir nossos valores. Prioridades são redefinidas, frustrações são evitadas e motivos para reações iradas perdem significado. Além disso, sentimento de injustiça pode ser tratado pela esperança da justiça que vem da fé⁴⁶⁵.

A esperança tem o poder de nos trazer alegria, paciência na tribulação e perseverança na oração⁴⁶⁶, o que é muito útil para acalmar as emoções e nos levar a repensar onde temos colocado o nosso coração. A esperança leva a pessoa a olhar para cima e além de seus próprios referenciais idólatras de justiça que foram violados e que lhe causaram ira.

5.4.3 Redenção da vontade

As raízes idólatras da ira nascem e frutificam por causa do sentimento de que as leis que estabelecemos de acordo com a nossa própria justiça foram violadas e, desta forma, a idolatria cega o entendimento, distorce a verdade e afeta a nossa vontade. É necessário aprendermos a descansar na soberania e justiça de Deus e a amar as pessoas como nos é ordenado⁴⁶⁷.

O amor é o grande redentor da vontade. O homem somente pode amar a Deus porque foi amado primeiro e, por ter sido amado, tornou-se capaz de amar⁴⁶⁸. Amar ao outro implica em amar a Deus em primeiro lugar e com isso a cegueira provocada pela idolatria é dissipada e os referenciais próprios de justiça são revistos. Novas formas de ver a realidade e o desenvolvimento do amor como um hábito se tornam possíveis.

A leitura que a pessoa faz da realidade é revelada pela forma como ela se comunica⁴⁶⁹ que, por sua vez, nos ajuda a entender as reais motivações do coração. A boca fala do que está cheio o coração e é do coração que saem os desejos, paixões e sentimentos que defendem os ídolos ali alojados. O trato do coração, portanto, é fundamental⁴⁷⁰ e nada melhor para tratar o coração do que aprender a amar.

⁴⁶⁵ Cf. Gl 5.5.

⁴⁶⁶ Cf. Rm 12.12.

⁴⁶⁷ Cf. 1Jo 4.19-21.

⁴⁶⁸ Cf. 1Jo 4.19-21.

⁴⁶⁹ PRIOLO, op. cit., p.53-68.

⁴⁷⁰ PRIOLO, op. cit., p.123.

O aprendizado bíblico é um processo em que pecados pessoais devem ser substituídos pelas alternativas bíblicas para que haja cura efetiva⁴⁷¹. Priolo cita o princípio *Gumnazo* que propõe o desenvolvimento da devoção por meio do exercício⁴⁷² que está presente na carta de Paulo a Timóteo⁴⁷³. Devemos desenvolver um hábito como uma segunda natureza e desenvolver motivações que levem à ação. As Escrituras dão o suporte para que se desenvolvam as motivações corretas ao colocarmos as coisas do alto como objetivo⁴⁷⁴.

Saber o que fazer e fazer são coisas bem distintas. O que deve mover o cristão a lutar contra a sua ira? A resposta suficiente para o cristão é que esta é uma ordem de Deus⁴⁷⁵ e que ele nos supre com tudo o que precisamos⁴⁷⁶. A dificuldade de amar reside no fato de que ninguém quer renunciar a si mesmo e aos seus direitos e, por isso, Jesus ordena que cada um negue a si mesmo e carregue a sua cruz. A cruz individual é o morrer para os desejos egoístas. Jesus também diz que quem quiser salvar a sua vida irá perdê-la, mas quem a perder por amor dele, a salvará⁴⁷⁷. A cruz significou morte para Jesus para que possa significar vida para os cristãos. Morrer para si mesmo é a única forma verdadeira de se viver, pois, a vida está em Cristo Jesus⁴⁷⁸.

Devemos identificar as situações e as pessoas que revelam a ira do coração e analisá-las à luz das escrituras. A tendência humana é a de se irar e de não perdoar, porque não se pode deixar passar e não se pode perder. É necessário que o outro sofra para que reine o sentimento de justiça. O próprio Deus, no entanto, por amar o mundo passou por um grande sofrimento ao ver seu filho morrer na mão de pecadores.

5.5 PROCESSO

O mundo foi criado de forma perfeita, mas a desobediência de Adão trouxe a queda e, por isso, uma redenção é necessária. A única forma de ajudarmos o homem de forma efetiva é interpretarmos a sua existência dentro do que é revelado pela Palavra do Criador. A definição dos métodos e processos do aconselhamento

⁴⁷¹ PRIOLO, op. cit., p. 25.

⁴⁷² PRIOLO, p. 77-79

⁴⁷³ Cf. 1Tm 4.7.

⁴⁷⁴ PRIOLO, op. cit., p.143 e Cf. Cl 3.2-4.

⁴⁷⁵ Cf. Rm 8.13 e Ef 4.22-24.

⁴⁷⁶ Cf. Cl 2.9-10 e 2Tm 3.16-17.

⁴⁷⁷ Cf. Mc 8.34-35.

⁴⁷⁸ Cf. Cl 3.1.

redentivo se baseia na soberania de Deus. Segundo Gomes, essa soberania é revelada no controle da verdade, na presença em amor, na autoridade sobre as suas obras⁴⁷⁹ e direciona a vida humana.

O fato de que é Deus quem controla a verdade deve levar o homem a buscar conhecer o seu Criador por meio da sua Palavra; a presença de Deus em amor deve levar a pessoa a amá-lo e amar ao seu próximo e, por fim, a autoridade de Deus sobre as suas obras deve levar o homem a lhe obedecer e, desta forma, cumprir a finalidade para a qual foi criado⁴⁸⁰.

Conhecer a Deus por meio da sua Palavra, amar a Deus e ao próximo e obedecer ao Criador são atitudes que levam o homem a se revestir de uma nova natureza, adquirir o caráter do seu Criador e a se tornar parecido com Cristo. Este é o propósito do homem que define o propósito do aconselhamento, no entanto, a queda é um obstáculo para que o homem cumpra seu propósito e, por isso, o conselheiro bíblico deve⁴⁸¹:

a) Interpretar a pessoa a partir das Escrituras, além de interpretar a própria Palavra de Deus;

b) Ser um agente que promova a comunhão e o cuidado físico espiritual para que a pessoa seja estimulada a obediência a Deus;

c) Agir dentro de um contexto mútuo de sujeição mútua a Deus para que a pessoa desenvolva o seu amor a Deus e ao próximo.

O aconselhamento redentivo considera que a criação é análoga a Deus. Isso significa que o homem é receptivamente criativo e ativamente redentivo, pois está sempre criando e recriando ou consertando coisas. O homem, no entanto, é um ser caído e a sua forma de pensar é caracterizada por rebeldia, reversão dos pensamentos e inversão da referência da vida de Deus para a criatura e isso afeta severamente tudo o que cria ou conserta⁴⁸².

O aconselhamento redentivo tem por objetivo redimir a imagem análoga de Deus no homem e, para isso, interpreta a realidade a partir da grade: criação, queda e redenção. O objetivo do aconselhamento redentivo é aplicar a redenção ao coração considerando a realidade das situações vivenciadas, não da forma como a

⁴⁷⁹ GOMES, op. cit., p.108.

⁴⁸⁰ A finalidade do homem é glorificar a Deus com todo o seu ser – Cf. Rm 11.36, 1Co 10.31.

⁴⁸¹ GOMES, op. cit., p.112-113.

⁴⁸² GOMES, op. cit., p. 52-53.

pessoa vê ou sente, mas com foco nas razões do coração⁴⁸³. Esse objetivo será alcançado à medida em que a profundidade do pecado e a altura da santidade de Deus sejam esclarecidas ao coração humano.

Os pensamentos humanos não consideram o pecado e por isso se tornam circulares. A tentativa de se reduzir Deus à nossa própria experiência, seja por rebeldia, preguiça ou tolice nos leva a uma forma superficial de pensar e a pensamentos circulares que não respondem a nossa necessidade de respostas eternas⁴⁸⁴. Somente uma abordagem teo-referente elimina essa circularidade⁴⁸⁵.

O processo do aconselhamento redentivo é baseado no seu propósito de levar o homem a refletir o caráter do seu criador e de cumprir a finalidade para o qual foi criado considerando o contexto de queda⁴⁸⁶.

5.5.1 Finalidade do aconselhamento redentivo.

O homem existe para glorificar o seu Criador. Gomes afirma que o homem glorifica o seu Criador quando: - conhece a Deus por meio da sua Palavra revelada; - ama a Deus e ao próximo e obedece aos seus mandamentos⁴⁸⁷.

Esta finalidade é alcançada quando o homem cumpre seus propósitos. O homem cumpre o seu propósito quando conhece a Deus por meio da interpretação da sua Palavra e busca interpretar as pessoas a partir do que é revelado nas Escrituras; quando ama a Deus e ao próximo por meio da sujeição mútua e busca obedecer a Deus dentro de um contexto de comunhão e cuidado espiritual.

A finalidade divina para o ser humano de conhecer a Deus e ao próximo é projetada analogicamente nas fases de envolvimento e observação; coleta de informação e identificação dos problemas.

5.5.1.1 Envolvimento e graça

O envolvimento pessoal é fundamental para que o aconselhamento aconteça de forma redentiva, no entanto existem algumas dificuldades para o seu estabelecimento. Alguns medos se fazem presentes, seja o medo se

⁴⁸³ GOMES, op. cit., p. 54.

⁴⁸⁴ GOMES, op. cit., p.32.

⁴⁸⁵ O Apóstolo Paulo ilustra a centralidade em Cristo no aconselhamento quando afirma que o fato de Cristo habitar nos crentes é o que possibilita o amadurecimento por meio da advertência e do ensino em Colossenses 1:27,28.

⁴⁸⁶ GOMES, op. cit., p.121.

⁴⁸⁷ GOMES, op. cit., p.108.

expor, de ser julgado ou de ser rejeitado⁴⁸⁸. O amor a Deus e ao próximo é a única força capaz de lançar fora todos os medos e somente pode ser desenvolvido se houver um envolvimento pessoal com o aconselhado, pois esse tipo de envolvimento é necessário para que compromissos com foco nas mudanças de caráter e de vida sejam firmados.

As dificuldades para o envolvimento pessoal passam, também, pela forma reversa e rebelde de pensar do homem em relação a Deus, no entanto, Deus, por pura graça e misericórdia, concede os dons necessários para que essas dificuldades sejam superadas e o corpo de Cristo seja edificado. A demonstração da graça é a chave que abre o coração⁴⁸⁹. A graça de Deus, além de ser um favor imerecido que traz a salvação, também capacita e nos educa para abandonar as paixões mundanas, para que vivamos de forma sensata, justa e piedosa⁴⁹⁰.

5.5.1.2 Observação e sabedoria

O conselheiro deve priorizar a compreensão da situação do coração do aconselhado diante de Deus antes da situação do aconselhado diante do problema. Emoções e comportamentos devem ser observados por revelarem o estado do coração em relação a Deus e ao próximo⁴⁹¹. O texto de Gênesis 4:3.7 é bastante instrutivo a esse respeito:

Aconteceu que, ao fim de um certo tempo, Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao SENHOR. Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste. O SENHOR se agradou de Abel e de sua oferta, mas de Caim e de sua oferta não se agradou. Caim ficou muito irritado e fechou a cara. Então o SENHOR lhe disse: — Por que você anda irritado? E por que essa cara fechada? Se fizer o que é certo, não é verdade que você será aceito? Mas, se não fizer o que é certo, eis que o pecado está à porta, à sua espera. O desejo dele será contra você, mas é necessário que você o domine.

Os comportamentos refletem as emoções que, por sua vez, são o reflexo do que se passa no coração. As emoções são o resultado da interação das afeições internas (fé, esperança e amor) e por isso, apesar de serem externamente condicionadas, são internamente motivadas.

A alegação do aconselhado sobre o que é a essência do problema não

⁴⁸⁸ GOMES, op. cit., p.133-135.

⁴⁸⁹ GOMES, op. cit., p.140.

⁴⁹⁰ Cf. Tt 2.11-13.

⁴⁹¹ GOMES, op. cit., p.156-159. Este tópico é um resumo do que Gomes propôs ao relacionar a importância da sabedoria divina para a compreensão dos comportamentos observáveis.

deve resumir a conclusão do conselheiro. Essa é uma situação que exige sabedoria. O apóstolo Tiago revela as características e os resultados da sabedoria. A sabedoria deve ser demonstrada com atitudes de mansidão e de boa conduta. Inveja, rivalidade e mentira são os resultados da sabedoria terrena e diabólica. A sabedoria que vem de Deus é pura, pacífica, gentil, amigável, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sem fingimento⁴⁹² e essas atitudes do coração devem ser buscadas de forma contínua pelo conselheiro.

5.5.1.3 Coleta de informação e discernimento

O conselheiro deve saber ouvir e se interessar por compreender a situação vivenciada e não procurar expor apenas as suas opiniões. Duas habilidades são importantes. É necessário que os sentimentos e as reações sejam identificados, bem como sejam discernidos os aspectos subjacentes à superfície. Há de se ter sabedoria para identificar as causas e os motivos do coração, em que podem aparecer apenas dificuldades incidentais. Tanto a identificação das reações, emoções e comportamentos quanto dos aspectos que subjazem a superfície do problema requerem discernimento⁴⁹³.

Esses dois aspectos devem compor a forma de pensar do conselheiro que deve ser crítica, seletiva e que exige discernimento. Discernimento significa:” *excelência mental no sentido mais elevado e completo*⁴⁹⁴” e é um dom divino. O apóstolo Paulo ensina sobre o significado e a importância do discernimento na sua carta ao Filipenses. O discernimento é a capacidade de aplicar o conhecimento em situações reais de forma que aquilo que é realmente importante seja evidenciado. A importância do discernimento é para que uma vida pura e sem culpa seja vivida até que Cristo volte⁴⁹⁵.

5.5.1.4 Identificação dos problemas

Os problemas têm causas primárias e secundárias. As primárias se referem ao relacionamento com Deus e as secundárias aos relacionamentos

⁴⁹² Cf. Tg 3.13-17.

⁴⁹³ GOMES, Op. cit., p.169-171. Este tópico é um resumo do que Gomes propôs ao relacionar a importância do discernimento com a fase de coleta de informações.

⁴⁹⁴ Taylor, W. C. (2011). **Dicionário do Novo Testamento Grego**. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: JUERP. p. 211.

⁴⁹⁵ Neves, I. (2015). **Comentário Bíblico de Efésios: Através da Bíblia**. (I. Mazzacorati, Org.) 1.ed. São Paulo, SP: Rádio Trans Mundial. p.50. Ef 1.9-10.

personais⁴⁹⁶. Os problemas devem ser compreendidos e analisados tendo como base o que Deus afirma em sua Palavra. A identificação do problema segue o que a Palavra diz que é problema e a análise deste problema segue da mesma forma.

Os problemas estão entrelaçados uns com os outros, o que impossibilita que aspectos particulares da vida sejam compreendidos de forma isolada. A identificação dos problemas, portanto, deve trazer a luz da Palavra de Deus para a dinâmica e para a fluidez dos relacionamentos. Emlet reforça essa necessidade ao defender que o conselheiro deva estabelecer uma intersecção entre as Escrituras e a vida do aconselhado, a partir da interpretação das pessoas segundo as Escrituras⁴⁹⁷.

O relacionamento íntimo e transformador entre as realidades eternas e a vida presente pode ser abstraído do fato de que Jesus conhecia bem aqueles por quem ele morreu. Nada poderia afastá-lo da cruz e do seu propósito de salvar o Seu povo por puro amor:

Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), E nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus; Para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus. Ef 2.4-7.

Esta verdade, se bem compreendida, é capaz de unir a história individual de rebeldia de cada ser humano com a história de obediência vicária de Cristo de uma forma transformadora.

5.5.2 Propósito do aconselhamento redentivo

Finalidade e propósito estão intrinsecamente relacionados. A finalidade leva ao propósito. A finalidade do homem é conhecer e glorificar ao seu Criador e o seu propósito é ter o seu caráter transformado a semelhança de Cristo e conhecer o seu próximo⁴⁹⁸. O conhecimento do homem só é efetivo se tomarmos como referência o que as Escrituras afirmam sobre a humanidade e esse é um aspecto importante para que o aspecto redentivo do aconselhamento

⁴⁹⁶ GOMES, op. cit., p.177.

⁴⁹⁷ EMLET, Michael R. **Conversa Cruzada**. São Paulo: Ed Cultura Cristã, 2015. A intersecção entre a interpretação das Escrituras e a interpretação das pessoas a luz das Escrituras é uma das principais ideias desenvolvidas nesta obra.

⁴⁹⁸ GOMES, op. cit., p.112.

seja ressaltado. O apóstolo Paulo resalta este ponto ao escrever que devemos advertir e ensinar a todos com sabedoria para que sejamos encontrados maduros em Cristo⁴⁹⁹.

O aconselhamento deve ser um ministério de ensino, mas também de encorajamento, solução de problemas e orientação pela Palavra⁵⁰⁰ de forma que os motivos do coração incrédulo sejam expostos e a rebeldia do pensamento humano contra Deus (efeitos noéticos do pecado) sejam revertidas.

O conhecimento das pessoas envolvidas no aconselhamento de acordo com a Palavra é apropriado pelo processo de aconselhamento à medida em que as Escrituras: - definam a direção a ser seguida no processo; - sejam a referência para que os conteúdos pessoais sejam analisados e - seja ressaltado o poder que a Palavra possui de trazer esperança real de mudança e de gerar compromisso no coração.

5.5.2.1 Reorientação e Direção

A reorientação permite que o problema seja melhor compreendido pelos envolvidos e indica a direção a ser seguida no processo. Embora as fases do processo ocorram de forma não linear, essa melhor compreensão só ocorrerá a medida em que as fases anteriores tiverem sido bem sucedidas⁵⁰¹. A compreensão do problema, no entanto, somente será efetiva se houver o convencimento de que mudanças são necessárias.

O aconselhado precisa estar verdadeiramente convencido (espiritualmente convencido) de que uma mudança é necessária. A mudança passa pela substituição dos desejos pecaminosos por uma vida de piedade para que a obra de Cristo no homem seja materializada mediante a mudança de caráter. Essa é a vontade de Deus para o aconselhamento.

Os envolvidos no aconselhamento devem conhecer a vontade de Deus para a situação vivenciada e colocá-la como o norte para a sua vida. O aconselhado não pode focar na solução dos seus problemas e nem o conselheiro na obtenção dos resultados. Esse é o caminho para que a vontade de Deus prevaleça sobre a tendência de solução imediata dos problemas. Deve haver uma transformação pela renovação da mente, para que seja

⁴⁹⁹ Cf. Cl 1.27-28.

⁵⁰⁰ GOMES, op. cit., p.21.

⁵⁰¹ GOMES, op. cit., p. 201.

possível experimentar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus, porque somente assim há esperança de redenção⁵⁰².

A redenção só é possível pela graça de Deus que educa de forma que a impiedade e as paixões mundanas sejam renegadas e o cristão possa viver e forma sensata, justa e piedosa⁵⁰³. A solução dos problemas deve ser vista como uma consequência desejável e não como a causa do processo de aconselhamento⁵⁰⁴. Esse aspecto é importante para que o aconselhamento contribua para a santificação como um desdobramento natural da salvação⁵⁰⁵.

O objetivo dessa fase é o de aprofundar o relacionamento do conselheiro e do aconselhado com Deus, para que o aconselhamento redentivo seja centrado em Deus, baseado na sua Palavra e voltado para a transformação do caráter a semelhança de Cristo. A próxima fase reforçará esse aspecto do aconselhamento.

5.5.2.2 Reflexão

Refletir sobre a situação vivenciada de forma produtiva e bíblica significa trazer a realidade para a consciência e fazer um exame do próprio conteúdo à luz das Escrituras.

Por isso, hoje vocês saberão e refletirão em seu coração que só o SENHOR é Deus em cima no céu e embaixo na terra; não há nenhum outro deus. Portanto, guardem os seus estatutos e os seus mandamentos que hoje lhes ordeno, para que tudo vá bem com vocês e com os seus filhos depois de vocês e para que vocês prolonguem os seus dias na terra que o SENHOR, seu Deus, lhes está dando para todo o sempre. Dt 4.39-40.

Esse texto de Deuteronômio mostra que o objetivo do aconselhamento de fazer com que as pessoas cresçam no conhecimento de Deus em relação ao problema implique numa maior consciência da santidade de Deus, da profundidade do pecado no coração humano e da importância fundamental de que a lei de Deus seja o eixo e o norte do processo de aconselhamento.

A confrontação persuasiva ou noutética implica no convencimento da importância e da relevância das soluções de Deus para a transformação do caráter e para a solução do problema (noutheteo => coloca na mente por meio da admoestação e do ensino metódico). A confrontação deverá convencer

⁵⁰² Cf. Rm 12.1-3.

⁵⁰³ Cf. Tt 2.11-13.

⁵⁰⁴ GOMES, op. cit., p. 209.

⁵⁰⁵ Cf. Rm 5.8-10/17.

(colocar na mente) que o coração é rebelde (contra Deus), os pensamentos são reversos (contra os pensamentos de Deus) e inverso (antroporreferente) e que algo precisa ser feito⁵⁰⁶.

A confrontação persuasiva deve levar ao arrependimento, o que implica num redirecionamento da fé, da esperança e do amor⁵⁰⁷ dos ídolos em direção a Deus:

A confrontação cristã e persuasiva é gentil, mas firme, persuasiva e não intrusiva, elucidativa e não impositiva, convidativa e não constrangedora sendo orientada pela verdade em amor para que a sensibilidade pessoal não seja ignorada e as razões e estratégias para a resistência sejam consideradas⁵⁰⁸.

O foco dessa fase é o de se obter a coerência persuasiva para que padrões sejam reconstruídos⁵⁰⁹ a partir da exposição das reais motivações⁵¹⁰.

5.5.2.3 Esperança e compromisso

Ao aconselhado deve ser ensinado sobre o valor e a eficácia que a Palavra possui de trazer esperança real de mudança no caráter e essa esperança deve levar ao compromisso. Esperança e compromisso andam juntos. A esperança que a Palavra traz gera no coração um motivo forte e duradouro o suficiente para que a inércia de um coração acostumado ao pecado seja quebrada e mudanças efetivas e reais aconteçam⁵¹¹:

Peço ao Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, que conceda a vocês espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele. Peço que ele ilumine os olhos do coração de vocês, para que saibam qual é a esperança da vocação de vocês, qual é a riqueza da glória da sua herança nos santos e qual é a suprema grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder. Ele exerceu esse poder em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nas regiões celestiais. Ef 1.17-19.

Deus concede a benção da transformação e a garante com o mesmo poder que ressuscitou Cristo dos mortos. A esperança vem do poder consolador da Palavra⁵¹², mas isso implica que desejemos ardentemente o genuíno leite espiritual⁵¹³, o que deve nos levar ao compromisso⁵¹⁴.

⁵⁰⁶ GOMES, op. cit., p. 243 -245.

⁵⁰⁷ GOMES, op. cit., p. 247.

⁵⁰⁸ GOMES, op. cit., p.250.

⁵⁰⁹ GOMES, op. cit., p.259.

⁵¹⁰ GOMES, op. cit., p.255.

⁵¹¹ GOMES, op. cit., p.267.

⁵¹² Cf. Rm 15.4.

⁵¹³ Cf. 1Pe 2.2-3.

⁵¹⁴ GOMES, op. cit., p. 269.

Gomes apresenta a efetividade da esperança que vem da Palavra em várias áreas em que o pecado afeta a vida humana⁵¹⁵. A começar pela purificação do pecado que a esperança traz para aqueles que vivem em função do encontro com o seu Senhor. A esperança que vem de Deus não transforma somente a realidade em função de uma eternidade, mas age também no presente. Paulo escreve aos Romanos sobre a paciência, consolo e esperança que as histórias bíblicas trazem. O controle da ansiedade e a frustração que vem dos desapontamentos, também, são áreas que são supridas pela esperança que vem do Senhor. A força que precisamos para enfrentar as tentações e a própria morte completam o arsenal que Deus provê.

Esperança e compromisso são aspectos que devem permear todo o processo de aconselhamento e não se referem, portanto, a apenas uma fase estanque do aconselhamento. O fato de que Deus tem um compromisso com aqueles que o temem⁵¹⁶ deve motivar tanto o conselheiro quanto ao aconselhado. Existe um pacto de amizade e honestidade que somente o Espírito Santo pode selar⁵¹⁷. Somente um firme compromisso baseado na fidelidade de Deus tem a força necessária para reverter padrões de atitude pecaminosas e levar ao abandono das paixões carnis e mundanas⁵¹⁸.

5.5.2.4 Resolução e avaliação

Um aspecto fundamental do processo de aconselhamento se refere ao fato de que todas as suas fases são sincrônicas com cada fase tendo uma ênfase diferente a cada momento⁵¹⁹. A resolução e a avaliação são as fases onde o alvo de transformação do caráter e o enfrentamento do problema a maneira de Cristo devem ser revisitados⁵²⁰. O conselheiro deve ter a preocupação de se certificar que o aconselhado esteja preparado para as dificuldades que virão⁵²¹.

A mudança de caráter segundo os padrões bíblicos está intimamente relacionada à avaliação pessoal. A orientação do apóstolo Paulo nesse sentido é clara, pois afirma que não devemos pensar de nós mesmos além do que

⁵¹⁵ GOMES, op. cit., p. 275-276.

⁵¹⁶ Cf. Fp 1.6, Sl 103.17.

⁵¹⁷ GOMES, op. cit., p.280.

⁵¹⁸ GOMES, op. cit., p.286.

⁵¹⁹ GOMES, op. cit., p.289.

⁵²⁰ GOMES, op. cit., p.290.

⁵²¹ GOMES, op. cit., p.291.

convém. Devemos pensar com moderação segundo o que a Palavra afirma ou como está revelado: “na medida da fé que Deus repartiu a cada um”⁵²². Critérios objetivos para a avaliação do nível de envolvimento devem ser estabelecidos de forma que a sessão do aconselhamento reflita os efeitos do aconselhamento na realidade do aconselhado⁵²³.

O processo do aconselhamento deve ser constantemente reavaliado para que se verifique em primeiro lugar o amadurecimento do aconselhado em seu relacionamento com Deus e com os seus próximos e em segundo lugar se os problemas estão sendo resolvidos. O mapeamento da finalidade e do propósito do homem para a finalidade e o propósito do processo de aconselhamento deve servir para se estabelecer os critérios objetivos de sucesso.

O livro de Efésios trata da identidade espiritual do cristão nos três primeiros capítulos e na sua segunda metade aborda a forma como devemos viver de modo coerente com a nossa identidade em Cristo. O crescimento em humildade, mansidão e longanimidade são critérios bem objetivos que aparecem no texto e a sua contribuição para a unidade é ressaltada⁵²⁴

A aplicação prática do que foi discutido nas sessões de aconselhamento na vida é um aspecto importante a ser observado. Mudanças concretas na forma de pensar e de se relacionar devem ocorrer. O texto bíblico ressalta que esse processo de mudança ocorre de forma profunda ao ponto de transformar a própria natureza e ocorre na medida em que aprendemos a conhecer a Cristo. O conhecimento de Cristo é transformador, se não há transformação é porque não houve conhecimento.

As Escrituras apresentam um padrão de confronto com a verdade que é seguido pelo conforto que a esperança de reais mudanças traz. As mudanças bíblicas na vida ocorrem a partir da substituição de padrões pecaminosos por padrões piedosos. As diversas dimensões da vida do aconselhado devem refletir essas mudanças.

⁵²² Cf. Rm 12.3.

⁵²³ GOMES, op. cit., 299.

⁵²⁴ Cf. Ef 4.1.

5.6 A IMPORTÂNCIA DA IGREJA LOCAL

Uma palavra final precisa ser dada sobre a importância da igreja local no processo de aconselhamento. O aconselhamento bíblico deve ser exercido por toda a comunidade de fé a partir de estruturas que promovam relacionamentos significativos e ser sustentado pelo envolvimento da liderança que deve manter os meios que facilitem uma maior participação comunitária neste processo.

A principal característica de um corpo é a perfeita integração entre órgãos que são formados por diferentes tipos de tecidos que se complementam de forma perfeita. O sangue que circula num corpo é o que possibilita que os nutrientes e o oxigênio sejam absorvidos pelos diversos órgãos, sem os quais não haveria vida. O resultado é um ser vivo saudável que cresce e o contrário é um corpo adoecido que adocece. A igreja como o corpo de Cristo possui paralelos diretos com nosso corpo físico. Os cristãos devem interagir respeitando as diferenças e devem ser iluminados pelo Espírito Santo para se manterem nutridos. A responsabilidade de cada membro não se resume a se manter funcionando, mas também ajudar o outro a cumprir a sua função.

As experiências mais significativas na vida cristã ocorrem por meio de relacionamentos e é neste contexto que o aconselhamento bíblico deve prosperar. Restringir o aconselhamento a um gabinete limita aquilo que Deus pode fazer na vida da igreja:

Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais,¹¹ - segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor,¹²- pelo qual temos ousadia e acesso com confiança, mediante a fé nele. Ef 3.10

A igreja é o palco de demonstração da multiforme sabedoria de Deus para que seus propósitos sejam cumpridos e se baseia na ousadia e confiança que todo crente pode diante de Deus, mediante a fé em Cristo.

A igreja é a nova humanidade que Deus está construindo em Cristo e é neste espaço que Cristo deve ser gerado nas pessoas e por isso, o aconselhamento bíblico deve ser exercido por toda a comunidade de fé. Isto traz a responsabilidade para que a liderança estabeleça um modo de vida em que os relacionamentos sejam o meio pelo qual o amor de Deus seja manifestado, não somente por palavras, mas também por experiências relacionais concretas. O amadurecimento espiritual deve ocorrer tanto na dimensão vertical com Deus,

como na dimensão horizontal com o próximo e deve ter como base a prática diária da Palavra de Deus.

Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração. Cl 3.16

As Escrituras revelam que a mutualidade, apesar de ter sido relegada a um segundo plano, é um aspecto fundamental do aconselhamento bíblico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idolatria começou com a decisão tomada no jardim do Éden de colocar a Palavra do Criador em dúvida e tem se agravado por causa da insistência humana em permanecer neste erro. O homem, desde o Éden, se tornou um ídólatra por natureza e tem orientado seu coração de acordo com a sua própria palavra. A idolatria, ao criar suas raízes, faz com que a ira seja usada para defender os ídolos e, desta forma, o coração protege aquilo que o destrói.

Este trabalho apresentou alguns princípios bíblicos para o trato das raízes ídólatras da ira e de seus efeitos a partir da proposta de uma aplicação ampla do Evangelho⁵²⁵. O objetivo foi o de contribuir para que o aconselhamento bíblico cumpra seu propósito de restaurar a imagem de Cristo nas pessoas.

O coração é a integração entre a mente, os afetos e a vontade. A fé, a esperança e o amor são o trinômio dinâmico que move o coração e formam a base para que o Evangelho possa ser aplicado de forma plena⁵²⁶. A apresentação de como o Evangelho pode ser aplicado para o trato das raízes ídólatras da ira pecaminosa e dos seus efeitos requereu que alguns aspectos fossem desenvolvidos.

A ira pecaminosa e a ira justa não podem ser confundidas. A pecaminosa está centrada nos desejos egoístas do homem e se materializa por meio de juízos morais emitidos por causa de males que são percebidos⁵²⁷. Isso a vincula à idolatria,

⁵²⁵ GOMES, Wadislau Martins. **Aconselhamento Redentivo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. A aplicação ampla do Evangelho se refere a proposta do Aconselhamento Redentivo feita por Wadislau Martins Gomes e que será melhor explicitada no tópico que trata sobre o referencial teórico deste trabalho.

⁵²⁶ Este parágrafo é um resumo da tese que sustenta o referencial teórico deste trabalho e que terá por base a proposta de GOMES, Wadislau Martins. **Aconselhamento Redentivo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

⁵²⁷ JONES, Robert D. **Ira: Arrancando o mal pela raiz**. São Paulo: Nutra, 2010. p.15

pois ocorre quando o homem tenta se colocar como legislador. A ira legítima, por sua vez, possui a glória de Deus como alvo e resulta da percepção de que a Lei do Criador foi violada⁵²⁸. A ira pecaminosa foi diferenciada da ira justa e o aspecto moral deste pecado foi evidenciado. Os frutos da ira e o seu relacionamento com os desejos pecaminosos do coração foram fundamentados biblicamente.

A forma abrangente como as Escrituras tratam a idolatria foi apresentada. O início da prática deste pecado se deu na queda com Adão e Eva que tentaram viver como seres criados e autônomos, o que é uma contradição em termos. Com a queda, a desobediência e a idolatria passaram a fazer parte da experiência humana⁵²⁹. No Pentateuco, a infidelidade do povo que se revelou de forma recorrente foi relatada nos livros históricos e nos profetas com seus desdobramentos, todos no Novo Testamento⁵³⁰.

A idolatria provoca sérias distorções na forma como se enxerga a realidade e cria referenciais que, quando violados, levam à ira pecaminosa. A idolatria faz com que o coração humano se torne contrário ao Criador e que a ira pecaminosa seja a defesa mais natural para os ídolos que foram criados para a satisfação de desejos pecaminosos⁵³¹.

A compreensão bíblica e correta da ira pecaminosa é fundamental para o seu trato. A ira não pode ser reduzida a algo que ela não é. Uma reação inata e desencadeada pelo contexto hostil ou uma reação às frustrações inerentes à vida humana não definem este pecado. Causas biológicas ou emocionais, embora importantes de serem consideradas, também não resumem este pecado⁵³². A ira foi tratada dentro da sua integralidade e como uma emoção moral que vai além das visões que a classificam apenas como um sistema de crenças ou como uma questão meramente comportamental – teóricos cognitivos e behavioristas respectivamente⁵³³. Esses aspectos foram fundamentais para

⁵²⁸ JONES, op. cit., p. 38-39.

⁵²⁹ MEISTER, Mauro. **A Origem da Idolatria**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 24. Segundo Meister, esse foi o momento exato em que nasceu a idolatria.

⁵³⁰ Este capítulo terá como base a obra de BEALE G K: *Você se torna aquilo que adora, mas não se restringirá a ela*.

⁵³¹ PRIOLO, Lou. **Filhos irados: uma abordagem bíblica**. 2.ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018. p.131.

⁵³² COLINS, Michael. **Aconselhamento Cristão Edição Século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p.144-145.

⁵³³ JONES, Robert D. op. cit., p.19, 20.

que princípios bíblicos e aplicações pastorais fossem apresentados para o trato das raízes idólatras da ira pecaminosa e das suas consequências.

As raízes idólatras da ira como pecado somente podem ser tratadas com o Evangelho e as Escrituras fornecem todas as informações necessárias para a compreensão e o trato da ira pecaminosa. A solução para as raízes idólatras da ira e para o trato dos seus efeitos passa pelo treinamento do coração na obediência a Deus por amor, no desenvolvimento da fé por meio da Palavra e do fortalecimento da Esperança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Jay E. **Conselheiro Capaz**. São Paulo. Editora Fiel. 10ª reimpressão, 2008. P. 205-211.

_____. **Teologia do Aconselhamento Cristão**. Eusébio, CE: Ed Peregrino, 2016.

ALLCHIN Tim. **10 Cross-Focused Principles Versus Horizontal Strategies for Dealing with Anger**. Disponível em: <<https://www.biblicalcounselingcoalition.org/2015/07/02/10-cross-focused-principles-versus-10-horizontal-strategies-for-dealing-with-anger/>> Acesso em: 22 Maio 2019.

BEALE, G.K. **Você se torna aquilo que adora: Uma teologia bíblica da idolatria** - São Paulo: Vida Nova, 2014.

BERKOFF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, p.158
Bíblia do conselheiro, 2012. p. 416.

BRASIL, Sociedade Bíblica do. **Bíblia Sagrada Nova Almeida Atualizada**. Sociedade Bíblica do Brasil. Edição do Kindle.

BRIDGES, Jerry. **Pecado Intocáveis**. São Paulo: Vida nova, 2012.

BRIDGES, Jerry. **Exercita-se na piedade**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2016. p.25.

CALVINO. As Institutas. Ed Clássica. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2006. v. 1.

CAMPOS, Heber Carlos de Jr. **Tomando decisões segundo a vontade de Deus**. SP: Editora Fiel, 2013. p.31.

CARSON, D.A. **O Comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd publicações, 2010.

COLINS, Michael. **Aconselhamento Cristão**. Edição Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2005.

CRABB, Larry. **De dentro para fora**. MG: Editora Betânia, 1992. p.14,15-19.

CRUZ, Carla. **Metodologia Científica: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Axel Books do Brasil, p.33.

DSM-IV-TR. Casos clínicos. v. 2, p. 351-353.

EMLET, Michael R. **Conversa Cruzada**. São Paulo: Cultura Cristã, (F. Wellington Ferreira, Trad.) 1. ed. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2015. v.5, p. 12-13.

FADIMAM, J.; FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. Ed. Harper & How do Brasil Ltda. São Paulo, SP, 1979.

FITZPATRICK, Elyse. **Ídolos do coração. Aprendendo a desejar apenas Deus**. São Paulo: Ed Batista Regular, 2009.

FONTES, Filipe. **Idolatria do coração: um inimigo ignorado**. Brasília, DF: Editora 371, 2019. p.52.

GOBRY, Ivan. **Vocabulário grego da filosofia**. São Paulo: WMF Martins fontes, 2007.

GODOWA, Brian. **Cinema e Fé Cristã**. Ed Ultimato. Esta é uma das principais teses desta obra.

GOMES, Wadislau Martins. **Aconselhamento Redentivo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

_____. **Prática do aconselhamento redentivo: um modelo básico de aconselhamento cristão**. Brasília, DF: Monergismo/Refúgio, 2018.

GREGGO, Stephen P.; SISEMORE, Timothy A. **Counseling and Christianity: Five Approaches**. EUA: InterVarsity Press, 2012.

GRONINGEN, Gerard Van. **Criação e Consumo. O reino, a Aliança e o Mediador**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. v. 2

GRUDEM, Wayne. **A Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GUINNESS, Os. **Sete Pecados Capitais**. São Paulo: Shedd publicações, 2006. p.115.

HAVILAND, William A. et al. **Princípios de Antropologia**, Tradução de Elisete Paes Lima, São Paulo: Cengage Learning, 2011.

HELM, P. **A Providência de Deus**. (V. Barbosa & C. A. B. Marra, Orgs., V. Barbosa, Trad.) 1. ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2003. p. 84.

HENDRIKSEN, W. **Efésios e Filipenses**. 3. ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã. p.258-259.

HOEKEMA, Anthony. **Criados a imagem de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

HORTON, Michael. **Cristianismo sem Cristo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

HUBBARD, David A. **Oséias Introdução e Comentário**. São Paulo. SP: Vida Nova, 1993.

HURDING, Roger F. **Árvore da cura. Fundamentos psicológicos e bíblicos para aconselhamento cristão e cuidado pastoral**. - São Paulo: Vida Nova, 1995.

JONES, Robert D. **Ira: Arrancando o mal pela raiz**. - São Paulo: Nutra, 2010.

KASCHEL, W.; Zimmer, R. **In Dicionário da Bíblia de Almeida**, 2. ed. Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

KELLER, Timothy. **Deuses falsos: ele prometem sexo, poder e dinheiro, mas é disso que você precisa?** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução a Antropologia Missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MACKARTHUR, John F. **Introdução ao Aconselhamento Bíblico: Um guia prático dos princípios e prática do aconselhamento**. John F. MackArthur, Jr; Wayne A. Mack e o corpo docente do Master's College. São Paulo: Hagnos, 2004.

MANSER, M. H. **Guia Cristão de Leitura da Bíblia**. (D. Pereira, V. Araújo, F. Machado, & A. Soares, Orgs., L. Aranha, Trad.) 1. ed. Bangu, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2013. p. 138.

MEISTER, Mauro. **Lei e Graça. Ou lei é graça? Como ambas se relacionam segundo a Escritura** – São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

_____. **A origem da idolatria**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

NASH, Ronald. **Questões últimas da vida**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

OS, GUINNESS. **Sete pecados capitais: navegando através do caos em uma época de confusão moral.** São Paulo: Shedd publicações, 2006.

OSWALT, J. **Isaías.** (C. A. B. Marra, Org., V. G. Martins, Trad.) 1. ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011. v. 2, p. 2019.

OUWENEEL, Willen. **Coração e Alma. Uma Perspectiva cristã da psicologia.** São Paulo: Cultura Cristã, 2014. p. 7

PLANTINGA, Cornelius. **Não era para ser assim. Um resumo da dinâmica e natureza do pecado.**

POWLISON, David. **A suficiência das Escrituras para diagnosticar e curar as almas.** Coletâneas de aconselhamento. Coletâneas 5, v. 5 p. 6.

_____. **Três Mentiras sobre a Ira e a Verdade Transformadora.** Coletânea de Aconselhamento Bíblico. Seminário Bíblico Palavra da Vida, Atibaia. SP. v. 5 p.84-98.

_____. **Como compreender a ira.** Coletâneas de aconselhamento bíblico. v. 5.

_____. **Uma nova visão.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p.167-168.

PRIOLO, Lou. **Filhos irados: uma abordagem bíblica.** 1. ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018.

RIDDERBOS, Herman. **A teologia do Apóstolo Paulo: a obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios.** São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

SAM R, William. **Teologia das emoções - Uma Abordagem.** Dokimos, Nutra, São Paulo, 2005. v. 1.

TROMBLEY, Stephen. **50 pensadores que formaram o mundo moderno**. Rio de Janeiro: LeYa, 2014.

SÊNECA. **Sobre a Ira, Sobre a Tranquilidade da Alma - Diálogos**. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

SHEDD, Russell P. **Epistolas da Prisão: uma Análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom**. SHEDD Russell P & DEWEY M. Mulholland. São Paulo: Vida Nova, 2005.

SHERLOCK, C. **A Doutrina da Humanidade**. Cambuci; São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

SIRE, James. **O Universo ao Lado**.

SPROUL, R. C. **Como Devo Viver Neste Mundo?** (T. J. Santos Filho, Org., F. Wellington Ferreira, Trad.) São José dos Campos, São Paulo: Editora FIEL, 2013.

STRONG, J. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

WALSH, Brian; Middleton, Richard. **A visão transformadora**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 16.

WALTKE, B. K. **Provérbios**. (S. Klassen, Trad.) 1. ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011. v. 1, p.142

WELCH, Edward T. **Hábitos escravizadores** - São Paulo: Nutra Publicações, 2015.

_____. **Motivação: Porque faço o que faço?** Tradução e adaptação de Motives: Why Do I Do The Things I Do? Publicado em The Journal of Biblical Counseling. Fall, 2003. v. 22. n. 1.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico expositivo: Antigo testamento:** Volume IV, Profético - Santo André. SP: Geográfica editora, 2006.